

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Os marcadores da enunciação: sua reali-
zação no discurso escolar

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Mestre em Letras, opção Lingüística.

ANTONINA COELHO PINTO

JUNHO/1980.

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras - Especialidade Lingüística, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação.

Maria Marta Furlanetto

Prof^ª. MARIA MARTA FURLANETTO

Coordenadora do Curso

Orientadoras:

Maria Marta Furlanetto

Prof^ª. MARIA MARTA FURLANETTO

Teresinha Oenning Michels

Prof^ª. TERESINHA OENNING MICHELS

Banca Examinadora:

Maria Marta Furlanetto

Prof^ª. MARIA MARTA FURLANETTO

Isolde de Souza

Prof^ª. ISOLDE DE SOUZA

José Curi

Prof. JOSÉ CURÍ

A ESCOLÁSTICA COELHO PINTO
(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

- A Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, através de sua Coordenação de Pós-Graduação, pela oportunidade de realização do curso.
- Ao Governo do Estado de Mato Grosso, pela autorização para frequentar o curso.
- Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, sua coordenação do Curso de Linguística, meus professores.
- À Chefe do Departamento de Letras da FUFMT, pela decisiva colaboração.
- Às professoras Teresinha Oenning Michels e Maria Marta Furlanetto, pelo contínuo incentivo, eficiente orientação e grande amizade.
- A todos aqueles que, de alguma forma, deram sua parcela de colaboração, para concretização deste trabalho.

R E S U M O

Partindo da observação de que as pesquisas sobre o ensino da Língua Portuguesa, estão geralmente, voltadas para o aspecto da correção gramatical, procurou-se, neste trabalho, focalizar, através de uma das modernas técnicas de análise do discurso, os aspectos relativos à comunicação no meio escolar, objetivando verificar se o discurso do aluno estaria respondendo às funções primordiais da linguagem: comunicação e expressão.

O trabalho foi desenvolvido segundo a teoria da enunciação, e consta de duas partes: uma teórica e outra prática.

Na parte teórica, encontra-se um capítulo sobre as diferentes noções de dêixis; um capítulo sobre os embreadores - de Jakobson, os índices de enunciação de Benveniste e os conceitos de base da enunciação.

Na parte prática, encontra-se um levantamento de marcas enunciativas no discurso de alunos de 1º grau, nível 5 a 8, e a freqüência dessas marcas.

R É S U M É

A partir de l'observation que les recherches sur l'enseignement de la Langue Portugaise sont, en général, tournées vers l'aspect de la correction grammaticale, on a cherché dans le présent travail à mettre en évidence, à l'aide d'une des techniques modernes d'analyse du discours, les aspects relatifs à la communication en milieu scolaire et de vérifier de cette manière, si le discours des élèves répond aux fonctions primordiales du langage que sont la communication et l'expression.

Ce travail a été développé selon la théorie de l'énonciation et comprend deux parties: l'une théorique et l'autre pratique.

Dans la partie théorique, on trouvera un chapitre sur les différentes notions de deixis, un chapitre sur les embrayeurs de Jakobson, les indices d'énonciation de Benveniste et les concepts de base de l'énonciation.

Dans la partie pratique, on trouvera un relevé de marques énonciatives dans le discours des élèves du 1^{er} degré, du niveau 5 à 8, et la fréquence de ces marques.

SÍMBOLOS USADOS NO TRABALHO

- (M) Mensagem
- (C) Código
- (M/M) A mensagem remete à mensagem
- (C/C) O código remete ao código
- (M/C) A mensagem remete ao código
- (C/M) O código remete à mensagem
- (a) Enunciação
- (e) Enunciado
- (C) O processo em si
- (T) Qualquer protagonista do processo
- (C^e) Processo de enunciado
- (C^a) Processo de enunciação
- (T^e) Protagonista do processo de enunciado
- (T^a) Protagonista do processo de enunciação
- (*) Sinal de vocábulo inexistente em nosso léxico

S U M Á R I O

	PÁGINAS
INTRODUÇÃO	10
PARTE I : FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO GERAL	
1.1. As diferentes noções de dêixis.....	14
NOTAS DO CAPÍTULO 1	21
CAPÍTULO 2 - OS ELEMENTOS TEÓRICOS DA ENUNCIÇÃO	
2.1. Os embreadores de Jakobson	
2.1.1. Os quatro tipos duplos.....	23
2.1.2. As categorias verbais.....	28
2.2. Os índices de enunciação (BENVENISTE I)	
2.2.1. A pessoa no verbo.....	35
2.2.2. Dois níveis de enunciação: história e discurso.....	38
2.2.3. A natureza dos pronomes.....	40
2.2.4. A intersubjetividade da linguagem	44
2.2.5. Os enunciados performativos.....	47
2.3. Os índices de enunciação (BENVENISTE II)	
2.3.1. As categorias de pessoa e de tempo	51
2.3.2. O aparelho formal da enunciação..	54
2.4. Outros conceitos de base da enunciação..	59
2.5. Para uma tipologia dos discursos.....	64

2.6. Comentário crítico (Capítulo 1 e 2).....	69
NOTAS DO CAPÍTULO 2.....	79
PARTE II - APLICAÇÃO DA TEORIA	
CAPÍTULO 3 - O DISCURSO DO ALUNO DE 1º GRAU DE CUIABÁ, NÍVEL 5 a 8	
3.1. Reflexões Pedagógicas.....	84
3.2. O corpus lingüístico.....	88
3.2.1. Constituição da amostra.....	88
3.2.2. Hipóteses de trabalho.....	88
3.2.3. Variáveis.....	88
3.2.4. Invariantes.....	89
3.2.5. Instrumento de coleta de dados...	89
3.3. Análise do corpus	
3.3.1. Critérios de análise.....	90
3.3.2. Análise dos resultados.....	92
3.3.3. Conclusão.....	98
3.4. O fraco índice de marcas enunciativas e suas possíveis causas.....	100
3.4.1. Para uma liberação da palavra....	108
NOTAS DO CAPÍTULO 3	110
CONCLUSÃO.....	113
BIBLIOGRAFIA INSTRUMENTAL.....	117
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	120
ANEXOS (Redações)	

INTRODUÇÃO

Observando que as pesquisas sobre a redação de nos sos alunos estão, geralmente, mais voltadas para o aspecto da correção gramatical, surgiu a idéia de que poderíamos proceder a um estudo com vistas ao aspecto da comunicação e expressão, ainda mais incentivados que estávamos pela própria Lei 5.692 de 11.08.71, que dá ênfase a esse aspecto muito importante, mas um tanto descuidado por parte de nosso professorado.

Verificar, dessa forma, como os nossos alunos se expressam, se o ensino/aprendizagem da língua materna favorece ou freia as funções primordiais da linguagem, se o ensino de 1º grau estaria contribuindo para que o aluno desenvolva sua capacidade de comunicação e expressão, eis os aspectos que nos sur giram como decorrência de nossa proposta inicial.

Baseados nesses questionamentos, pensamos em abordar a problemática do discurso de nossos alunos, procurando, na teo ria lingüística geral, o embasamento teórico que melhor contribuisse para nos fornecer diretrizes seguras e capazes de observar seu desempenho lingüístico.

Assim sendo, buscamos na lingüística aplicada ao en sino uma metodologia que fosse capaz de observar as produções e o processo de produções lingüísticas de nossos alunos, ou seja, um método de análise do discurso.

De posse desses dados, estabelecemos nosso objetivo, que seria realizar, subsidiados pelos elementos teóricos da enunciação, um levantamento de presença de marcas enunciativas no discurso de nossos alunos de 1º grau, nível 5 a 8, e verificar com que frequência essas marcas nele estão presentes.

Dividimos nosso trabalho em duas partes: uma teórica e outra prática. A parte teórica contém dois capítulos e a parte prática um capítulo.

A primeira parte tem por objetivo realizar, na medi-

da do possível, um levantamento sistemático da literatura existente sobre a enunciação, e apresentar de uma maneira sucinta como os lingüistas expõem suas teorias.

A segunda parte consta da aplicação desses elementos teóricos.

No primeiro capítulo, realizamos um apanhado sobre as diferentes noções de dêixis, para finalmente optarmos por uma dêixis vista de um ângulo estritamente lingüístico, ou seja, como indicadora de subjetividade, noção totalmente assimilada à questão da enunciação do sujeito do discurso.

No segundo capítulo, abordamos os embreadores de Jakobson, os índices de enunciação de Benveniste, e encerramos o capítulo com um comentário crítico.

No terceiro capítulo, realizamos algumas reflexões sobre a situação atual do ensino da Comunicação e Expressão em nossas escolas; em seguida descrevemos um corpus lingüístico, seguido da análise desse corpus e suas conclusões. Por último, tentamos interpretar, empiricamente, as possíveis causas do fraco índice de marcas enunciativas, para depois voltarmos nossa atenção à problemática da liberação da palavra, em cujo item o professor encontrará algumas sugestões para provável aplicação em suas aulas.

A bibliografia instrumental, que se encontra no final deste trabalho, tem por objetivo fornecer aos professores da matéria Comunicação e Expressão e/ou Comunicação em Língua Portuguesa, subsídios que possam colocá-los a par do que se tem de novo e útil no campo da lingüística geral, notadamente, no campo da análise do discurso, e dessa forma direcioná-los a uma abordagem científica de sua matéria e posteriores aplicações. Seu objetivo terminal, conseqüentemente, é a melhoria do processo ensino - aprendizagem.

Nosso trabalho não tem a pretensão de ser profundo ou exaustivo, antes de tudo limita-se tão-somente a questionar o problema e a conscientizar o professorado de que o fenômeno

existe. Pesquisas mais exaustivas poderão ser realizadas posteriormente.

PARTE I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO GERAL

1.1. As diferentes noções de dêixis

Antes de nos aprofundarmos no estudo da dêixis, na sua acepção que neste trabalho chamaremos de "lingüística", achamos necessário esclarecer os vários pontos de vista que giram em torno desse termo.

Mattoso Câmara assim se refere com relação à dêixis:

"Faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêítica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema lingüístico. Podemos dizer que o SIGNO lingüístico apresenta-se em dois tipos: o SÍMBOLO, em que o conjunto sônico representa ou simboliza e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra. O pronome é justamente o vocábulo que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema lingüístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais seres situados fora do eixo falante - ouvinte". (1)

Herculano de Carvalho⁽²⁾ distingue quatro espécies de significação gramatical: a significação categorial ou classificadora, a relacional ou relacionadora, a atualizadora e a significação dêítica ou mostrativa. A significação dêítica ou

mostrativa (a dêixis, gr. δειξίς) pode ser realizada por determinadas formas lingüísticas. Estas formas equivalem a um gesto, podendo também acompanhá-lo e esclarecê-lo. Mostram também um objeto que pertence ao contexto real (extraverbal) ⁽³⁾ ou que já foi ou vai ser imediatamente mencionado no contexto verbal. Exercem significação dêitica os pronomes demonstrativos, os pessoais e possessivos e os advérbios de lugar e de tempo, e ainda o artigo definido, os pronomes indefinidos, tais como: o tal, o outro, o mesmo, e ainda os pronomes relativos e o advérbio de modo "assim". Pela significação dêitica sucede que o objeto real assim mostrado é imediatamente introduzido no discurso, não havendo necessidade de ser previamente denominado e portanto classificado como pertencente a uma das classes ou espécies de objetos que constituem as categorias de significação categorial do primeiro grau.

Herculano de Carvalho ⁽⁴⁾ afirma que há três modalidades de dêixis segundo Karl Bühler: a mostração "ad oculos", também denominada material ou instrumental, a mostração anafórica e a mostração em fantasma. Karl Bühler engloba essas três modalidades em uma só categoria com o nome de dêixis egocêntrica e acrescenta uma quarta que recebe o nome de dêixis topomnástica.

Quando o emissor torna presente pela imaginação ou mesmo aponta algum objeto ausente dá-se a mostração em fantasma. Ao lingüista interessa, em particular, a dêixis "ad oculos" e a dêixis anafórica, ao passo que ao psicólogo e ao estudioso da criação poética interessa a mostração em fantasma.

Encontra-se com uma certa freqüência a mostração anafórica no estilo refletido ⁽⁵⁾ e em particular no texto escrito. O decodificador poderá encontrar a partir de uma releitura, a palavra, nome do objeto, a que o mostrativo se refere. É, no entanto, conveniente acentuar que a anáfora também poderá ser encontrada no discurso oral e no estilo coloquial.

Ocorre a mostração "ad oculos" quando o categorema

(morfema) mostrativo aponta, opcionalmente acompanhando o gesto, para um objeto que não tenha sido identificado previamente como fazendo parte de uma dada classe, isto é que tenha sido incluído na extensão do conceito designado por um dado nome. Também pode ocorrer a mostraçãõ "ad oculos" quando o objeto apontado foi anteriormente ou logo em seguida sujeito a uma identificação de uma maneira explícita, ou seja por meio de palavras ("Eis aqui dois lápis. Este deve ser teu"; "Esta caneta é de prata) , ou não explícita, ou seja, ele é um elemento conhecido do contexto extraverbal e seus interlocutores (emissor e receptor) sabem tratar-se desse objeto: "Este é de cristal" (eu e tu sabemos ser um copo).

A existência de um termo ou ponto de referência, que seja evidente e que não apresente ambigüidade para o receptor é fator indispensável para que a dêixis funcione. Esse termo ou baliza referencial é a pessoa do próprio sujeito que fala, no momento em que fala e em que, apontando ou chamando a atenção para si próprio, se designa como EU. Egocêntrica é a mostraçãõ que assim procede.

Há ainda um tipo de dêixis que não seria egocêntrica e que nem apontaria com o dedo, mas "nomearia" usando como ponto de referência o corpo humano do emissor, ou alguns pontos familiares na paisagem, no terreno, na área geográfica em que vive a comunidade. É a deixis topomnéstica e para exemplificá-la poderíamos citar a palavra "pé" (parte do corpo humano do emissor) que valeria por "aqui".

A mostraçãõ ou dêixis, cuja origem está no próprio ato de fala, e que surge do conjunto de relações provenientes do próprio ato de comunicação e cujo conjunto de relações constitui a situação do discurso, surge primariamente como a gênese da categoria gramatical da pessoa, independente do fato de que esta pessoa possa manifestar-se num categorema (o pronome pessoal) ou em um morfema preso na variaçãõ flexional do verbo, ou mesmo de

ambos os modos simultaneamente. Partindo de tais princípios Herculano de Carvalho (1974, p. 666) mostra a estruturação do campo mostrativo dentro do qual decorre a comunicação e fazemos questão de transcrevê-lo na íntegra pelo simples fato de ser, a nosso ver, o ponto culminante de toda a sua doutrina sobre a significação dêitica. Eis, na íntegra, a passagem:

"Desta maneira, na relação dialéctica reversível dos sujeitos do discurso surgem o 'eu' e o 'tu' e, logo em seguida, oposto aos dois termos fundamentais, o terceiro termo 'ele' . Partindo pois do 'eu' e sobre ele assentando o 'aqui' e o 'agora', fica constituído o campo mostrativo dentro do qual decorre a comunicação entre os dois sujeitos, que alternadamente funcionam como emissor e receptor, orientados, na sua capacidade de referência aos objetos externos (mas também internos), por essas três balizas de pessoa, lugar e tempo".

Exercem função dêitica material ou "ad oculos" os pronomes pessoais e os pronomes possessivos da 1ª e 2ª pessoa, os advérbios de lugar ('aí' pode algumas vezes constituir uma exceção), os advérbios de tempo, o advérbio de modo 'assim' e o pronome indefinido 'o outro'. São dêiticos anafóricos os pronomes que servem de complemento, ou sejam, os pronomes pessoais obliquos, o pronome reflexivo, este sendo tipicamente anafórico, haja vista que indica que a ação praticada pelo sujeito sobre ele reverte anteriormente expresso no mesmo sintagma. Também são anafóricos os artigos definidos, o pronome relativo, o pronome indefinido 'o outro' e o advérbio de modo 'assim'. O pronome pessoal da terceira pessoa com função de sujeito, e os demonstrativos ora exercem significação dêitica, ora exercem significação anafórica.

Todorov (6) diz que a dêixis é o termo que se usa nas gramáticas clássicas para os problemas que dizem respeito à enunciação, acrescentando, entretanto, que evita usar este ter-

mo (dêixis) pelo fato de o mesmo remeter a dois tipos de fenômenos sendo que as formas dêíticas se subdividem em dois grupos. Segundo Benveniste, apud Todorov (1970, p. 10), uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo que chamaremos as "instâncias do discurso, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em fala por um locutor". A partir de esses elementos pode-se estabelecer a diferença entre a dêixis indicial da dêixis anafórica ou, conforme os termos usados por Morris e Benveniste, os signos pragmáticos dos signos sintáticos. O exame da dêixis anafórica pertence ao campo da retórica, antes que à ciência da enunciação.

O caráter dual dos aspectos lingüísticos da enunciação foram descritos, em primeiro lugar, pelo semiótico Charles Sanders Peirce (7) apesar de essa categoria já figurar nas gramáticas gregas e latinas. Os aspectos lingüísticos da enunciação são símbolos, isto é, signos convencionais porque pertencem ao código da língua, por exemplo, a palavra 'eu' é uma palavra do léxico português, e são índices ou indicadores porque contêm um elemento da situação da enunciação, ou seja, o símbolo 'eu' designa aquela pessoa que fala em um dado momento e em um determinado lugar. Não nos esqueçamos de que, de acordo com as idéias contidas no trabalho de Peirce (1972, p. 133), os indicadores estão, psicologicamente, em relação de contigüidade com a realidade exterior e não em relação de similaridade ou de operações intelectuais (8).

Karl Bühler (9) numa perspectiva mais psicológica, realizou um estudo sobre o campo mostrativo da linguagem e os demonstrativos. Para Bühler os modos de indicar são vários e distingue no seu estudo três modalidades de dêixis: a dêixis "ad oculos" cuja indicação está voltada para os objetos ou seres presentes, a dêixis anafórica, que assinala o ausente já conhecido ou aquilo que ainda se vai conhecer, e a dêixis em fantasma ou de fantasia, referência dêítica a um campo da recordação ou da fantasia.

Michel Lahud (10) é de parecer que uma semântica es

pecificamente lingüística deve desvincular-se do estudo da referência, uma entidade semiológica "à double face". Em decorrência disso, chega-se à conclusão de que não é possível tentar uma aproximação entre a definição dos dêiticos de Jakobson (em-brayeurs) e Benveniste (indicateurs de subjectivité) ⁽¹¹⁾ daquela cuja elaboração parte de um esquema semiótico ternário onde é de capital importância a relação do signo com o mundo das coisas. Lahud (1976, p. 46) dirá que:

"De fato, na perspectiva que denominaremos "lingüística", os dêiticos não se apresentam como uma espécie particular de indicadores referenciais - aqueles que indicam uma relação entre o objeto e o enunciado que contém o indicador - mas, antes, como indicadores de subjetividade, para usarmos a expressão oportuna de Benveniste, isto é, termos relacionando o enunciado dêitico com o próprio sujeito da enunciação, indicando assim a "posição" deste em relação ao seu próprio discurso".

Neste sentido a noção de dêixis está relacionada à questão da enunciação e do sujeito (do discurso), portanto totalmente separada da noção de uma dêixis integrada à problemática da referência.

Michel Lahud (1976, p. 44) mostra que os dêiticos numa perspectiva "lógica" apresentam-se como uma categoria especial de expressões referenciais definidas cujas significações não fornecem uma "descrição" propriamente dita do objeto denotado, mas apenas uma indicação precisa. Portanto, a significação dos dêiticos torna possível a identificação referencial não através de uma propriedade intrínseca do individual referido, mas da posição do objeto em relação ao próprio signo, ao locutor e às demais coordenadas do singular ato de discurso no qual o dêitico é utilizado. No mesmo trabalho afirma que a significação dos dêiticos varia de acordo com a situação. Vejamos o que diz:

"A significação dos dêiticos, embora perfeitamente determinada e constante, é tal que uma mudança de situação implica necessariamente uma mudança de denotação - esta sendo a caracterização mais concisa desses signos quando considerados a partir de tal perspectiva lógico-semântica: e perspectiva que podemos agora mostrar ser a de Peirce, ao designar os pronomes possessivos, relativos e demonstrativos como símbolos - índices" (12).

Retornando ao estudo de Lahud (1976, p.48) sobre as diferentes noções de dêixis, vamos encontrar a noção semântica de natureza "psicológica" que pode ser compreendida como sendo aquela cuja "significação" pode ser identificada à associação dos signos com os objetos diante dos quais o aprendizado semântico deve ser feito. Por isso quando Jespersen, apud Lahud, define os "shifters" como uma classe de palavras muito problemática para as crianças porque seus significados variam segundo a situação, reconhecemos que essa definição tem razão de ser porque é resultado dessa perspectiva psicológica. Assim sendo, uma noção semântica de natureza "psicológica" deve remeter, de acordo com as idéias de Lahud, a:

"Palavras que ao mesmo tempo que as aplicam a coisas do real, funcionam como uma espécie de "anti-nomes próprios psicológicos", sua "variabilidade semântica" correspondendo, na verdade, ao seu caráter refratário à própria dêixis, mas aqui no sentido de "ostensão" (13).

Russel, apud Lahud (1976, p. 53) afirma que os dêiticos (particulares egocêntricos) "dependem da relação do usuário da palavra com o objeto que a palavra concerne", ou em outra formulação, "indicam sua própria relação causal de produção, segundo o esquema psicológico estímulo/resposta". Ora, partindo desse princípio, nada mais óbvio em afirmar que a definição rus

seliana dos dêiticos também é psicológica. Lahud (1976, p. 54) tenta dar uma explicação mais pormenorizada:

"O objeto que a palavra concerne' da definição de Russel nada mais é do que o estímulo ao qual o locutor -máquina reage, enunciando um dêitico adequado, conforme sua própria "posição" em relação a esse estímulo, isto é, segundo a relação causal entre ele mesmo e aquilo de que fala. É por isso que o dêitico assim concebido remete necessariamente a uma experiência (perceptiva), da qual ele "depende", efetivamente, mas da qual não podemos dizer que é "significada" por ele; o dêitico, na verdade, apenas indica a egocentricidade daquilo que está sendo dito; indica que é uma relação causal qualquer entre o estímulo e o ego que está na base deste enunciado - resposta de ego. Conseqüentemente, o que distingue Eu - agora, por exemplo, de um nome próprio "não faz parte daquilo que é enunciado por uma frase contendo 'Eu - agora', mas é somente uma expressão da relação causal entre aquilo que é enunciado e sua enunciação".

Em resumo: examinamos várias definições de dêixis e percebemos que as diferentes realidades que ela encobre não são totalmente conciliáveis. É que a noção de dêixis sofre a determinação do conjunto de questões e problemas nos quais está inserida. É uma noção semântica e a semântica interessa a lógicos, filósofos, psicólogos, lingüistas, e cada qual visa ao seu ponto de vista particular. Neste trabalho, estamos interessados, particularmente, no seu sentido estritamente lingüístico, isto é, uma noção de dêixis totalmente assimilada à questão da enunciação e do sujeito do discurso.

NOTAS DO CAPÍTULO 1

- (1) Mattoso Câmara Jr., J. - Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 90.
- (2) Carvalho, José G. Herculano de - Teoria da Linguagem. Tomo I. Coimbra, Atlântida, 1973, p. 203.
- (3) Herculano de Carvalho (1973, p. 366) chama contexto extra verbal ou contexto real ao conjunto de todos os objetos, circunstâncias e acontecimentos extra-linguísticos (ma teriais ou imateriais, reais, ou imaginados) que, media ta ou imediatamente, determinam a produção da mensagem e a que esta, explícita ou implicitamente, se refere ou faz supor.
- (4) Carvalho, José G. Herculano de - Teoria da Linguagem. Tomo II. Coimbra, Atlântida, 1974, p. 666.
- (5) Herculano de Carvalho não explicita o que vem a ser esti lo refletido, entretanto, captamos o seu sentido como correspondente a estilo formal.
- (6) Todorov, Tzvetan - Problemas da Enunciação. Langages 17. Paris, Didier - Larousse, 1970, p. 10. Tradução de Ma ria Marta Furlanetto.
- (7) Peirce, Charles Sanders - Semiótica e filosofia. São Pau lo, Cultrix, 1972, p. 115.
- (8) A caracterização dos dêiticos na perspectiva de Peirce ma nifesta perfeitamente um ponto de vista lógico - semântico, noção que veremos posteriormente nesta seção.
- (9) Bühler, Karl - Teoria del lenguaje. Madrid, Revista de Occidente, 1967, p. 137.
- (10) Lahud, Michel - "Egocentric Particulars": os dêiticos na concepção de Russel. In: Revista Latinoamericano de Fi losofia, Vol. I, nº 1, marzo, 1976, p. 46.
- (11) Como nosso trabalho está voltado para uma dimensão lin-

güística da dêixis, um estudo detalhado sobre os dêíticos de Jakobson e Benveniste encontra-se no Capítulo 2 desta dissertação. Fica, assim, justificada a não inclusão destes dois autores, nesta seção.

(12) Op. cit., p. 44.

(13) Op. cit., p. 48.

CAPÍTULO 2 - OS ELEMENTOS TEÓRICOS DA ENUNCIÇÃO

2.1. Os embreadores de Jakobson (1)

2.1.1. Os quatro tipos duplos.

Segundo Jakobson (1963, p. 178):

"Todo código lingüístico contém uma classe especial de unidades gramaticais que se pode chamar de embreadores; a significação geral de um embreador não pode definir-se fora de uma referência obrigatória à mensagem".

Antes de aprofundarmos a noção de embreador, veremos como Jakobson introduz seus pressupostos teóricos. Partindo de rápidas considerações acerca da teoria da comunicação, distingue quatro tipos de relações entre a mensagem (enunciado) e o código (língua) até chegar à classe dos embreadores.

Ele afirma:

"Uma mensagem transmitida por um emissor deve ser devidamente percebida pelo receptor. Toda mensagem deve ser codificada pelo emissor e decodificada pelo receptor. Quanto mais o receptor capta o código empregado pelo emissor, maior será a quantidade de informação conseguida. A mensagem (M) e seu código subjacente (C) são veículos de comunicação lingüística, mas os dois funcionam de maneira dupla; ambos tanto podem ser sempre tratados, como objetos de utilização (significantes), quanto como objetos de referência (referentes). Assim sendo, a mensagem pode referir-se ao código ou a outra mensagem, do mesmo modo que, por outro lado, o significado geral da unidade do código implicará uma referência (retorno) ao código ou mensagem" (1963, p. 176).

Em decorrência do acima exposto, Jakobson distingue quatro tipos duplos de relações entre a mensagem (enunciado) e o código (língua): (1) dois tipos de circularidade - a mensagem remete à mensagem (M/M) e o código remete ao código (C/C); (2) dois tipos de superposição (overlapping) - a mensagem remete ao código (M/C), e o código remete à mensagem (C/M).

Jakobson explicita esses quatro tipos duplos:

1 - A mensagem remete à mensagem (M/M).

Um discurso citado, ou simplesmente citação, é um enunciado com enunciação reproduzida. É um discurso no interior de uma mensagem e, ao mesmo tempo, um discurso acerca do discurso, uma mensagem acerca da mensagem, segundo Voloshinov, (apud Jakobson, p.177). Existe uma multiplicidade de possibilidades de citação, o discurso direto e indireto e diversas formas de "estilo indireto livre". Há línguas que empregam uma forma morfológica especial para indicar o discurso citado. Dessa maneira, em tunica todas as declarações feitas de ouvido são marcadas por um "posfixo de citação" /-áni/ acrescentando ao predicado. A título de ilustração, podemos dar o seguinte exemplo: "Luis disse-me que Antonio chegou", que constitui uma forma de citação.

2 - O código remete ao código (C/C).

Os nomes próprios ocupam um lugar particular no código lingüístico: a significação geral de um nome próprio não pode definir-se sem referência ao código. No código do português, "Antônio" significa uma pessoa chamada "Antônio". A circularidade na determinação do sentido do nome próprio é patente: o nome significa todo aquele a que se tenha atribuído este nome. Jakobson (1963, p. 177) nos fornece este exemplo:

"O apelativo cãozinho designa um filhote de cão, vi-ra-lata aplica-se a um cão de raça misturada... mas Fido só designa um cão cujo nome é Fido". Além do mais, o significado geral de palavras como cãozinho, sabujo, perdigueiro, poderia indicar-se por meio de perífrases tais como: filhote de cão, cão de caça grossa, ou por meio de abstração como *perdigueirez, enquanto que a significação geral de Fido não compor-taria nenhuma propriedade especial de *fididade (2).

3 - A mensagem remete ao código (M/C).

Tem por objeto a definição de uma palavra numa mensagem, isto é, o recurso ao código (ao dicionário) Toda interpretação explicativa de palavras e orações sejam intralingüísticas (perífrases, sinônimos) ou interlingüísticas (tradução) é uma mensagem que remete ao código (3). Quando dizemos: "a moringa quebrou", a palavra "moringa" se refere a um objeto extralingüístico. Mas, se dissermos que "moringa é uma bilha de barro para conter e refrescar a água" a palavra moringa está referindo-se a si mesma. Tal fenômeno é chamado em lógica "o modo autônomo do discurso". Esta transposição desempenha uma função vital na aquisição e uso da linguagem (4).

4 - O código remete à mensagem (C/M).

É aqui que se encontra a classe dos embreadores. Todo código lingüístico contém uma classe especial de unidades gramaticais chamadas embreadores (5), e como já vimos anteriormente a significação geral de um embreador (eu, meu, agora) não pode ser definida fora de uma referência à mensagem. Na realidade, a única coisa que distingue os embreadores de todos os ou-

tros constituintes do código lingüístico, é o fato de que se remetem obrigatoriamente à mensagem, afirma Jakobson (1963, p. 179).

Burks (apud Jakobson, p. 178) examinou a natureza semiótica dos emblemas em seu estudo sobre a classificação feita por Peirce dos signos em símbolos, índices e ícones. Para Peirce, (apud Jakobson, p. 179), um símbolo, por exemplo, a palavra vermelho, associa-se ao objeto representado por meio de uma regra convencional, enquanto que um índice, por exemplo, o ato de mostrar alguma coisa com o dedo, está numa relação existencial com o objeto que representa. Os emblemas combinam as duas funções, isto é, a função simbólica e a indicial, e pertencem, portanto, à classe de símbolos - índices. Como exemplo, Burks cita o pronome pessoal. "Eu" significa a pessoa que diz "eu". Assim, de um lado, o signo "eu" não pode representar seu objeto sem estar associado ao mesmo "por meio de uma regra convencional"; em outros códigos o mesmo significado se atribui a seqüências diferentes como "eu", "I", "ego", "ja", "ich", etc.: por conseguinte, "eu" é um símbolo. Por outro lado, o signo "eu" não pode representar seu objeto sem "estar em relação existencial" com este objeto: a palavra "eu", designando o falante, está existencialmente relacionada com a enunciação, e portanto funciona como índice.

Prosseguindo, Jakobson afirma que cada emblema possui uma significação geral própria, noção que vai de encontro à freqüente idéia de que o caráter particular do pronome pessoal e de outros emblemas residia na ausência de uma significação geral única e constante. Dessa forma, Husserl, (apud Jakobson, p. 179) afirma: "a palavra eu designa, conforme os casos, pessoas diferentes, e assume por isso mesmo uma significação sempre nova". Por causa de esta suposta multiplicidade de significados contextuais, os emblemas, por oposição aos símbolos, foram tratados como simples índices. Para mostrar que o emblema possui uma significação geral própria, Jakobson cita o pronome

pessoal eu que designa o emissor e tu, o receptor da mensagem a qual pertence.

Para Bertrand Russel (apud Jakobson, p. 179), "os em breadores, ou, em sua terminologia, os "particulares egocêntricos", se definem pelo fato de que nunca se aplicam a mais de um objeto de cada vez". Isto, entretanto, é comum a todos os termos sincategoremáticos ⁽⁶⁾, diz Jakobson. Por exemplo, a conjunção mas expressa sempre tão-somente uma relação adversativa en tre dois conceitos que se enunciam, e não a idéia genérica de oposição.

Os símbolos - índices, prossegue Jakobson, e em particular os pronomes pessoais, que a tradição humboldtiana con cebe como pertencendo ao estrato mais elementar e mais primitivo da linguagem, são, pelo contrário, uma categoria complexa on de código e mensagem se recobrem, se superpõem. Por isso os pro nomes constituem uma das últimas aquisições da linguagem infantil e o que primeiro se perde na afasia.

Em seguida, chama a atenção para o fato de que se até os lingüistas têm tido dificuldades para definir a significação geral do termo "eu" ou "tu" que significa a mesma função intermitente de diferentes sujeitos, está claríssimo que a cri ança que aprendeu a identificar-se com seu próprio nome não se acostumará facilmente a termos tão alienáveis como os pronomes pessoais: pode hesitar a falar de si mesma na primeira pessoa quando seus interlocutores a chamam "tu". Jakobson (1963, p. 180) ilustra com o seguinte exemplo: "a criança tratará de mon polizar o pronome da primeira pessoa: "Não te chames "eu". Só "eu" sou "eu", e "tu" só és "tu". Então, empregará, indiscriminadamente "eu" ou "tu" para o emissor e para o receptor, de mo do que este pronome significará quem quer que seja que participe do diálogo em questão. Ou, finalmente, substituirá a criança, com tanto rigor, "eu" por seu próprio nome que, estando dispos to a chamar a qualquer pessoa, ao seu redor, por seu nome, re sistir-se-á a pronunciar o seu próprio: o nome tem para seu pe

queno portador só um significado de vocativo, em oposição à função nominativa do "eu".

O seguinte exemplo mostra como esses tipos podem coexistir num enunciado: "Antônio me disse que "tijuco" significa "lama". Neste breve enunciado estão incluídos os quatro tipos de estruturas duplas: o discurso indireto (M/M), uma mensagem autônima (M/C), um nome próprio (C/C), e os embreadores, isto é, o pronome da primeira pessoa e o tempo perfeito, que assinala um acontecimento anterior à transmissão da mensagem.

Concluindo, Jakobson diz que na linguagem e seu uso, as estruturas duplas desempenham uma função básica. Em particular, a classificação das categorias gramaticais, as verbais especialmente, requer uma discriminação sistemática dos embreadores.

2.1.2. As categorias verbais

Para classificar as categorias verbais, devem observar-se duas distinções básicas, segundo Jakobson: (1) a enunciação em si (\tilde{a}), e seu objeto, a matéria enunciada (\tilde{e}); (2) o ato ou o processo em si (C) e qualquer um de seus protagonistas (T), seja "agente" ou "paciente". Em consequência, impõe-se distinguir quatro elementos: um evento narrado ou processo de enunciado ($C^{\tilde{e}}$), um ato de discurso ou processo da enunciação ($C^{\tilde{a}}$), um protagonista do processo do enunciado ($T^{\tilde{e}}$) e um protagonista do processo de enunciação ($T^{\tilde{a}}$), emissor ou receptor.

Todo verbo se refere a um processo do enunciado, diz Jakobson (1963, p. 181):

"As categorias verbais podem subdividir-se em duas classes conforme os protagonistas do processo estejam ou não implicados. As categorias que implicam os protagonistas podem caracterizar seja os protagonistas em si ($T^{\tilde{e}}$), seja sua relação ao processo do enunciado ($T^{\tilde{e}} C^{\tilde{e}}$). As categorias que fazem abstração dos protagonis-

tas caracterizam seja o processo do enunciado em si (C^e), seja sua relação a um outro processo enunciado - ($C^e C^e$). Para as categorias que só caracterizam um termo do enunciado o processo em si (C^e) ou seus protagonistas (T^e) - empregará a expressão de designadores, enquanto que as categorias que caracterizam tal termo (C^e ou T^e) referindo-o a um outro termo do enunciado ($C^e C^e$ ou $T^e C^e$) serão chamados conectores".

Os designadores indicam seja a qualidade, seja a quantidade do termo do enunciado e podem ser chamados respectivamente qualificadores e quantificadores.

Os designadores, bem como os conectores, podem caracterizar o processo do enunciado e/ou seus protagonistas com ou sem referência ao processo da enunciação ($..C^a$ ou a seus protagonistas ($../T^a$). As categorias que implicam esta referência serão chamadas embreadores; as que não a implicam receberão o nome de "não-embreadores".

Todas as categorias verbais genéricas podem ser definidas, a partir dessas dicotomias de base.

Jakobson (1963, p. 182) explicita essas categorias:

A - O gênero e o número: simbolizados pela fórmula (T^e).

Estas categorias caracterizam os protagonistas do processo do enunciado sem referência ao processo de enunciação, sendo que o gênero qualifica e o número quantifica os protago

nistas.

B - A pessoa: simbolizada pela fórmula (T^e / T^a).

É a categoria que caracteriza o relacionamento dos protagonistas do processo do enunciado com referência aos protagonistas do processo de enunciação. Jakobson (1963, p. 182) diz que a primeira pessoa assinala a identidade de um dos protagonistas do processo do enunciado com o agente do processo da enunciação, e a segunda pessoa, sua identidade com o paciente atual ou potencial do processo da enunciação. Como exemplo, o enunciado: eu te amo.

C - O estatuto e o aspecto: simbolizados pela fórmula (C^e).

Estas categorias caracterizam o processo do enunciado em si mesmo sem implicar seus protagonistas e sem fazer referência ao processo da enunciação. A qualidade lógica do processo é definida pelo estatuto (na terminologia de Whorf). Jakobson (1963, p. 182) extrai exemplos do gilyak, onde os estatutos afirmativo, supositivo, negativo, interrogativo e interrogativo negativo são expressos por formas verbais especiais. Extrai, também, exemplos do inglês, onde o estatuto assertivo emprega combinações com o auxiliar "do" que, em certas condições, são facultativas para asserções afirmativas, mas obrigatórias para as asserções negativas ou interrogativas.

D - O tempo: simbolizado pela fórmula (C^e / C^a).

É a categoria que caracteriza o relacionamento do processo do enunciado com referência ao processo da enunciação. O pretérito, por exemplo, nos mostra que o processo do enunciado é anterior ao processo da enunciação, e o futuro, que o processo do enunciado é posterior ao processo da enunciação. A frase você partirá mostra que o processo do enunciado é posterior ao processo da enunciação.

E - A voz: simbolizada pela fórmula (T^e / C^e).

Ela caracteriza a relação que liga o processo do enunciado a seus protagonistas sem estabelecer referência ao processo da enunciação ou ao falante.

F - O modo: simbolizado pela fórmula ($T^e C^e / T^a$).

Ele caracteriza a relação entre o processo do enunciado e seus protagonistas com referência aos protagonistas do processo da enunciação.

Por exemplo: ele estudaria com muito entusiasmo, se tivesse oportunidade. Nesta frase, segundo a formulação de Vinogradov (apud Jakobson, p. 183), o futuro do pretérito reflete a concepção que o falante eu tem sobre o caráter da relação entre a ação estudar e seu ator ele. O falante encontra-se subentendido na frase subjacente: eu digo que.

G - A ordem: simbolizada pela fórmula ($C^e C^e$).

A ordem (tactema) caracteriza o processo do enunciado com relação a um outro processo do enunciado, mas sem referência ao processo da enunciação. Para exemplificar, Jakobson (1963, p. 183) cita o gilyak que distingue três tipos de ordens independentes: um exige, o outro admite, e o terceiro exclui uma ordem dependente, e a ordem dependente expressa relações diferentes com o verbo independente como, por exemplo, simultaneamente, anterioridade, etc.

H - O testemunhal: simbolizado pela fórmula ($C^e C^{ea} / C^a$)

Jakobson (1963, p. 183) chama testemunhal (em inglês evidential) a categoria verbal que dá conta de três processos: o processo do enunciado (C^e), o processo da enunciação (C^a) e um processo de enunciação - enunciado" (C^{ea}), isto é, a fonte de informação acerca do processo do enunciado.

O falante relata um processo sobre a base da narra--

ção feita por outrem (prova do boato), sobre a base de um sonho (prova da revelação), de uma conjectura (prova da suposição) ou de sua própria experiência anterior (prova da memória). O seguinte exemplo: "conforme informações obtidas no jornal "Estrela Polar", o Presidente da República chegaria brevemente a esta cidade", bem ilustra esta categoria.

Em resumo: as categorias que implicam uma referência ao processo da enunciação são chamadas embreadores. São elas:

- a pessoa (T^e / T^a)

- o tempo (C^e / C^a)

- o modo $(T^e C^e / T^a)$

- o testemunhal $(C^e C^{ea} / C^a)$; e as categorias que não implicam uma referência ao processo da enunciação são os não-em**bre**adores. São elas:

- o gênero e o número (T^e)

- o estatuto e o aspecto (C^e)

- a voz (T^e / C^e)

- a ordem (C^e / C^e)

Jakobson (1963, p. 184) apresenta o seguinte esquema global sobre as categorias verbais, mostrando como elas se interrelacionam:

T IMPLICADO		T NÃO-IMPLICADO	
DESIGNADOR	CONECTOR	DESIGNADOR	CONECTOR
QUALIFICADOR: GÊNERO QUANTIFICADOR: NÚMERO	VOZ	ESTATUTO ASPECTO	ORDEM
EMBREADOR: PESSOA EMBREADOR:	MODO	TEMPO	TESTEMUNHAL

Numa tentativa de classificação das categorias verbais, em função da oposição embreadores / não-embreadores, Jakobson resume o modelo acima em um esquema mais simples:

T IMPLICADO		T NÃO-IMPLICADO	
DESIGNADOR	CONECTOR	DESIGNADOR	CONECTOR
NÃO-EMBREADOR: T^e	$T^e C^e$	C^e	$C^e C^e$
EMBREADOR: T^e/T^a	$T^e C^e/T^a$	C^e/C^a	$C^e C^{ea}/C^a$

Simplificando mais ainda com o objetivo de torná-lo mais prático, teremos:

T IMPLICADO		T NÃO-IMPLICADO	
DESIGNADOR	CONECTOR	DESIGNADOR	CONECTOR
NÃO-EMBREADOR: GÊNERO E NÚMERO	VOZ	ASPECTO E ESTATUTO	ORDEM
EMBREADOR: PESSOA	MODO	TEMPO	TESTEMUNHAL

Vimos, pois, então, que todo código lingüístico contém uma classe de unidades gramaticais que se chama embreadores.

A significação de um embreador não pode ser definida fora de uma referência à mensagem.

A ausência de uma significação geral e o fato de que nunca se aplicam a mais de um objeto de cada vez não podem ser tomados como critérios para definir os embreadores porque:

- a) - Cada embreador, para Jakobson, possui uma significação geral própria. Eu designa sempre o emissor e tu sempre o receptor da mensagem a qual pertence.
- b) - os termos sincategoremáticos também servem para marcar, vez por vez, uma relação particular entre dois conceitos ou duas proposições.

Portanto, o critério essencial para definir a significação de um embreador será o envio obrigatório ao discurso, e nisso reside a diferença entre ele e os termos sincategoremáticos, ou em sentido mais genérico, entre os embreadores e todos os outros constituintes do código lingüístico.

A pessoa, o tempo, o modo e o testemunhal são, embreadores porque pertencem às categorias verbais que implicam uma referência ao processo de enunciação.

2.2. Os índices de enunciação (BENVENISTE I)

No presente item, apresentaremos as principais idéias contidas em cinco artigos de Benveniste reunidos sob o título geral de "O homem na língua" (7). Trata-se de cinco ensaios que, realizados a partir de estudos minuciosos de fenômenos das línguas naturais, e numa perspectiva estrutural, fornecem indicações seguras para a compreensão do processo da comunicação.

2.2.1. A pessoa no verbo

No primeiro ensaio (Cap. 18, p. 247), intitulado "Estrutura das relações de pessoa no verbo" ele afirma que o verbo juntamente com o pronome, constitui a única classe de palavras sujeita à categoria de pessoa, mas que o pronome apresenta características especificamente suas e relações tão diferentes que exigiria um estudo independente. As formas de conjugação classificam-se segundo a sua referência à pessoa em todas as línguas que possuem um verbo.

Chega à conclusão geral de que em toda língua, dotada de um verbo, as distinções de pessoa são marcadas de uma maneira ou de outra nas formas verbais, e que a categoria de pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessárias do verbo. Mas a originalidade de cada sistema verbal deverá receber um estudo em particular.

Para Benveniste só se pode constituir uma teoria lingüística da pessoa verbal com base nas oposições que diferenciam as pessoas; e ficará inteiramente voltada à estrutura dessas oposições. A seguir analisa o conteúdo das pessoas verbais:

"Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. Eu designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o eu: dizendo eu, não posso deixar de

falar de mim. Na segunda pessoa, tu é necessariamente designado por eu e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do eu; e, ao mesmo tempo, eu enuncia algo como um predicado de tu. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enun-ciado somente fora do eu/tu; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual eu e tu se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade des-sa forma como pessoa" (8).

Benveniste questiona a legitimidade da terceira pessoa porque se ela comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, esta indicação não se refere a uma pessoa específica, porque falta aqui o elemento variável e propriamente pessoal destas denominações. Conclui, afirmando, que a terceira pessoa não é uma pessoa; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a não-pessoa.

A seguir, mostra como se apresenta a situação parti-cular da terceira pessoa no verbo de dez línguas, e chega à conclusão de que as duas primeiras não estão no mesmo plano que a terceira, sendo que esta não é tratada como uma verdadeira pessoa e que o verbo dessas línguas não apresenta uma simetria nas três pessoas. Para exemplificar nomeamos o semítico, o turco, e as línguas ameríndias. No semítico, a terceira singular do perfeito não possui desinência, e no turco, de uma maneira geral, a terceira singular tem a marca zero, enquanto que nas línguas - ameríndias, onde o verbo funciona com desinências ou prefixos pessoais, geralmente falta a marca da terceira pessoa.

Prosseguindo, Benveniste aponta duas características das pessoas eu e tu; a unicidade e a invertibilidade. O eu que enuncia, o tu ao qual eu se dirige são cada vez únicos, ao passo que ele pode ser uma infinidade de sujeitos - ou nenhum. Pa-ra exemplificar, Benveniste cita o "je est un autre" de Rimbaud, que fornece a expressão típica daquilo que é propriamente a "alienação" mental, em que o eu é despossuído de sua identidade constitutiva. O eu e o tu são invertíveis, consistindo nisso a

sua segunda característica: o que eu define como tu se pensa e pode inverter-se em eu, e eu se torna um tu. Em outros termos: o eu (codificador) e o tu (decodificador) se invertem no processo da comunicação, ou seja: o tu (decodificador) se transforma em eu (codificador) e o eu (codificador) se transforma em tu (decodificador). Entre o eu e o tu e a terceira pessoa ele nenhuma relação semelhante é possível, uma vez que ele em si não designa especificamente nada nem ninguém. Devemos, enfim, tomar plenamente consciência dessa particularidade da terceira pessoa de ser a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente.

E Benveniste prossegue: tudo o que fica fora do par eu/tu, ou seja, da pessoa estrita, recebe como predicado uma forma verbal da terceira pessoa e não pode receber nenhuma outra.

Benveniste conclui seu estudo dizendo que as expressões da pessoa verbal são, no seu conjunto, agrupadas por duas correlações constantes: a correlação de personalidade, que opõe as pessoas eu/tu à não-pessoa ele, e a correlação de subjetividade interior à precedente e oposto eu a tu.

Benveniste analisa as duas correlações nos seguintes termos: a oposição eu/tu possui a marca de pessoa enquanto a terceira pessoa (ele) é dela destituída. Representar, sob a relação da própria forma, um invariante não-pessoal, seria a característica e função constantes da terceira pessoa.

A diferença que ocorre entre eu e tu reside, em primeiro lugar, no fato de ser eu interior ao enunciado e exterior a tu, sendo que essa exterioridade não suprime a realidade humana do diálogo. Como exemplo, Benveniste cita a segunda pessoa em russo, como na locução "gavoriŝ s nim - on ne sluŝaet" (fa-la-se com ele, ele não ouve) que é uma forma que presume ou suscita uma pessoa fictícia e institui dessa forma uma relação viva da entre eu e essa quase-pessoa, no caso tu. Em segundo lugar, eu é sempre transcendente com relação a tu. Quando alguém procura estabelecer uma relação viva com um ser, encontra ou coloca

necessariamente um tu que é fora da pessoa, a única pessoa imaginável, diz Benveniste. Portanto, interioridade e transcendência, qualidades inerentes ao eu, invertem-se em tu. Definir-se-á, então, o tu como a pessoa não-subjetiva, perante a pessoa subjetiva que eu representa; e o par eu/tu opor-se-á em conjunto à forma de não-pessoa, isto é, a terceira pessoa (ele).

2.2.2. Dois níveis de enunciação: história e discurso.

No capítulo 19 (p. 260), denominado "As relações do tempo no verbo francês", Benveniste distingue, a partir de um estudo do tempo dos verbos franceses, dois planos de enunciação: história e discurso. A enunciação histórica é "o modo de enunciação que exclui toda forma lingüística "autobiográfica" (9), enquanto que a enunciação discursiva é "toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro" (10).

Na narrativa histórica, o historiador não dirá jamais eu nem tu nem aqui nem agora, porque não tomará jamais o aparelho formal do discurso que consiste, em primeiro lugar, na relação de pessoa eu/tu, diz Benveniste. Dessa forma, na narrativa histórica estritamente desenvolvida, só se verificarão formas de "terceira pessoa".

Para Benveniste a narrativa discursiva seria a diversidade dos discursos orais, e da mesma forma a massa dos escritos: correspondências, memórias, teatro, obras didáticas, enfim todos os gêneros nos quais alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria da pessoa.

Benveniste diz que a distinção entre narrativa histórica e narrativa discursiva não coincide, de forma alguma, com a distinção entre língua escrita e língua falada, pois a enunciação histórica é hoje reservada à língua escrita, e o discurso pode ser tanto escrito como falado. Na prática, passa-se de um

para o outro instantaneamente, pois é próprio da linguagem permitir essas passagens instantâneas.

O discurso emprega livremente todas as formas pessoais do verbo, sendo que a relação de pessoa está sempre presente, explícita ou implicitamente, ao passo que na história o narrador não intervém: há ausência de pessoa, em consequência ausência de enunciação.

Os dois planos de enunciação se delimitam em traços positivos e negativos (Benveniste, 1976, p. 270) ou seja, o campo de expressão temporal, em francês, poderá ser definido nos seguintes termos: no que chama de enunciação histórica empregam-se em formas de terceira pessoa: o aoristo (passé simple), o imperfeito, o mais-que-perfeito e o prospectivo (um tempo perifrástico substituto de futuro, por exemplo, "ele vai estudar" por "ele estudará"). O presente é excluído, tendo como exceção o presente intemporal (a terra gira em torno do sol); assim como o perfeito (passé composé) e o futuro (simples e composto). O tempo fundamental da história é o aoristo (passé simple); o tempo do acontecimento fora da pessoa de um narrador.

O sistema temporal do discurso distingue-se claramente do sistema temporal da história: na enunciação de discurso, empregam-se todos os tempos em todas as formas pessoais do verbo, com exclusão do aoristo: simples e composto. Os tempos fundamentais do discurso são: o presente, futuro e perfeito (passé composé).

Os tempos verbais que originaram essas duas formas de enunciação pertencem, como já vimos, ao campo da expressão temporal do francês. Procedendo a uma adaptação do sistema temporal francês para a língua portuguesa, teremos:

- a) na enunciação histórica, usam-se, o pretérito perfeito simples, o imperfeito, o mais-que-perfeito e o prospectivo, em forma de terceira pessoa, com exclusão do presente (exceto o presente intemporal), do pretérito perfeito composto, e do futuro

simples e composto.

- b) na enunciação discursiva: todos os tempos em todas as formas pessoais do verbo, sendo o presente, o futuro e perfeito, as formas fundamentais .

Nota-se que, em português, a enunciação discursiva não apresenta as exclusões anteriormente mencionadas no francês. Isto é fácil de se explicar: no francês, o aoristo simples (*passé simple* para Benveniste) só poderá ser usado na história (no discurso, emprega-se o *passé composé*) ao passo que, em português, o pretérito perfeito simples, seu correspondente, poderá ser usado tanto na história quanto no discurso. Não mencionamos o aoristo composto (*passé antérieur*) porque não possui equivalente em português.

2.2.3. A natureza dos pronomes.

No capítulo 20 (1976, p. 277) Benveniste faz um estudo sobre a natureza dos pronomes e mostra que eles não constituem em uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos: Diz Benveniste (1976, p. 277):

"Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as "instâncias do discurso", isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor".

Benveniste faz uma análise profunda do pronome pessoal eu/tu porque a noção de pessoa é própria deste par. Ele diz que a diferença do pronome eu e um nome referente a uma noção lexical reside não só nas diferenças formais próprias de cada sistema lingüístico, mas também se prende ao próprio processo da enunciação lingüística. O enunciado que contém eu pertence a esse nível ou tipo de linguagem a que Charles Morris chama pragmático, e que inclui, com os signos, aqueles que os empregam.

Cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e objetiva, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta, ao passo que as instâncias de emprego de eu não constituem uma classe de referência:

"(...) Não há objeto definível como eu ao qual se possa remeter identicamente essas instâncias. Cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal" (Benveniste, 1976, p. 278).

A realidade à qual se refere eu ou tu consiste unicamente numa realidade de discurso (1976, p. 278):

"Eu significa a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu. (...) A forma eu só tem existência lingüística no ato de palavras que a profere. Há, pois, nesse processo uma dupla instância conjugada: instância de eu como referente, e instância de discurso contendo eu, como referido. (...) Eu é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística eu. Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de "alocução", obtém-se uma definição simétrica para tu, como o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística tu".

É a partir desta referência constante e necessária à instância de discurso que se explica a união de uma série de "indicadores" a eu/tu. Estes indicadores ou índices de ostensão pertencem a classes diferentes: pronomes, advérbios e ainda locuções adverbiais. Temos, assim, os demonstrativos (este), os advérbios (aqui, agora) na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa.

Esses signos "vazios", não referenciais, só tem exis

tência na "instância de discurso". Eles não remetem à nenhuma realidade, nem tampouco a posições objetivas no espaço ou no tempo, mas à enunciação, tornando-se dessa forma signos plenos. Plenos, na medida em que o locutor os assume em cada instância do seu discurso.

Qual seria o papel desses signos vazios na linguagem? Benveniste (1976, p. 280) afirma:

"O seu papel consiste em fornecer o instrumento de uma conversão, a que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso. (O grifo é nosso). É identificando-se como pessoa única pronunciando eu que cada um dos locutores se propõe alternadamente como sujeito".

Mas, se cada pessoa possuísse um indicador próprio para dizer eu, haveria tantas línguas quanto fosse o número de pessoas e daí, a dificuldade de comunicação. A linguagem criou, por isso, um signo móvel, único: eu, que poderá ser assumido por todo falante, com a condição de que ele, cada vez, só remete à instância do seu próprio discurso:

"Esse signo, está pois, ligado ao exercício da linguagem e declara o locutor como tal. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a linguagem inteira" (1976, p. 281).

Existe uma diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo mas tornamo-nos insensíveis a essa diferença por força do hábito:

"Quando o indivíduo se apropria dela, a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizadas por esse

sistema de referências internas cuja chave é eu, e que define o indivíduo pela construção lingüística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor" (1976, p.281).

Dentro dessa perspectiva, os indicadores eu e tu só têm existência na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor.

Além dos indicadores de pessoa (eu/tu), dos indicadores de ostensão (este/aqui, etc.) e os indicadores de tempo (agora/hoje/ontem, etc.) que só se atualizam na instância de discurso, Benveniste assinala todas as variações do paradigma verbal: aspecto, tempo, gênero, pessoa, porque as formas verbais também são solidárias da instância individual de discurso pelo fato de serem sempre e necessariamente atualizadas pelo ato de discurso e em dependência desse ato.

A seguir Benveniste (1976, p. 282) questiona: "se a linguagem em exercício se produz por necessidade em instâncias discretas, essa necessidade a destinará também a só consistir de instâncias pessoais?" Sabemos empiricamente que não, diz Benveniste, pois há enunciado de discurso que escapam à condição de pessoa e remetem a uma situação objetiva. É o domínio da "terceira pessoa", sendo que esta representa o membro não marcado da correlação de pessoa.

Benveniste (1976, p. 282) explicita:

"A não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devem remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de não importa quem ou não importa o que, exceto a própria instância, podendo sempre esse não importa quem ou não importa o que ser munido de uma referência objetiva".

Cita, como exemplo, os pronomes pessoais de terceira pessoa denominados por ele "substitutos abreviativos", os nossos anafóricos, acrescentando que essa função de "representação" sintática poderá também ser exercida por elementos de outras classes, por exemplo, certos verbos, no caso do português, os verbos ser e fazer por exercerem, com mais frequência, esta função vicária. Assim sendo, não há um denominador comum entre a função desses "substitutos abreviativos" e a função dos "indicadores de pessoa".

Concluindo o capítulo, Benveniste reafirma a nítida distinção entre a língua como sistema de signos e o sistema das suas combinações, e entre a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios.

2.2.4. A intersubjetividade na linguagem

Neste artigo, Benveniste (1976, p. 284) toma como ponto de partida a problemática da descrição da linguagem como um instrumento, pois encará-la dessa forma, é pôr em oposição o homem e a natureza, é dissociar do homem a propriedade da linguagem.

A linguagem está na natureza do homem que não a fabricou:

"Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem" (1976, p. 285).

Benveniste prossegue:

"É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito do ego" (11).

Essa subjetividade diz respeito à capacidade do locutor para se propor como sujeito. A subjetividade é determinada pelo status lingüístico da pessoa.

Um elemento apontado por Benveniste como sendo essencial para que haja consciência de si mesmo é a intersubjetividade:

"Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade - que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa por eu". (1976, p. 286).

Benveniste dá um valor inestimável à subjetividade da linguagem quando afirma que o eu e o tu não se devem tomar como figuras, mas como formas lingüísticas que indicam a pessoa. Ele afirma que entre os signos de uma língua, de qualquer tipo, época ou região que ela seja, não faltam jamais os "pronomes pessoais". É inconcebível uma língua sem expressão da pessoa.

Esses pronomes não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo. Para dar um exemplo cita o pronome eu e chama a atenção para seu caráter estritamente particular de realização na instância do discurso, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em fala por um locutor:

"O eu se refere ao ato do discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro de (...) uma instância de discurso, e que só tem referência atual."

A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso" (12).

A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda, designando-se como eu.

A seguir aponta os elementos que permitem a revelação da subjetividade na linguagem. Diz Benveniste (1976, p.288):

"Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desse pronomes dependem, por sua vez, outras classes de pronomes, que participam do mesmo status. São os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do sujeito tomado como ponto de referência: "isto, aqui, agora" e as suas numerosas correlações "isso, ontem, no ano passado, amanhã", etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do eu que aí se enuncia".

A expressão de temporalidade também está incluída no domínio da subjetividade, e segundo Benveniste o tempo pode ser expresso em várias línguas, somente os meios de exprimi-lo é que são diferentes. Contudo, a linha de participação do tempo é sempre uma referência ao "presente". A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso, e o presente é definido como "o tempo do verbo que exprime o tempo em que se está", que não é senão "o tempo em que se fala". É o momento eternamente presente no dizer de Benveniste, embora não se refira jamais aos mesmos acontecimentos de uma cronologia objetiva.

Assim sendo, a linguagem é a possibilidade da subjetividade, enquanto que o discurso é o elemento responsável pela sua manifestação:

"A linguagem é (...) a possibilidade da subjetividade, pelo fato de contar sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subje-tividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas "vazias" das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua "pessoa", definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o su-jeito (...)" (1976, p. 289).

É importante ressaltar que a categoria de pessoa re-sulta da instalação da subjetividade na linguagem.

2.2.5. Os enunciados performativos.

Neste capítulo, Benveniste chama a atenção, pela aná-lise de particularidades de certos tipos de enunciados, vistos através de mútuas relações de expressão de conteúdo, para uma certa característica da linguagem: a capacidade que ela tem, en-quanto linguagem mesma, de fundar a realidade ou, mais precisa-mente, uma efetivação do real.

Neste caso está o enunciado performativo, amplamente estudado por Austin, que é o enunciado que tem sua função pró-pria, servindo para efetuar uma ação. Quando digo eu prometo, estou efetuando uma ação, isto é, o próprio ato de fazer a pro-messa.

Quais os critérios para reconhecimento desse enuncia-do? Austin, (apud Benveniste, 1976, p. 297) ⁽¹³⁾ duvida da exis-tência de critérios certos. O que há, segundo Austin, são "for-mas normais". Essas formas normais seriam:

- um verbo na primeira pessoa do singular do presen-te do indicativo, na voz ativa;

- enunciados na voz passiva e na segunda ou na terceira pessoa do presente do indicativo. Mas, contesta que essas formas normais sejam necessárias:

"(...) Não é absolutamente necessá - rio que um enunciado, para ser per - formativo, seja expresso numa dessas formas ditas normais (...). Vê-se claramente que dizer feche a porta é performativo, é tanto o cumprimento' de um ato quanto dizer ordeno - lhe que a feche. Mesmo a palavra cão, so zinha, pode por vezes (...) agir como performativa explícita e formal: efetua-se por essa palavrinha o mes - mo ato que pelos enunciados aviso-os de que o cão vai atacá-los, ou os se nhores estranhos são avisados de que existe aqui um cão bravo. Para tor - nar performativo o nosso enunciado , e isso sem equívoco, podemos usar, em vez da fórmula explícita, uma quanti - dade de expedientes mais primitivos como a entonação, por exemplo, e o gesto. Além do mais e sobretudo, o próprio contexto no qual são pronun - ciadas as palavras pode tornar bas - tante certa a maneira pela qual se deve tomá-las, como descrição, por exemplo, ou como aviso..." (apud Ben - veniste, 1976, p. 297).

A diferença entre um enunciado performativo e um enunciado constativo reside no fato do primeiro veicular um ato e o segundo uma informação. Assim, eu juro significa um ato de compromisso, e ele jura uma informação, uma descrição do mesmo plano de ele come, ele bebe.

Benveniste (1976, p. 300) propõe uma primeira defini - ção para os performativos e assim se expressa:

"Os enunciados performativos são enun - ciados nos quais um verbo declarati - vo - jussivo (14) na primeira pessoa do presente se constrói com um dic - tum. Assim, ordeno que a população

seja mobilizada em que o dictum é re-
presentado por a população seja mobi-
lizada. Trata-se, realmente, de um
dictum, uma vez que a enunciação ex-
pressa é indispensável para que o
texto tenha qualidade de performati-
vo".

Mas há uma outra modalidade de enunciados performati-
 vos: a construção do verbo com um complemento direto e um termo
 predicativo, como por exemplo, a frase: eu declaro Cristo ino-
cente.

Um enunciado performativo não tem realidade a não
 ser quando autenticado como ato:

"Fora das circunstâncias que o tor-
 nam performativo, esse enunciado não
 é mais nada. Qualquer um pode gritar
 em praça pública: decreto a mobiliza-
ção geral. Não podendo ser ato por
 falta da autoridade requerida, uma
 afirmação dessas não é mais que pala-
vra; reduz-se a um clamor iname, cri-
ancice ou demência. Um enunciado per-
formativo que não é ato não existe.
 Só tem existência como ato de autori-
dade. Ora, os atos de autoridade são,
 em primeiro lugar e sempre, enuncia-
 ções proferidas por aqueles a quem
 pertence o direito de enunciá-los.
 Essa condição de validade, relativa
 à pessoa enunciadora e à circunstân-
 cia da enunciação, deve supor-se pre-
enchida sempre que se trate do per-
formativo" (15).

Um outro traço característico do enunciado performa-
 tivo é o de ser sui-referencial, isto é, uma propriedade de re-
 ferir-se a uma realidade que ele próprio constitui, pelo fato
 de ser efetivamente enunciado em condições que o tornam ato. O
 significado do performativo é idêntico ao referente.

Em resumo: são os seguintes os traços característi-
 cos do enunciado performativo:

- é um enunciado no qual um verbo declarativo - jussivo na primeira pessoa do presente se constrói com um dictum;
- é um enunciado sui-referencial, ele se refere a uma realidade que ele próprio constitui. O seu significado é idêntico ao referente.

2.3. Os índices de enunciação (Benveniste II)

Esta parte sintetiza as idéias de Benveniste ⁽¹⁶⁾ contidas em dois artigos do seu livro Problèmes de Linguistique Générale II, intitulados: A linguagem e a experiência humana ⁽¹⁷⁾ e O aparelho formal da enunciação ⁽¹⁸⁾.

2.3.1. As categorias de pessoa e de tempo

Benveniste (1966, pp. 3-13) em seu artigo intitulado "A linguagem e a experiência humana" se volta para as categorias lingüísticas onde o papel do indivíduo é fundamental na interpretação dos acontecimentos. Cita, como exemplo, as categorias de pessoa e de tempo, porque considera essas duas categorias como fundamentais do discurso.

O pronome é apenas uma forma vazia que recebe sua realidade e sua substância unicamente no discurso. Para exemplificar Benveniste cita o pronome pessoal eu, forma única nas gramáticas, que se torna, desde que empregado por um locutor, uma denominação específica em um tempo dado. Fora do discurso, eu não é senão uma forma vazia.

O pronome pessoal não constitui a única forma reveladora da experiência subjetiva. Os dêiticos também partilham dessa natureza:

"Mostrando os objetos, os demonstrativos ordenam o espaço a partir de um ponto central, que é EGO, segundo categorias variáveis: o objeto está perto ou longe de mim ou de ti, ele está assim orientado (diante de ou atrás de mim, no alto ou embaixo, visível ou invisível, conhecido ou desconhecido, etc. O sistema das coordenadas espaciais se presta assim para localizar qualquer objeto em qualquer campo, uma vez que aquele que o ordena se designou ele mesmo como centro e referência" (Benveniste, 1966, p. 4).

O tempo é mais difícil de analisar:

"Das formas lingüísticas reveladoras da experiência subjetiva, nenhuma é tão rica como aquelas que exprimem o tempo, nenhuma é também tão difícil de explorar, tanto são tenazes as idéias recebidas, as ilusões do "bom senso", as armadilhas do psicologismo" (Benveniste, 1966, p. 5).

Partindo da premissa que o tempo é um universal lingüístico, afirma que a expressão do tempo é compatível com todos os tipos de estruturas lingüísticas, sendo que somente os meios de expressá-lo é que diferem em cada sistema lingüístico.

Ao lado do tempo físico, que é um contínuo uniforme, infinito, linear, e que admite várias segmentações, e de seu correlato o tempo psicológico, que cada ser humano mede em decorrência de suas emoções, existe o tempo crônico, que é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto seqüência de acontecimentos. É o tempo do calendário.

O terceiro nível do tempo é o tempo lingüístico cuja característica singular é a de estar ligado ao exercício da fala, e de ele definir-se e ordenar-se como função do discurso. Cada vez que o falante emprega a forma gramatical de presente, ou seu equivalente, ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso, ou seja, o momento em que se fala. Portanto, o presente e o momento do discurso coincidem, advindo desta coincidência um antes (passado) e um após (futuro), sendo o presente o eixo referencial (a partir do presente).

"O presente lingüístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com o progresso do discurso, continuando presente, constitui a linha de divisão entre dois outros momentos que ele gera e que são igualmente inerentes ao exercício da fala: o momento onde o acontecimento não é mais con-

temporâneo do discurso, saiu do presente e deve ser evocado por lembrança memorial, e o momento onde o acontecimento não é ainda presente, vai tornar-se presente e surge em prospecção" (Benveniste, 1966, p. 9).

X Dado que a temporalidade se insere no processo de comunicação, Benveniste descreve a maneira pela qual isso ocorre. X O tempo lingüístico se atualiza na instância de discurso, e o ato de fala é individual. Sendo individual, a temporalidade lingüística deveria ser uma experiência eminentemente subjetiva. Mas, diz Benveniste (1966, p. 11), o raciocínio tem falha:

"Alguma coisa de singular, de muito simples e de infinitamente importante se produz e realiza o que parecia logicamente impossível: a temporalidade que é minha quando ordena meu discurso é imediatamente aceita como sua pelo meu interlocutor. Meu hoje se converte em seu hoje, embora ele não o tenha instaurado ele mesmo em seu discurso, e meu ontem em seu ontem. Reciprocamente, quando ele falar em resposta, eu converterei, uma voz tornando receptor, sua temporalidade na minha".

Portanto, a temporalidade lingüística também é um ato interpessoal, um fator de intersubjetividade.

O estudo das categorias de pessoa e de tempo vem destacar o papel extremamente importante que o indivíduo exerce na interpretação dos acontecimentos: em relação a sua pessoa, ao seu lugar, ao seu tempo.

Em resumo: o pronome pessoal é apenas uma forma vazia, não referencial, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Recebe sua realidade e sua substância unicamente no discurso. Quando o eu é enunciado, torna-se sempre um ato novo, mesmo que repetido milhares de vezes, uma vez que ele realiza cada vez a inserção do falante num momento novo do tem-

po e numa textura diferente de circunstâncias e de discurso.

Outros indicadores também participam da experiência subjetiva da linguagem. Os dêiticos, por exemplo. Eles ordenam o espaço a partir de um ponto central: o EGO.

Nenhuma língua ignora o tempo, mesmo as que não possuem verbo. O tempo constitui um universal lingüístico. A expressão do tempo é compatível com todos os tipos de estruturas lingüísticas. Ao lado do tempo físico e de seu correlato o tempo psicológico, temos o tempo crônico e o tempo lingüístico.

2.3.2. O aparelho formal da enunciação.

Benveniste, neste artigo, insiste em fazer uma nítida separação entre o emprego das formas e o emprego da língua de nossas descrições lingüísticas porque considera dois usos bem distintos e mostra essa diferença:

"As condições de emprego das formas não são, em nossa opinião, idênticas às condições de emprego da língua. São na realidade mundos diferentes, e pode ser útil insistir sobre esta diferença, que implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de descrevê-las e de interpretá-las".

Portanto, uma coisa é o emprego das formas e coisa completamente diferente é o emprego da língua.

É a enunciação que coloca a língua em funcionamento, por um ato individual de utilização, mas não se deve confundir enunciação com fala (parole). A enunciação é o próprio ato de produzir um enunciado. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A fala é o resultado concreto feito pelo usuário da língua.

Diversos são os aspectos sob os quais poderá ser estudada a enunciação, mas Benvenista examina somente três, sendo o terceiro o objetivo primordial deste seu artigo. São eles:

- a realização vocal da língua, fenômeno diretamente ligado à fonética;
- a semantização da língua que conduz à teoria do signo e à análise da significância;
- a definição da enunciação no quadro formal de sua realização a partir de uma manifestação individual que ela atualiza.

A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. O falante é o parâmetro da enunciação:

"Antes da enunciação, a língua é apenas a possibilidade da língua. Após a enunciação, a língua é efetuada numa instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação em resposta" (1974, - pp. 81-82).

A enunciação enquanto realização individual pode ser definida como um processo de apropriação. O falante se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor - por meio de índices específicos de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.

Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, porque a partir do momento em que alguém se declara falante, assumindo a língua, implanta o outro em face dele, qualquer que seja o grau de presença que atribua a este outro. Assim sendo, a acentuação da relação discursiva ao parceiro, não importando que este seja real ou imaginado, individual ou coletivo, constitui uma característica da enunciação. Toda enunciação postulará, dessa forma, um alocutório. É a sua condição de intersubjetividade.

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala na sua fala (parole). Para isso, o falante utiliza um jogo de formas específicas cuja função é colocá-lo em

relação constante e necessária com sua enunciação:

"O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala na sua fala (parole). Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação" (Benveniste, 1974, p. 82).

Estas formas específicas são:

1. Os índices de pessoa: o termo eu significa o indivíduo que enuncia, e o termo tu, o indivíduo a quem é dirigido o enunciado.
2. Os índices de ostensão: este, aqui, agora, etc, citados como exemplos, que envolvem um gesto assinando o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo.
3. O paradigma inteiro das formas temporais: estas formas se determinam em relação ao EGO, centro da enunciação. Os tempos verbais, cuja forma fundamental, o presente, coincide com o momento da enunciação, também pertencem a este aparelho. O presente formal tem por objetivo somente explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova com cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo a nossa presença própria, se imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que chamamos tempo.
4. A interrogação: um tipo de enunciação, cujo objetivo é provocar uma resposta. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas,

pronomes, seqüência, entonação, etc., estão relacionados a este aspecto da enunciação.

5. A intimação: ordens, apelos, concebidos em categorias como o imperativo, vocativo, que implica uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação.
6. A asserção: forma de enunciação, que tem por objetivo comunicar uma certeza, sendo a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação. Em português, os instrumentos específicos que a exprimem são as partículas sim e não, substitutos de uma proposição, que assertam positiva ou negativamente uma frase ⁽¹⁹⁾.
7. Os modalizadores: espécies de modalidades que advêm de verbos: modo optativo, modo subjuntivo, ou da fraseologia: talvez ⁽²⁰⁾, sem dúvida, provavelmente, que indicam incerteza, possibilidade, indecisão, etc...

Deste estudo, chegamos, em linhas gerais, a estas conclusões:

- o emprego das formas e o emprego da língua das nossas descrições lingüísticas constituem dois aspectos nitidamente distintos;

- a enunciação é a única responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Estes signos não têm emprego no uso cognitivo da língua. Eles são diferentes daquelas entidades que têm na língua seu status pleno e permanente. São engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam de modo novo. O eu, o isto, o amanhã da descrição gramatical, por exemplo, são apenas os nomes metalingüísticos de eu, isto, amanhã produzidos na enunciação;

- a enunciação conduz à semantização da língua e tam

bém fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas;

- o traço mais característico da enunciação é a acentuação da relação discursiva ao parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo. É a sua condição de intersubjetividade.

2.4. Outros conceitos de base da enunciação

Este item sintetiza as principais noções sobre os quatro conceitos de base da enunciação: distância, modalização, tensão, transparência ou opacidade extraídas de: Dubois (21); Duro-Courdesses (22); Robin (23) e Tutescu (24).

Enunciado e enunciação são dois aspectos essenciais da linguagem, intimamente ligados um ao outro.

Segundo o Dicionário de Linguística (1978, p. 218):

"Enunciação é o ato individual de utilização da língua, enquanto enunciado é o resultado desse ato, é o ato de criação do falante" (25).

O sujeito de enunciação é o falante, considerado como o ego, local de produção de um enunciado.

Na Revista Langages 17 (26), cujo número está inteiramente dedicado aos problemas da enunciação, Todorov (27) também define a enunciação como o ato individual de utilização da língua, tendo o enunciado como resultado deste ato, e fixa o sentido de alguns termos a ela relacionados. São eles:

Alocução - enunciação de um discurso dirigido a alguém;

locutor - aquele que enuncia;

alocutor - aquele a quem se dirige o discurso;

interlocutor - um dos participantes de uma alocução, seja locutor ou alocutor.

A enunciação aparece como um ato de linguagem que envolve: um falante, um ouvinte, dados referenciais espaço-temporais e elementos gramaticais e semânticos. A referência faz parte integrante da enunciação.

A enunciação abarca três aspectos, segundo Dubois (1969, p. 100).

- surgimento do sujeito no enunciado;
- relação entre o locutor e o interlocutor, pelo texto;
- atitude do sujeito em relação ao seu enunciado.

É ainda Dubois (1969, p. 100) que ressalta a importância da noção de ambigüidade para que se possa fixar as diferenças entre enunciado e enunciação:

"Para o transformacionalismo ela (a ambigüidade) é a lei mesma de um texto; ela é inerente à existência de diversas descrições estruturais de base. Não é o produto possível de isotopias que relevam seja do falante produzindo a mensagem, seja do leitor, que a gera de novo; ela é a consequência necessária da diferença sistêmica entre a enunciação (produção de frases) e o enunciado, produto que sofreu transformações implicando com o modelo de enunciado um conjunto de modificações cujos fatores escapam à análise do lingüista enquanto sozinho".

A teoria da enunciação é constituída pela apreensão sucessiva de diferentes classes de embreadores definidos a partir dos grandes eixos de referência que são eu, aqui e agora, permitindo ao falante de enunciar-se e de enunciar através deles. Numa perspectiva mais nova, levando em consideração contribuições da gramática transformacional, a enunciação torna-se um ato dinâmico, contínuo, que dá conta da criatividade do falante, o qual, a todo instante modela seu próprio enunciado.

Esta noção de criatividade corresponde ao segundo tipo de criatividade de Chomsky. Para Chomsky (apud Ruwet, 1975, p.46) há dois tipos de criatividade: a que modifica as regras, e a que é governada pelas regras. O primeiro tipo de criatividade, localizado na performance (fala), consiste nesses múltiplos des

vios individuais dos quais alguns acabam, ao se acumularem, por modificar o sistema; um exemplo é fornecido pelas mudanças por analogia. O segundo tipo de criatividade depende da competência (da língua) e prende-se ao poder recursivo das regras que constituem o sistema (28).

A enunciação pode ser estudada a partir de quatro conceitos: distância, modalização, tensão, transparência ou opacidade.

A distância apresenta a enunciação como uma distância relativa entre o locutor e seu enunciado. O falante pode assumir totalmente seu enunciado e a distância tende para zero. Há, então, uma identificação entre o eu sujeito do enunciado e o eu sujeito da enunciação. O aparecimento do pronome eu, notadamente, pode ser uma maneira de reduzir a distância. O uso da terceira pessoa ou a ausência de referências ao falante aumentam a distância. O discurso didático é, por excelência, um discurso no qual o falante aprofunda a distância entre si e seu enunciado.

Na distância mínima o eu do enunciado e o eu da enunciação se recobrem, por exemplo: eu redijo este capítulo (aqui, agora). Há, no caso, implicação total do sujeito no enunciado, e, em consequência, os índices de enunciação são aí muito numerosos: presença do eu, tempo do discurso, aspecto dos verbos (maioria de não-acabados), advérbios atualizando o discurso no tempo e no espaço.

A distância também poderá ser máxima. Neste caso, o falante considera seu enunciado como parte de um mundo distinto dele mesmo. Podemos citar como exemplo, o discurso didático, a máxima, os provérbios. Identifica, então, o eu da enunciação com outros eu no tempo e no espaço e esta identificação pode ser parcial ou total. O eu real desaparece para identificar-se a todos os eu no tempo e no espaço, isto é, o eu tende a tornar o "ele formal", enunciando verdades universais.

Situada ao lado do emissor, a modalização é a marca

que o falante não cessa de dar a seu enunciado, isto é, a marca de adesão que o sujeito dá ao seu discurso.

São modalizadores:

- os advérbios de opinião (talvez, sem dúvida, evidentemente, naturalmente, etc.);
- as transformações modalizadoras como a ênfase, a interrogação, a negação, o passivo facultativo;
- os advérbios temporais: (jamais, nunca);
- a utilização de diferentes níveis de língua (familiar, popular, literária);
- a oposição realizado/não-realizado das formas verbais;
- os performativos e as modalidades: querer, poder, dever.

O conceito de tensão parte das relações que se estabelecem entre o falante e seu interlocutor, isto é, a situação de diálogo, sendo o texto o elemento de mediação do desejo de comunicação.

A comunicação é, de início, desejo de comunicar e esta vontade é traduzida pela imagem do desejo e da tensão. Neste caso, o discurso não é senão uma tentativa de apreensão do outro ou do mundo.

A marca da tensão se faz por unidades discretas do discurso. A tensão é marcada pelos sistemas temporal e aspectual, o jogo do artigo, dos determinantes, dos pronomes pessoais e sobretudo pela oposição dos verbos do tipo ser e estar, de um lado, e querer, poder, dever, fazer, do outro.

Os verbos ser e estar marcam um "estado", um estado "acabado", uma ausência de tensão; enquanto que os verbos querer, poder, dever, fazer marcam uma tensão mais ou menos grande do sujeito da enunciação em face de seu interlocutor.

O conceito de transparência ou de opacidade situa-se

do lado do receptor e visa apresentar a enunciação como a relação entre o falante e seu discurso.

Há uma escala gradual que vai da transparência máxima à opacidade total.

Na transparência máxima há o apagamento total do sujeito da enunciação; neste caso, o alocutor assume por completo o enunciado. O ele substitui o eu. Na "máxima", por exemplo, o leitor adere fortemente ao texto, criando uma identificação entre o receptor e o sujeito da enunciação. O livro escolar, é, também, o exemplo típico da transparência, sendo que cada professor ou cada aluno torna-se o sujeito da enunciação.

A opacidade máxima aparece na poesia lírica. O enunciado é modalizado de maneira específica, original e o sujeito de enunciação está, então, segundo Dubois (1969, p. 106) "à disposição de cada leitor, transformado também num sujeito de enunciação, para assumir um enunciado cujas modalizações lhes escapam".

Esses dois conceitos representam uma abertura sobre a ambigüidade da mensagem, sendo que a transparência corresponde ao mínimo de ambigüidade e a opacidade ao máximo.

2.5. Para uma tipologia dos discursos

Todorov (1970, p. 4) aponta três direções que, de acordo com seu ponto de vista, parecem ser prometedoras no estudo da enunciação:

- o estudo da força ilocucionária
- o aspecto indicial da linguagem
- e o estudo da coloração que a enunciação dá aos diferentes enunciados.

Austin é o pioneiro no estudo da "força ilocucionária" da linguagem. Para exemplificar o que vem a ser um ato ilocucionário Todorov (1970, p. 5) cita a frase: Eu virei amanhã. Quando se diz Eu virei amanhã produzimos:

- uma seqüência fônica ou gráfica
- uma unidade de sentido
- um ato ilocucionário: afirmar, prometer, advertir ou seja:

Eu	}	<u>afirmo</u> <u>prometo</u> <u>advirto</u>	que virei amanhã vir amanhã que virei amanhã
----	---	---	--

Todorov (1970, p. 5) chama atenção para o fato de não se confundir o sentido de uma proposição com sua força ilocucionária, pois a mesma proposição, no caso, Eu virei amanhã pode ter forças ilocucionárias diferentes: afirmação, promessa, advertência.

Quanto ao aspecto indicial da linguagem Todorov (1970, p. 7) diz que no estudo da linguagem duas grandes perspectivas são possíveis: "a língua como repertório de signos e sistema de suas combinações", de um lado, "a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso", de outro. Para assumir esta dupla função, a língua dispõe de uma classe de elementos cujo papel é tornar possível a passagem de um ao outro, dito de ou-

tra maneira, "fornecer o instrumento de uma conversão, que se pode chamar a conversão da linguagem em discurso". Há, pois, que distinguir na língua entre seus elementos simbólicos (ou denominativos, ou referenciais) e seus elementos indiciais (ou pragmáticos, ou subjetivos)".

As categorias que estão integradas no aspecto indicial da linguagem são quatro:

os interlocutores: pronomes pessoais e possessivos - organizados em torno do eu;

o tempo e o lugar estruturados em torno do tempo da enunciação (agora) e do lugar da enunciação (aqui): pronomes demonstrativos, advérbios relativos, desinências verbais;

as modalidades: relação do interlocutor com seu enunciado: talvez, sem dúvida, etc...

Por último, ou a terceira direção apontada por Todorov, temos o estudo da enunciação relacionado com a análise do discurso.

Encontramos, sempre, no interior de um enunciado, de uma maneira ou de outra, a presença de marcas enunciativas, e as diferentes formas desta presença, assim como os graus de sua intensidade, possibilitam constituir uma tipologia dos discursos. A partir daí, poderemos ter, entre outros tipos, um discurso psicanalítico (Freud, Irigaray), um discurso implícito, de situação (conversação), um discurso explícito, autônomo (texto científico), uma história ou um discurso (Benveniste) etc...

Esta tipologia, ou seja, os traços fundamentais que podem ser definidos no interior da oposição enunciado/enunciação de um enunciado dado, pode ser examinada a partir dos quatro conceitos de base da enunciação, cujas noções apresentamos' no item 2.4 deste capítulo.

Examinaremos, aqui, as características de três tipos de discurso: didático, pedagógico e político.

Segundo Duro-Courdesses (1975, p. 151), no discurso

didático. o locutor identifica-se às asserções do interlocutor - dando-lhes um valor de verdade incontestada. É um discurso situado fora do eu, aqui, agora, é o ele impessoal, por toda a parte e sempre.

O discurso didático apresenta poucas marcas enunciativas:

- o eu desaparece
- a distância é máxima
- há presença de um grande número de "acabados" (formas em ter e haver)
- a tensão é fraca: ausência de pronomes, de performativos, de injuntivos, ausência total ou parcial de atualização espacial ou temporal, ausência de advérbios, de referentes.
- ausência de modalidades: dever, poder, querer.
- ausência total ou parcial de modalização, ou então transformações modalizadoras que, finalmente, ocasionam uma perda de informação referencial: passivas, interrogativas, etc.
- ausência de negações e de interrogações que supõem uma relação dialética entre o eu da enunciação e o interlocutor.

Um discurso assim caracterizado poderá ser encontrado no livro escolar, no discurso teórico que apresenta uma doutrina.

O discurso pedagógico apresenta três características essenciais:

- poder ser didático porque afirma, transmite o conhecimento.
- mede a distância das performances dos alunos e o modelo proposto; ao tentar reduzir esta distância torna-se performativo: aconselha, ordena, impõe, sugere, deseja. Será, então, marcado por: imperativos, modalidades (poder, dever, querer), factiti -

vos: (é necessário, é preciso fazer), os futuros , os condicionais "ordena, deseja, queria,.. que...".

- é polêmico, porque dá conta de um certo tipo relações entre X e Y, entre o mestre X e o aluno Y, relação de pai a filho, de docente a discente. O discurso marca, então, esta relação, esta distância por conotações polêmicas que exprimem: censura, rejeição, indignação marcando o afastamento entre o interlocutor e o modelo proposto, imposto.

Pode ser polêmico quando responde a contradições ou a adversários a um nível teórico ou de informação, é o caso das instruções pedagógicas, por exemplo. O caráter polêmico acusa uma tensão entre falante e ouvinte pelo jogo dos pronomes, eu ou ele oposto a vós ou a se, pelas negativas, interrogações.

O discurso político apresenta estas marcas:

- pode ser didático: quando ensina uma doutrina, analisa uma situação;
- é sempre polêmico;
- é performativo e injuntivo: quando chama à ação , lança palavras de ordem, enuncia os objetivos a serem perseguidos;
- procura a tensão máxima para estabelecer a comunicação, forçar a adesão onde os "não-acabados", o jogo dos pronomes, distância mínima, as modalizações são muito importantes. O eu enunciativo encontra-se ao centro desta tensão.

Duro-Courdesses (1975, p. 152) conclui seu estudo dizendo que todas as características estudadas nestes três tipos de discurso não são senão dados relativamente esquematizados , que permitirão, talvez, ao professor de analisar mais facilmente o conjunto dos discursos escolares.

Apontaremos, para finalizar, as características básicas destes três tipos de discurso:

O discurso didático é um discurso situado fora do eu, aqui, agora, é o ele impessoal, por toda a parte e sempre.

O discurso pedagógico pode ser, ao mesmo tempo:

- didático: quando o locutor se identifica a uma doutrina pedagógica, cultural, estética ou científica,
- performativo: quando chama à ação,
- polêmico: quando responde a vários tipos de interlocutores,

O discurso político:

- é, ou pode ser, didático,
- é sempre polêmico,
- é performativo e injuntivo,
- procura a tensão máxima.

2.6. Comentário Crítico

Neste comentário crítico, examinaremos alguns pontos significativos constantes da matéria apresentada no Capítulo 1 e no Capítulo 2 deste trabalho.

Como tivemos oportunidade de observar, no Capítulo 1, o estudo de algumas definições dos dêiticos mostrou-nos, portanto, não um sentido comum a todas, mas realidades bem diversas, cada qual ligada a uma problemática "semântica" particular, conforme o tratamento seja feito por um lógico, filósofo, psicólogo ou lingüista.

Os elementos dêiticos da linguagem apresentam-se revestidos de nomes variados: shifters (Jespersen), embrayeurs (Jakobson), indicateurs de subjectivité (Benveniste), indexical symbols (Peirce), egocentric particulars (Russel) e, à primeira vista, parece haver uma univocidade conceitual, sendo que somente a nomenclatura varia. Isto realmente pode acontecer se partirmos de uma observação superficial dos fatos. Mas, por outro lado, se observarmos, cuidadosamente, que a noção de dêixis parte de natureza semântica diversa, isto é, a semântica interessando a lógicos, psicólogos, filósofos e lingüistas, isso por si só já seria suficiente para constatarmos que aos vários termos de dêixis corresponde uma noção diferente.

Como poderia haver uma univocidade conceitual se o mesmo conceito, ora é examinado por um psicólogo, ora por um lingüista, ora por um filósofo? Ninguém, por certo, pode contestar que possa haver uma co-ocorrência nas ciências, mas se todos os ramos de conhecimento apresentassem, em todos os momentos, uma co-ocorrência profunda, em que não houvesse em determinado momento uma descontinuidade, isto é, um corte, qual seria a razão de ser das mesmas?

Por isso estamos plenamente de acordo com Lahud (1976, p. 43), quando separa as noções que englobam as diversas terminologias da dêixis. E foi à luz dessas coordenadas que também

propusemos dar um direcionamento ao nosso trabalho, cujo objetivo é o estudo da dêixis no que se refere ao seu sentido estritamente lingüístico. Para concretizar tais objetivos buscamos subsídios nos trabalhos de Jakobson e Benveniste.

Jakobson e Benveniste efetuaram um estudo sobre os dêiticos. Jakobson assim define os dêiticos:

"Todo código lingüístico contém uma classe especial de unidades gramaticais, que se podem chamar embreadores: a significação geral de um embreador não pode ser definida fora de uma referência à mensagem".

Para Benveniste, os pronomes, em particular eu e tu, advérbios, tempos verbais, verbos de fala, performativos são termos vazios, destituídos de referências que só se atualizam na instância de discurso, isto é, em cada instância da mensagem. São os indicadores de subjetividade na linguagem.

Vimos, então, que, na terminologia de Jakobson, os dêiticos são chamados embreadores e na de Benveniste indicadores de subjetividade ou elementos indiciais. Tanto os embreadores de Jakobson, quanto os elementos indiciais de Benveniste são elementos que só recebem uma significação no ato da enunciação, ou seja no exercício da linguagem, e nisto consiste o único critério válido para diferenciá-los de outras unidades gramaticais do código lingüístico. Conclusão: o traço comum entre os embreadores e os elementos indiciais seria o ato de atualizarem-se somente na instância de discurso. Entretanto, há uma diferença de perspectiva nos autores. Benveniste afirma que os dêiticos não possuem uma significação geral e constante: "cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal" (1976, p. 278). Jakobson, por outro lado, considera que os embreadores possuem essa significação geral própria: "eu designa sempre o remetente e tu sempre o destinatário da mensagem de que são componentes" (1963, p. 179).

Para Husserl (apud Jakobson, 1963, p. 179) o pronome

eu não possui uma significação geral própria: "a palavra eu de signa conforme os casos pessoas diferentes, e assume, por isso mesmo, uma significação sempre nova". Nesta perspectiva Husserl aproxima-se de Benveniste.

No seu artigo intitulado "A natureza dos Pronomes" - Benveniste (1976, p. 277) estabelece no interior da categoria de pessoa a dupla correlação: a correlação de personalidade e a correlação de subjetividade. Na correlação de personalidade as pessoas eu e tu opõem a não-pessoa ele, e na correlação de subjetividade eu a tu, isto é, a primeira pessoa opõe à segunda.

Tutescu (1975, p. 184) considera a tese de Benveniste sobre o estatuto dos pronomes pessoais da primeira e segunda pessoas muito justa, mas discorda sobre o estatuto da terceira pessoa ele, que para Benveniste é uma não-pessoa.

Tutescu (1975, p. 184) argumenta da seguinte maneira:

"É verdade que Benveniste chama a terceira pessoa de não-pessoa porque ela pode recobrir uma infinidade de sujeitos, ou nenhum. Abordagens guillemianas têm estabelecido que a terceira pessoa, sem dúvida, muito diferente das outras, deve tomar seu lugar no sistema interpessoal enquanto pessoa. No sistema de G. Guillaume, (eu, me, mim) e (tu, te, ti) são pesoas interlocutivas que testemunham a presença dos actantes no ato de alocução, enquanto que o pronome da terceira pessoa (ele, ela, lhe) representa a pesoa delocutada, a ausência deste actante no ato de alocução".

Tutescu (1975, p. 184) completa seu argumento citando André Joly. Este demonstra que a terceira pessoa é uma marca de exclusão da narração alocutiva, portanto uma ausência no ato de alocução. Os pronomes ele, ela e todo marcador nominal e verbal da terceira pessoa serão, dessa forma, pessoas não-interlocutivas.

Achamos que tanto Tutescu quanto Benveniste apresentam seus argumentos com bastante coerência. O que pesa, no caso, é o ponto de vista que se coloca o lingüista. Parece que Tutescu encara o fato de um ângulo mais pragmático, ao passo que Benveniste se coloca numa visão mais estrutural porque a terceira pessoa está isolada no sistema de pessoas, ficando, portanto, marginalizada.

Vários conceitos emitidos por Benveniste (1976, pp. 247-315) no decorrer de seu ensaio sobre a subjetividade da linguagem fornecem diretrizes muito sólidas para o entendimento do processo da comunicação. Esta passagem serve para ilustrar a nossa opinião:

"A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a "mim", torna-se o meu eco ao qual digo tu e que me diz tu. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática. Polaridade, aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta um tipo de oposição do qual não se encontra o equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem. Essa polaridade não significa igualdade nem simetria; ego tem sempre uma posição de transcendência quanto a tu; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição "interior/exterior", e ao mesmo tempo são reversíveis. Procure-se um paralelo para isso; não se encontrará nenhum. Única é a condição do homem na linguagem".

Do ensaio de Benveniste sobre as categorias de pessoa e de tempo (1966, pp. 3-13) achamos importante ressaltar a categoria de tempo. Partindo da premissa de que o tempo é um

universal lingüístico, Benveniste afirma que a expressão de tempo é compatível com todos os tipos de estruturas lingüísticas, sendo que somente os meios de expressá-los é que diferem em cada sistema lingüístico. Entretanto, para Benjamin Lee Worf, que estudou a língua dos índios hopis, o dialeto hopi, cada língua tem a sua maneira de estruturar a sua realidade e o conceito de tempo, por exemplo, como é concebido pela ideologia européia, necessariamente, não faz parte de todo sistema lingüístico. Por exemplo, na língua hopi não há tempos, isto é, não há formas verbais para expressar o tempo. Não se dispõe de uma palavra para expressar o passado, o presente ou o futuro. São, pois, duas questões controvertidas que vêm ao encontro de uma problemática: existem os universais lingüísticos? Seguindo as pegadas de Benveniste diremos que sim, mas se a nossa tendência é aceitar a hipótese de Sapir-Worf ⁽²⁹⁾ a nossa resposta será não. Somente o avanço dos estudos lingüísticos poderá responder a essas questões tão controvertidas.

Benveniste foi o primeiro lingüista que se ocupou da enunciação. Como vimos em O Aparelho formal da enunciação (1974, p. 82) ele define a enunciação como o processo de apropriação - da língua. Este ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala na sua fala:

"O locutor se apropria do aparelho formal da língua e anuncia sua posição de locutor por índices específicos, de uma parte, e por meio de procedimentos acessórios, de outro".

Há, ainda, a ressaltar, nesse mesmo artigo, que a enunciação, no plano semântico, leva a duas direções muito importantes:

- a semantização da língua, direção que conduzirá à teoria do signo e à análise da significância;
- a abordagem que consistiria em definir o quadro formal da enunciação, seus traços de expressão a par-

tir da manifestação individual que ela atualiza.

A enunciação está caracterizada pelo contínuo, enquanto o enunciado repousa sobre o discreto. Mas, o contínuo foi substituído ao discreto, para que a enunciação reencontrasse um lugar fundamental no estudo lingüístico:

"Nesse caso a linguagem não é mais um simples fenômeno de comunicação; mas um fato de expressão; como tal, as análises se inserem numa teoria que se baseia na competência do falante, onde os enunciados serão objetos da experiência humana e objetos de comunicação, e a constituição do enunciado será a constituição de um objeto cujo sujeito assume mais ou menos o conteúdo, colocando-se diante do objeto" (J. Dubois, Langages - 13, 1969, p. 100).

Quanto ao termo discurso, julgamos ser necessário deixar bem claro o seu sentido, pois é um termo muito ambíguo, que pode recobrir os conceitos de fala, enunciado, texto. Para concretizar tal objetivo, faz-se necessário retomar algumas definições, assim como efetuar uma pequena digressão. Encontramos no Dicionário de Lingüística (1978, p. 192) estes conceitos para o termo discurso:

"Discurso é a linguagem posta em ação, a língua assumida pelo falante".

"O discurso é uma unidade igual ou superior à frase; é constituído por uma seqüência que forma uma mensagem com um começo, um meio e um fim".

"Na sua acepção lingüística moderna, o termo discurso designa todo enunciado superior à frase, considerado do ponto de vista das regras de encadeamento das seqüências de frases. A perspectiva da análise do discurso - opõe-se, então, a qualquer ótica que tende a tratar a frase como a unidade lingüística terminal".

Assim sendo, no primeiro caso, discurso é sinônimo de fala, no segundo, de enunciado, e no terceiro de texto.

Dando prosseguimento, veremos como Benveniste coloca o problema do discurso. Ele usa o termo de duas maneiras: como todo enunciado igual ou superior à frase, domínio onde a língua entra como instrumento de comunicação; e em oposição ao termo história.

Para Benveniste o domínio da língua como sistema de signos termina quando começa o domínio da frase. A frase é o começo de um outro universo: o do discurso, em que a língua é tomada como instrumento de comunicação:

"Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso. Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante. Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva. A frase pertence bem ao discurso. É por aí mesmo que se pode defini-la: a frase é a unidade do discurso"(30).

Benveniste (1976, p. 267) usa também o termo discurso em oposição ao termo história, sendo o discurso somente reservado para toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro. A narrativa histórica, hoje reservada à língua escrita, representa o grau zero da enunciação, pois exclui toda forma linguística "autobiográfica". Ela caracteriza a narrativa dos acontecimentos passados. No entanto, vejamos o que diz Dubois et alii no Dicionário de Linguística (1978, p. 193) quando refe

ria-se à oposição história/discurso:

"A análise do discurso moderna, sem desprezar essa oposição, não poderia considerar a ausência do sujeito da enunciação como supressora dos processos discursivos: outros tipos de discursos, aliás, p. ex., o discurso pedagógico - também são marcados pelo apagamento do sujeito da enunciação (ex.: A água ferve a 100º)".

Chegamos, então, à conclusão de que, modernamente, se emprega o termo discurso em uma concepção mais generalizada, isto é, podendo ser aplicado a qualquer tipo de enunciação, enquanto, Benveniste (1976, p. 267), na sua segunda aceção, restringe seu uso somente à narrativa que apresente marcas enunciativas. Para citar um exemplo: o discurso didático, com as características apontadas por Duro-Courdesses, neste trabalho, jamais seria rotulado de discurso por Benveniste porque é destituído - ou quase destituído de tais marcas. Mas o nosso exemplo requer um esclarecimento. Por quê? Pelo motivo de Benveniste haver chamado justamente as obras didáticas de discurso. À primeira vista, parece paradoxal que Benveniste (1976, p. 267) tenha incluído as obras didáticas no rol do que ele denominou discurso escrito: correspondências, memórias, teatro, etc... Ele realmente as incluiu, mas não explicou o que vem a ser uma obra didática. Seguramente, não corresponde a um livro escolar, ou mesmo a um discurso teórico ou coisa parecida, pois, se assim o fosse certamente ele teria sido incoerente (31).

Vimos, no decorrer deste estudo, que Benveniste distingue, a partir de um estudo do tempo dos verbos franceses, dois planos de enunciação: história e discurso. Harold Weinrich (1968, p. 66) (32) também estabelece a partir do sistema temporal das línguas românicas e germânicas, cujo ponto de partida é o francês e o espanhol, duas situações comunicativas diferentes: mundo comentado e mundo narrado. Para Weinrich mundo é o possível conteúdo de uma comunicação lingüística. Ele divide o siste

ma temporal das línguas estudadas em dois grupos: GRUPO TEMPORAL I e GRUPO TEMPORAL II. Ao grupo temporal I do francês pertencem os tempos: perfeito composto, futuro, futuro anterior, futuro próximo, passado recente, presente. Ao grupo temporal II os tempos: mais-que-perfeito, condicional, condicional passado, futuro próximo, passado recente, imperfeito e perfeito simples. Os tempos do GRUPO I são chamados tempos do mundo comentado e os do GRUPO II tempos do mundo narrado. O diálogo, o memorando do político, a conferência científica, o ensaio filosófico, etc, são situações comunicativas do mundo comentado. A novela, e todo tipo de narração oral ou escrita, com exceção das partes dialogadas intercaladas, são situações comunicativas do mundo narrado. No mundo comentado há uma certa atitude tensa, enquanto que no mundo narrado uma atitude relaxada. Portanto, tensão e relaxamento são dois elementos que se encontram em oposição nessas duas situações comunicativas.

A partir daí, podemos concluir, em linhas gerais, que o estudo de Benveniste (1976, p. 260) e de Weinrich (1968, p. 66) seguem a mesma direção, porém uma interpretação diferente, se fôssemos proceder a um confronto mais minucioso dos dados disponíveis em ambos os estudos. O próprio Weinrich (1968, p. 57) é quem afirma:

"Os pontos comuns que apresentam a interpretação de Benveniste e nosso trabalho repousam em uma mesma direção mais que na análise ou interpretação efetivas. O autor abrange em seu trabalho todos os tempos, mas ma logra seu feliz ponto de partida ao delinear prematuramente a divisória estrutural. Para poder conservar o passé simple (e este é no fundo o único que o interessa em todo o trabalho) como pleno tempo, limita todo o grupo temporal História do francês atual à língua escrita (enquanto que o grupo Discurso abrange a língua falada além de algumas parcelas da escrita). Logo a seguir, e sob estas circunstâncias, declara o passé sim

ple tempo fundamental do grupo História".

Prosseguindo, diz:

"Uma restrição posterior deste grupo é ainda mais radical: ao grupo História só pertence a terceira pessoa. Esta limitação pode somente ser compreendida se notarmos que Benveniste, no fundo, quer é explicar o passé simple do francês juntamente com seu desaparecimento da língua falada. O passé simple conserva-se melhor na terceira pessoa que nas outras. Benveniste argumenta da seguinte maneira: uma forma como je fis não pertence como passé simple ao grupo temporal Discurso nem como primeira pessoa ao grupo História. Como esta forma não é, então, nem carne nem peixe (com perdão pela expressão tão familiar), é eliminada da língua e substituída pelo passé composé j'ai fait. No capítulo X veremos com detalhe que je fis não é substituído precipitadamente por j'ai fait. No momento basta o fato de que, segundo todas as aparências, pode explicar-se melhor o destino de uma forma temporal em razão de todo o sistema dos tempos do que todo o sistema dos tempos em razão de uma só forma".

Ao concluir este comentário, queremos sublinhar a importância dos conceitos propostos nos itens anteriores, principalmente aqueles apresentados por Benveniste e Jakobson, esperando que sejam subsídios valiosos para a análise que pretendemos efetuar na segunda parte deste trabalho.

NOTAS DO CAPÍTULO 2

- (1) Este item é a síntese de "Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe". In: Jakobson, Roman-Essais de Linguistique Générale. Paris, Minuit, 1963, Chapitre IX, p. 176-196.
- (2) *Perdigueirez e *fididade não fazem parte de nosso léxico, mas, tivemos necessidade de criá-los, para mostrar que o vocábulo perdigueiro pode apresentar qualidade de abstração, ao passo que o nome próprio Fido não pode apresentar esta característica, a menos que sejamos surpreendidos com um neologismo do tipo *Pedrice, *Carlice, uma possível generalização de uma qualidade muito marcante encontrada em Pedro ou em Carlos.
- (3) Jakobson, no seu livro Linguística e Comunicação, Cultrix, 1974, p. 64, distingue três formas de tradução, ou três maneiras de interpretar um signo verbal:
- "1. A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos linguísticos - por meio de outros signos da mesma língua.
 2. A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos linguísticos por meio de uma outra língua.
 3. A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos linguísticos por meio de sistemas de signos não-linguísticos".
- (4) A linguagem comum freqüentemente emprega elementos do discurso teórico, mas isso apresenta um saldo positivo. Assim sendo, podemos citar a função metalinguística que desempenha uma função positiva na aquisição e emprego de uma língua. Para exemplificar transcreveremos um pequeno diálogo entre mãe e filha, que presenciamos num trem de Curitiba a Paranaguá:

Filha - "Mamãe, por que o trem parou?"

Mãe - Porque é uma estação.

Filha - Que é uma estação?

Mãe - É um lugar onde param os trens, navios, etc."

Uma criança não poderia apreender a própria língua sem a contribuição dessas explicações metalingüísticas. Além disso essas explicações contribuem para que possamos delimitar o sentido dos neologismos.

- (5) O termo embreador corresponde ao termo inglês shifter. Jespersen define assim o shifter: "uma classe de palavras (...) cujos sentidos variam com a situação (...) exemplo papai, mamãe, etc. (...).
- (6) "Assim são chamadas na gramática e na lógica medievais aquelas partes do discurso como conjunções, preposições ou advérbios etc., que não têm significação de per si mas a adquirem em contacto com as outras partes". Dicionário de Filosofia, Abbagnano, Nicola. São Paulo, Mestre Jou, 1970, p. 869.
- (7) BENVENISTE, Émile. O homem na língua. In: Problemas de Lingüística Geral. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, pp. 247-315.
- (8) Op. cit., p. 250.
- (9) Op. cit., p. 262.
- (10) Op. cit., p. 267.
- (11) Op. cit., p. 286.
- (12) Op. cit., p. 288.
- (13) Para uma análise aprofundada da tipologia dos enunciados e condições de sucesso dos performativos, veja-se Austin, J.L. Quando dizer, c'est faire. Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- (14) I. Verbo declarativo é o que exprime o enunciado puro e simples de uma asserção, como dizer, contar, declarar,

anunciar, afirmar, etc. (Dicionário de Lingüística, Du bois et alii, 1978, p. 166).

2. As formas verbais ou as construções que têm por fim exprimir a ordem constituem o jussivo (ou injuntivo: o imperativo é um jussivo, mas o subjuntivo também, em certos casos (que ele saia!). Enfim, o jussivo pode re-
duzir-se a uma palavra-frase (Silêncio!). (Dicionário de Lingüística, Dubois et alii, 1978, p. 356).

(15) Op. cit., p. 302.

(16) BENVENISTE, Émile. Problèmes de Linguistique Générale II. Paris, Gallimard, 1974, p. 67-88. Tradução de Maria Marta Furlanetto.

(17) O artigo foi extraído do livro Problèmes du Langage, de vários autores, da Collection Diogène, Gallimard, 1966, p. 3-13, e traduzido por Maria Marta Furlanetto.

(18) BENVENISTE, Émile. "L'appareil formel de l'énonciation". In: Problèmes de Linguistique générale II. Paris, Gallimard, 1974, p. 79-88. Tradução de Maria Marta Furlanetto.

(19) Segundo Benveniste (1974, p. 85) a negação como operação lógica é independente da enunciação. No francês ela tem a sua forma própria, que é ne...pas. Na enunciação aparece sob a forma de non.

(20) Em francês peut-être, por isso fala-se em termos de fraseologia.

(21) DUBOIS, Jean. Enunciado e Enunciação. In: Langages nº 13, Paris, Didier-Larousse, 1969, p. 100. Tradução resumida por Maria Marta Furlanetto para uso em classe. Florianópolis, 1976.

(22) DURO-COURDESSES, Lucile. "Le discours et son analyse". In: Manuel de Linguistique appliquée, Tome 3. Paris, Delagrave, 1975, p. 115-157.

- (23) ROBIN, Régine. História e Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1977, p. 24.
- (24) TUTESCU, Mariana. Précis de sémantique française. Paris, Klincksieck, 1975, p. 178.
- (25) DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1978, p. 218.
- (26) TODOROV, Tzvetan (org.). L'énonciation. Langages, 17, Paris, Didier-Larousse, 1970. Traduzida por Maria Marta Furlanetto, Florianópolis, 1978.
- (27) TODOROV, Tzvetan. "Problèmes de l'énonciation". In: Langages, 17. Paris, Didier-Larousse, 1970, pp.3-11. Tradução de Maria Marta Furlanetto, Florianópolis, 1978.
- (28) RUWET, Nicolas. Introdução à Gramática Gerativa. São Paulo. Perspectiva, 1975, p. 46.
- (29) "Recortamos a natureza de conformidade com as diretrizes delineadas pela nossa língua materna. As categorias e os tipos que isolamos do mundo dos fenômenos, não os entramos lá porque eles sejam evidentes por si mesmos; pelo contrário, o mundo apresenta-se-nos como um fluxo caeleidoscópico de impressões, que deve ser organizado pelas nossas mentes, e isto, em grande medida, pelos sistemas lingüísticos que as nossas mentes contêm. Dissecamos a natureza, organizamo-la em conceitos aos quais atribuímos significações de um modo definido, principalmente porque somos as partes contratantes de uma convenção, em cujos termos devemos organizá-la assim, de uma convenção que é rigorosa para a nossa comunidade lingüística e está codificada nos modelos da nossa língua". (Benjamin Lee Whorf. A Relatividade Lingüística. In: J.P.B. Allen and S. Pit Corder (eds.) - Reading for Applied Linguistics. London, Oxford University Press, 1973). Tradução de Ana Antônia de Assis.
- (30) Benveniste, 1976, p. 139.

- (31) A par de tanta ambigüidade, achamos conveniente esclarecer, na segunda parte deste trabalho, o termo discurso será tomado, ora, em um sentido mais amplo, como um texto qualquer, por exemplo, um texto científico, um texto didático, ora, em um sentido mais restrito, como o proposto por Benveniste, na sua segunda acepção, ou seja, discurso em oposição à história.
- (32) WEINRICH, Harold. Estructura y Función de los Tiempos en el Lenguaje. Madrid, Editorial Gredos, S.A., 1968.

PARTE II : Aplicação da Teoria.

Capítulo 3 - O discurso do aluno de 1º Grau de Curitiba, nível 5 a 8.

3.1. Reflexões Pedagógicas

Com o surgimento da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, o professor defrontou-se com um novo conceito de ensino de Língua Portuguesa. Ensiná-la dando especial relevo ao estudo da língua nacional como instrumento de comunicação e como expressão da cultura brasileira é o que preceitua o seu artigo 4º, parágrafo 2º, do Capítulo I, reforçado pelo artigo 3º da Resolução nº 8, de 1º de dezembro de 1971, anexo ao parecer 853/71 oriundo do Conselho Federal de Educação.

Ada Natal Rodrigues (1) nos fala a respeito:

"O ensino da língua portuguesa, antes da reforma, limitava-se quase sempre a admitir a norma como única forma de expressão. Como as regras que constituem a norma são tiradas geralmente da língua escrita, da língua literária, havia uma verdadeira inversão do processo: não se partia do concreto - fala - mas do abstrato - norma, prejudicando a espontaneidade e até o relacionamento aluno - professor, já que, para se expressar, o aluno teria que fazê-lo, falando ou escrevendo "corretamente", segundo os padrões estabelecidos pela norma, mas a partir de um fato concreto - a fala".

De perfeito cultuador da gramática tradicional, manuseada como um fim em si mesma, de simples expositor do código da língua, o professor agora teria a tarefa de buscar seu uso efetivo, isto é, ensiná-la através de exercícios da língua. No-

vo encargo, nova maneira de encarar a língua, novas preocupações.

Ninguém contesta que a crise da linguagem constitui fenômeno contemporâneo e universal. Na verdade, ela retrata a crise do pensamento conceitual na sociedade atual, onde imagens e figuras, na sua prevalência visual, tentam substituir as palavras e o exercício do pensamento humano. No caso brasileiro, entretanto, é mais grave porque esse fenômeno universal nos alcança num estágio mais atrasado.

Por outro lado, também estamos cientes de que, por ora, grande parte do professorado não está em condições de operar no ensino marcantes transformações, seja pela qualidade de formação que recebeu durante sua preparação profissional, seja pela falta de uma leitura contínua que aprofunde seus conhecimentos, seja pela falta de motivação em assumir um magistério consciente, seja, também, pelas transformações sócio-econômicas por que passa nossa sociedade.

Entretanto, apesar dessas crises, quais seriam os subsídios oferecidos ao professor a fim de que o mesmo possa dar cabo de sua tarefa de orientar o aluno para os caminhos da comunicação e expressão ?

Muitas propostas curriculares foram apresentadas, sendo todas muito boas, bem intencionadas, mas todas sem a preocupação de fornecer, em anexo, um manual que desse ao professor breves noções das modernas teorias lingüísticas e a sua utilidade no planejamento de um curso. Estaria, por ventura, o professor capacitado para entender itens como: exercícios estruturais, elementos do processo de comunicação, variedade de usos lingüísticos, etc., se o mesmo não possui noções de lingüística estrutural, de teoria da comunicação e de sociolingüística ?

Voltando às nossas reflexões, queremos lembrar também que a problemática da comunicação e expressão poderá ser melhor situada e compreendida a partir do estudo das funções da linguagem, uma vez que o processo de comunicação evidencia algu

mas dessas funções. Para não estender muito nosso trabalho, limitaremos a expor, resumidamente, as principais idéias contidas nos ensinamentos de Martinet, Bühler e Jakobson sobre as ditas funções.

Para Martinet (2) a função essencial do instrumento que é a língua reside na comunicação. Mas, a língua comporta outras funções: suporte ao pensamento, expressão e estética.

Bühler (3) distingue três funções: expressiva, centrada no emissor, apelativa, centrada no receptor, e representativa, centrada na terceira pessoa.

Jakobson (4), partindo dos elementos constitutivos do processo da comunicação, assinala estas funções: a emotiva (emissor), a conativa (receptor), a fática (canal) a metalingüística (código), a poética (mensagem) e a referencial (contexto ou referente).

Todas essas funções são muito importantes para a comunicação. No ato lingüístico nunca se manifesta apenas uma dessas funções. Na realidade, todas se fazem presentes e somente a predominância de uma delas é que caracteriza o tipo de linguagem (informativa, apelativa ou expressiva). É o fenômeno da com presença.

O que estranhamos no discurso escolar é a predominância, em determinados casos, da função referencial ou representativa, em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, no ensino de 1º grau, onde a função comunicativa e expressiva deveriam estar colocadas em primeiro plano.

Se o ensino da língua, nesse nível, deveria levar o aluno a se expressar e a se comunicar, será que a escola, realmente, estaria direcionando-o à concretização desse objetivo? Estaria o professor mais preocupado em ditar normas de língua culta ao aluno do que deixá-lo expressar? A fala do aluno seria uma história ou um discurso? Outras funções da linguagem estariam sobrepondo-se à função de comunicação e expressão?

Intrigados com essas questões, foi que nos propusemos fazer um levantamento entre nossos alunos de 1º grau, nível 5 a 8, a fim de captarmos com que freqüência as marcas enunciativas aparecem em seu discurso escrito.

De posse desses dados, analisados à luz da teoria do discurso, tentaremos chegar a uma conclusão sobre a posição em que se coloca o aluno em face de seu enunciado, interpretando - os graças aos conceitos de distância, de tensão, de transparência ou opacidade, para depois buscar, à luz da sociolinguística, a explicação para essa posição.

3.2. O corpus lingüístico.

3.2.1. Constituição da amostra.

A amostra foi retirada de uma população de 7.646 alunos de 1º grau, da cidade de Cuiabá, nível de 5ª a 8ª Série. É constituída de 120 alunos, sendo 30 de cada nível.

Os alunos que fizeram parte da pesquisa são considerados socialmente iguais pela semelhança do padrão sócio-econômico, ou seja, pertencem, na sua totalidade, à classe média.

Os referidos alunos são de três estabelecimentos da rede estadual de ensino, situados em bairros da classe média.

Os estabelecimentos selecionados são:

- Colégio José de Mesquita (Bairro da Cidade Alta);
- Escola de 1º grau Santos Dumont (ex-Escola Polivalente) (Bairro Várzea Ana Poupino).
- Escola de 1º grau Senador Azeredo (Bairro do Porto).

3.2.2. Hipóteses de trabalho.

Este estudo visa a constatar duas hipóteses gerais:

1ª) - O discurso escrito do aluno de 1º grau de Cuiabá, nível 5 a 8, apresenta, em geral, fraco índice de marcas enunciativas em quantidade e/ou qualidade.

2ª) - Quanto mais avançado o nível de escolaridade do aluno, mais elevado será o índice de presença de marcas enunciativas, em seu discurso, em quantidade e/ou qualidade.

Quantidade refere-se ao número de marcas enunciativas.

Qualidade refere-se aos diferentes tipos de marcas enunciativas.

3.2.3. Variáveis.

As variáveis em estudo são:

- a) variável dependente: discurso escrito;
- b) variável independente: série.

As variáveis intervenientes podem ser: personalidade, estado emocional, inteligência, tipo de instrumento de coleta de dados, sexo, idade, status sócio-econômico, etc.

3.2.4. Invariantes.

Os invariantes são:

- a) invariante de modalidade: discurso escrito
- b) invariante do tema: carnaval
- c) invariante de medida: uma página escrita (30 linhas)
- d) invariante de duração: 45 minutos (duração de uma aula)
- e) invariante do contexto situacional:
 - mesmo lugar: uma sala de aula.
 - mesma época: o mesmo dia, a mesma hora.

3.2.5. Instrumento de coleta de dados.

O corpus lingüístico foi obtido através de uma redação, cujo tema versava sobre o CARNAVAL.

Foram distribuídas aos alunos durante uma aula de Português, cópias do tema: Fevereiro: Carnaval... e pedido que escolhessem um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batata, etc) e escrevessem sobre o mesmo.

3.3. Análise do corpus

3.3.1. Critérios de análise.

A partir dos elementos teóricos desenvolvidos na primeira parte deste trabalho e baseados, principalmente, nas concepções de Benveniste sobre "O aparelho formal da enunciação" e na dos embreadores de Jakobson, estabelecemos uma lista de oito critérios de análise das marcas enunciativas.

Os critérios são:

- 1 - os indicadores de pessoa: eu e tu.
- 2 - os índices de ostensão: este, aqui, agora.
- 3 - a forma temporal axial do discurso: o presente.
- 4 - a asserção: expressas pelas partículas sim e não substitutas de uma proposição.
- 5 - a interrogação: formas lexicais e sintáticas.
- 6 - a intimação: ordem, apelos concebidos em categorias como o imperativo, vocativo.
- 7 - os modalizadores:
 - modo optativo
 - modo subjuntivo
 os advérbios de opinião: talvez, sem dúvida, provavelmente, etc.
- as transformações modalizadoras:
 - a ênfase
 - a passiva
 - a interrogação
 - a negação
 - os apresentadores: eis aqui, cá está
 - os performativos
- 8 - as interdependências de níveis.

Não encontramos um texto que estabelecesse critérios

de avaliação de quantidade de marcas enunciativas manifestadas.

Para avaliação da ocorrência de marcas enunciativas, por série, foi estabelecido o seguinte critério de classificação:

QUADRO DE AVALIAÇÃO POR SÉRIE

MARCAS			ÍNDICES
0	a	299	fraco
300	a	499	satisfatório
500	a	600	forte

O limite superior resulta do produto de 20 por 30 , sendo 20 o número de marcas considerado satisfatório, em termos dos objetivos propostos, numa redação de uma página (30 linhas), e 30 o total de redação por série. Para as quatro séries, os limites de cada índice é multiplicado por quatro, resultando o quadro de avaliação seguinte:

QUADRO DE AVALIAÇÃO DO TOTAL

MARCAS			ÍNDICES
0	a	1196	fraco
1200	a	1996	satisfatório
2000	a	2400	forte

Para avaliação da ocorrência de cada tipo de marca , por série, foi estabelecido o seguinte critério da classificação:

QUADRO DE AVALIAÇÃO POR TIPO DE MARCA E SÉRIE

MARCAS			ÍNDICES
0	a	49	fraco
50	a	99	satisfatório
100	a	150	forte

O limite superior resulta do produto de 5 por 30, sendo 5 o número de cada tipo de marca considerado satisfatório numa redação de uma página (30 linhas), e 30 o total de redação por série. Para as quatro séries, os limites de cada índice é multiplicado por quatro, resultando o quadro de avaliação seguinte:

QUADRO DE AVALIAÇÃO DO TOTAL POR TIPO DE MARCA E SÉRIE

MARCAS			ÍNDICES
0	a	196	fraco
197	a	396	satisfatório
400	a	600	forte

3.3.2. Análise dos resultados.

Com a tabulação das marcas enunciativas presentes nas redações, e a partir da fundamentação teórica desenvolvida na primeira parte deste estudo, passamos à análise e interpretação dos resultados.

As 120 redações examinadas das quatro séries apresentaram um total de 489 marcas enunciativas, distribuídas de acordo com o quadro 1:

QUADRO 1

SÉRIES	MARCAS
5ª	126
6ª	120
7ª	125
8ª	118
T O T A L	489

Esse resultado, segundo o quadro de avaliação do total, constitui um índice fraco de marcas enunciativas, e, portanto, confirma a validade da primeira hipótese formulada, de que o discurso do aluno de Cuiabá apresenta, em geral, fraco índice de marcas, em quantidade e/ou qualidade.

Com relação ao aspecto qualitativo, os dados revelaram que não houve multiformidade de marcas. Uma conclusão viável é de que o aluno não explorou as várias possibilidades que a enunciação lhe oferece.

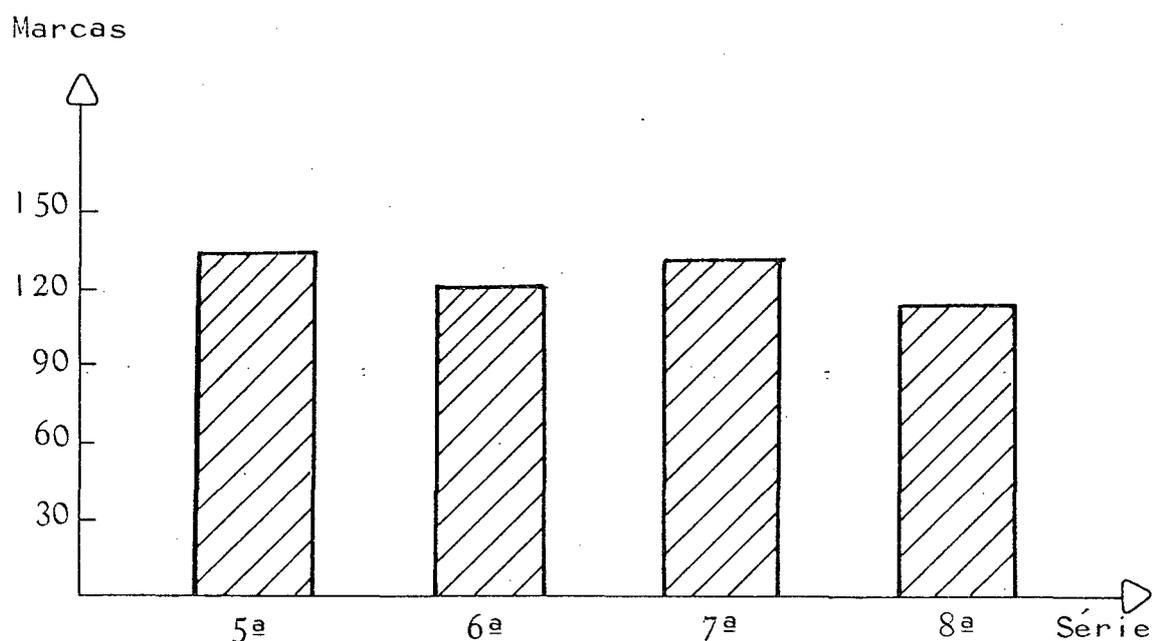
O bloco de marcas constante, em toda série, por ordem de incidência, com exceção dos advérbios de opinião que ocorreram somente na 8ª série, foi o seguinte: (5)

- os indicadores de pessoa
- a forma temporal axial: o presente
- os índices de ostensão (este, aqui, agora)
- as interdependências de níveis
- a intimação (vocativo, imperativo)
- os advérbios de opinião
- o modo optativo.

No quadro 1, verifica-se também que a segunda hipótese de que quanto mais avançado o nível de escolaridade do aluno, mais elevado será o índice de marcas em seu discurso, em quantidade, não se constatou.

Observa-se decréscimo de marcas da 5ª para a 6ª série, acréscimo da 6ª para 7ª, e novamente decréscimo da 7ª para 8ª série.

Essa situação é mostrada graficamente:



Quanto ao aspecto qualitativo, os resultados evidenciaram que não houve diversificação considerável de marcas dentro de uma mesma série, e nem de uma série para outra.

Analisando a amostra por série e por tipo de marca, a frequência de ocorrência da marca eu é mostrada no quadro 2:

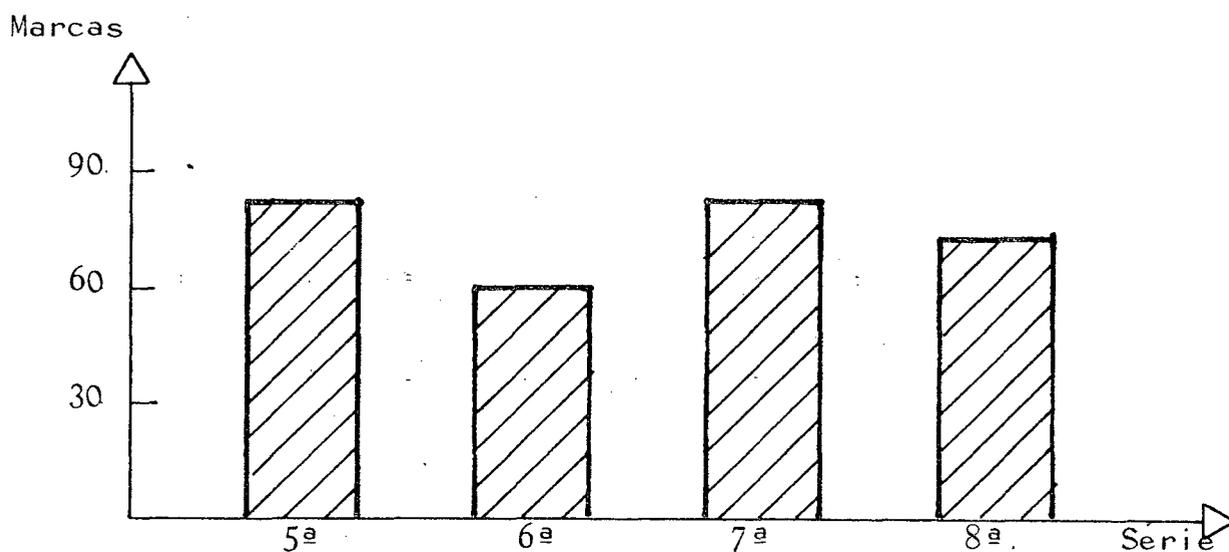
QUADRO 2

SÉRIE	Nº REPETIÇÃO
5ª	86
6ª	62
7ª	86
8ª	70
TOTAL	304

Esse total, corresponde a um índice satisfatório des

sa marca. (6) Indica que a distância (7) colocada pelo aluno entre ele próprio e seu enunciado não é muito grande.

Verifica-se, ainda, que a frequência de ocorrência da marca eu varia de uma série para outra, conforme mostra o gráfico:



Essa situação de decréscimo e acréscimo de marcas de uma série para outra, contraria a segunda hipótese de que quanto mais avançado for o nível de escolaridade do aluno, mais elevado será o índice de presença de marcas enunciativas em seu discurso, em quantidade e/ou qualidade.

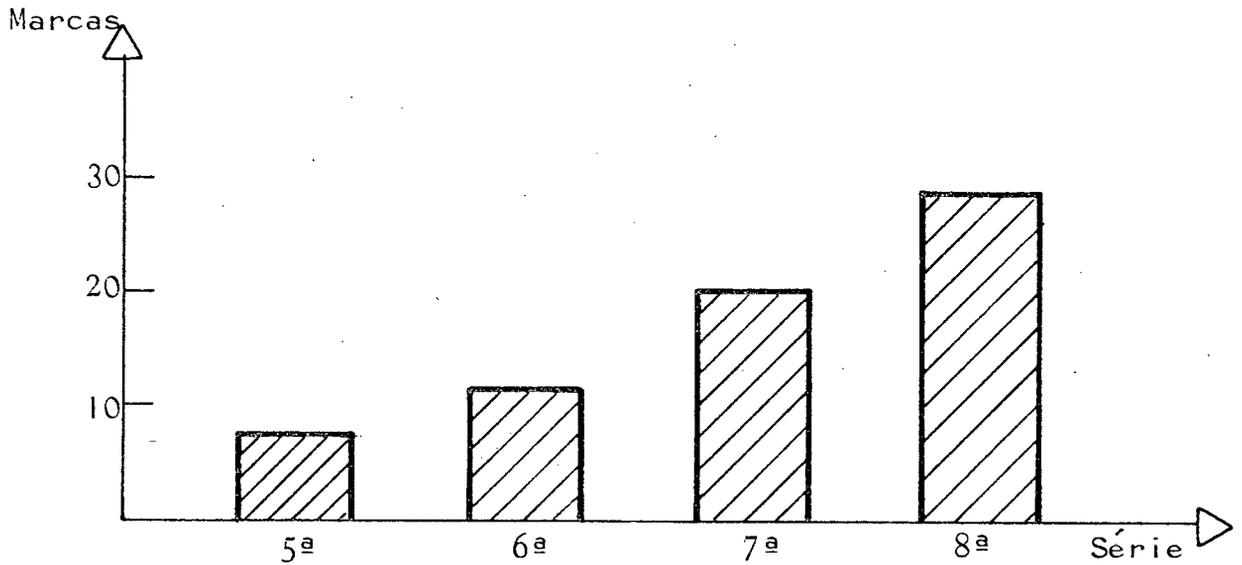
Outra característica que se pode observar é se o discurso do aluno apresenta-se modalizado, isto é, se o falante deixou sua marca no seu enunciado através de unidades discretas. (8)

Os índices de ostensão (9) não foram numerosos nas redações. Sua distribuição por série é mostrada no quadro 3:

QUADRO 3

SÉRIES	Nº REPETIÇÃO
5ª	6
6ª	10
7ª	19
8ª	25
TOTAL	60

Esse resultado mostra o índice fraco dessas marcas enunciativas, comprovando a primeira hipótese. (10) Nesta distribuição, houve aumento de marcas de uma série para outra, dando idéia de comprovação da segunda hipótese. Graficamente tem-se:



Não houve ocorrência de performativos, assim como não foi apresentado caso de asserção, expressa pelas partículas sim e não substitutos de uma proposição. (11)

As gírias foram utilizadas muito pouco, fato que surpreende, uma vez que seu emprego, nessa faixa etária, é muito comum. (12) A distribuição do número de ocorrência de gírias por série é mostrada no quadro 4.

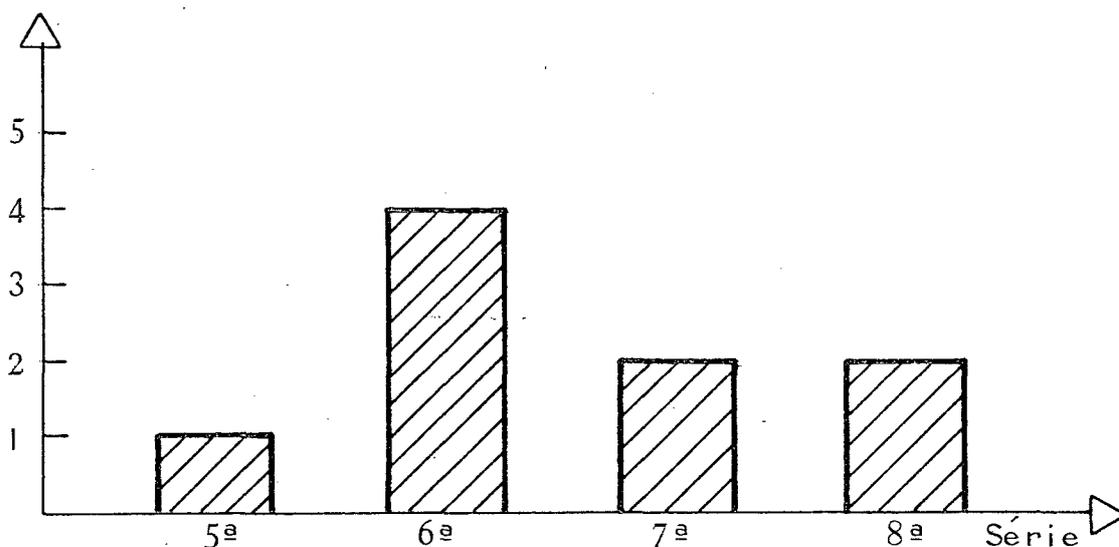
QUADRO 4

SÉRIES	Nº DE OCORRÊNCIA DE GÍRIAS
5ª	1
6ª	4
7ª	2
8ª	2
TOTAL	9

Esse total é inexpressivo, diante de uma amostra de 120 redações, não havendo, portanto, interdependência de níveis.

O gráfico ilustra a situação:

Nº ocorrência
de gírias



A ocorrência do modo optativo (13) foi rara, conforme mostra o quadro 5.

QUADRO 5

SÉRIE	Nº REPETIÇÃO
5ª	1
6ª	2
7ª	-
8ª	-
TOTAL	3

Os advérbios de opinião, (14), elementos que modalizam fortemente o enunciado, ocorreram somente 6 vezes, e apenas na 8ª série.

A tensão, relação que se estabelece entre o falante e o receptor da mensagem, se traduz pela vontade intensa de co

municação que o falante deseja manter com o ouvinte. (15)

O índice elevado dos verbos: ter/haver e ser / estar, verbos que postulam um estado acabado, marcaram uma ausência de tensão no discurso dos alunos. A freqüência de ocorrência desses verbos nas redações é mostrada no quadro 6:

QUADRO 6

SÉRIE	Nº REPETIÇÃO
5ª	94
6ª	101
7ª	101
8ª	102
T O T A L	398

Os verbos querer, poder, dever e fazer que indicam um estado não-acabado, uma tensão mais ou menos grande do sujeito da enunciação em face de seu interlocutor, não ocorrerem nas redações. (16)

O presente, forma temporal axial do discurso, ocorreu 100 vezes nas redações dos alunos e está, assim, distribuído:

QUADRO 7

SÉRIE	Nº REPETIÇÃO
5ª	31
6ª	37
7ª	18
8ª	14
T O T A L	100

A interrogação, o vocativo, o imperativo, apresentaram baixa freqüência. (17)

Os casos ocorridos estão distribuídos no quadro 8:

QUADRO 8

SÉRIE	Nº REPETIÇÃO
5ª	1
6ª	5
7ª	-
8ª	1
T O T A L	7

3.3.3. Conclusão.

A partir dessas observações das marcas enunciativas, podemos concluir que:

1º) - o discurso do aluno de Cuiabá apresenta uma baixa freqüência de marcas enunciativas;

2º) - não há diferença significativa entre uma série e outra em traços qualitativos;

3º) - o número de marcas enunciativas não aumenta a medida que eleva o nível de escolaridade, com exceção de alguns casos;

4º) - apresenta uma grande uniformidade de marcas, denunciando a falta de criatividade em nossos alunos;

5º) - é frequente o uso da terceira pessoa, com tendência a ser um discurso constativo ou transparente;

6º) - é um discurso parcialmente não - marcado com forte tendência a ser uma história.

3.4. O fraco índice de marcas enunciativas e suas possíveis causas.

A grande constatação, como mostram os dados, é de que há uma ausência quase total de marcas enunciativas, ficando, dessa forma, confirmada a nossa hipótese inicial de que o discurso escrito do aluno de 1º grau, nível 5 a 8, apresenta fraco índice de marcas enunciativas, seja em quantidade ou qualidade.

Esse esvaziamento de marcas enunciativas leva conseqüentemente a um esvaziamento da comunicação. Biderman (18), num artigo sobre os elementos expressivos do discurso, ou seja, um dos elementos que integram o universo indefinido do léxico (19) de uma língua, assim se expressa:

"Nos discursos literários e sobretudo poéticos, a liberdade criadora do artista e uma forte carga de emotividade permeiam a expressão linguística de partículas e expressões que não se enquadram dentro das classes de palavras tradicionalmente relacionadas pelas gramáticas. Mas não só nesse tipo de discurso. Também a linguagem coloquial, instrumento de comunicação e expressão de todos, se manifesta preñe de elementos léxicos, inclassificáveis segundo os modelos lógico-gramaticais. Tais elementos são carregados de significação e emotividade, acrescentando ao enunciado dados informativos frequentemente ligados à opinião, ou aos sentimentos do emissor da mensagem, entretanto, não se integram na estrutura lógico-sintática da oração. Se forem eliminados, porém, a comunicação se esvazia, se empobrece de informações relevantes, e o significado global da sentença ou do discurso se altera".

Retomada nossa questão inicial, qual seria, no caso, o motivo principal que levaria o aluno a agir dessa forma? Ins-

trumento de coleta de dados ? Relação familiar ? Grau sócio-cultural ? Opção do aluno ? Discurso impessoal da escola ?

As variáveis que podem interferir no desempenho linguístico do aluno são muitas. Entretanto, como nosso trabalho não teve por objetivo controlar todas essas variáveis intervenientes, pois se restringiu tão-somente a uma tentativa de levantar problemas, buscamos empírica e assistematicamente uma interpretação possível para o fraco índice de presença dessas marcas.

Como primeira causa possível, apontamos o instrumento de coleta de dados, que, no nosso caso, foi uma redação. Sabemos que a situação de diálogo é a situação enunciativa por excelência. Entretanto, achamos mais coerente optar pelo discurso escrito, justamente por ser o tipo de exercício que se pede comumente em classe. Ora, nesse tipo de exercício, onde não se reproduz uma situação completa de comunicação, a criança deverá - possuir alto grau de criatividade para extrapolar sua impessoalidade, e nisso, talvez, resida a causa do apagamento do sujeito em seu enunciado.

Outra causa que poderá afetar o desempenho linguístico do aluno é o seu relacionamento familiar. Se a família for orientada para a pessoa (pessoal), onde a comunicação dá-se precipuamente ao nível da interação, e as posições familiares são mais elásticas e menos coercitivas, conseqüentemente ela vai produzir um sistema de comunicação forte ou aberto.

Marcuschi (20), em seu trabalho crítico sobre a teoria dos códigos linguísticos de Bernstein, nos diz:

"Nas famílias "pessoais" as fronteiras são mantidas abertas, e nas discussões as características psíquicas prevalecem sobre o status. Numa família assim, em que as divisões formais entre os diferentes status não são tão rígidas, é evidente que seus membros disponham de uma maior área de alternativas para escolha, enriquecendo-se como tal o espaço para o jogo de papéis. Ali ocorrem as condições que permitem o surgimento de uma comunicação verbal, e possibilitam à criança a expressão de suas diferenças individuais diante do grupo. Não se trata de contatos mais cons-

tantes, mas de contatos de tipo especial. Os pais são, nestas famílias, muito receptivos às características das crianças e deixam-se influenciar, o mesmo acontecendo por parte das crianças. Esta reciprocidade leva à confiança mútua, faz surgir um sistema de comunicação aberto, possibilita a expansão da personalidade do indivíduo e garante-lhe a receptividade de sua mensagem”.

Por outro lado, se a família for orientada para a posição (posicional) onde o sistema de papéis dificulta a comunicação das diferenças individuais, conseqüentemente ela vai produzir um sistema de comunicação fraco ou fechado.

Diz Marcuschi (21):

“Em conseqüência, a criança passa a reagir conforme as exigências de sua posição familiar. Por causa deste fechamento das alternativas da escolha, a sensibilidade individual tem menos possibilidades de ser expressa de forma verbal, estabelecendo-se assim uma comunicação ao nível da posição ocupada dentro do grupo familiar”.

Pesquisas recentes têm demonstrado, só para citar um exemplo, que quanto mais harmonioso for o relacionamento afetivo da criança, melhor é o seu desempenho lingüístico. Se a criança possui um relacionamento mais familiar com seus pais, certamente também ela se colocará mais à vontade em seu enunciado para exprimir sua experiência.

O aluno cuiabano, em geral, tem dificuldade para se expressar. Uma das causas aparentes parece ser o relacionamento familiar. Certos pais não dialogam com seus filhos, havendo até certo distanciamento, em que a criança vem a ser uma não-pessoa sociológica, para usar a terminologia do sociólogo Erving Goffman, citado por Perret (22). Ao lado dos pais indiferentes, dos pais sem nenhum preparo, há ainda a problemática dos pais muito

ocupados que não dispõem de tempo para seus filhos, seja pelo excesso de trabalho, seja pelos compromissos sociais, ou ambos. Filhos desses pais estão, quando pequenos, é óbvio, aos cuidados de babás sem o mínimo preparo, muitas vezes, para estimular o desenvolvimento lingüístico dessas crianças.

Ao lado do relacionamento familiar, podemos, também apontar, como causas da dificuldade de expressão do cuiabano, certos fatores, que, se foram característicos de uma certa época, ainda se fazem sentir, principalmente, numa determinada faixa etária, ou seja, na que se situa acima de 30 anos, aproximadamente.

Esses fatores seriam: a situação geográfica, a falta de leituras, e o baixo nível de escolaridade.

O cuiabano, até certa época, vivia plenamente sua "solidão geográfica", longe de tudo e de todos, e além do mais, privado dos modernos meios de comunicação de massa. Limitada, pois, era sua cosmovisão, e conseqüentemente sua possibilidade de expressão.

A orientação dada nos poucos colégios existentes não incentivava o aluno a realizar leituras complementares, sendo que as leituras somente se limitavam aos livros didáticos. Reduzida, pois, era sua capacidade de expressão.

Quanto ao último aspecto, ressaltamos que o baixo nível de escolaridade apontado era resultante não só do baixo poder aquisitivo do cuiabano, mas também, e essencialmente, pela própria escassez de instituições escolares de qualquer nível. Restrita, pois, era sua capacidade de expressão.

Entretanto, com a instalação de modernos meios de comunicação de massa, abertura e melhoria de estradas, elevação do nível de vida, e criação e instalação de várias escolas, as causas apontadas foram sendo paulatinamente sanadas.

O grau sócio-cultural também influencia no desempenho lingüístico do aluno. As marcas enunciativas poderão estar ou não presentes, com maior ou menor intensidade, no seu discurso.

so, conforme o nível sócio-cultural em que vive o aluno.

Para Coppalle (23) o sistema das relações que se estabelecem em classe é um modo particular das relações sociais:

"Nossa hipótese de trabalho foi com efeito que o modo pelo qual se estrutura o diálogo entre o aluno e o mestre, o aluno e seus companheiros, o aluno e todos os membros do estabelecimento, depende essencialmente do modo pelo qual o indivíduo fez ou faz sua experiência do mundo e da realidade social, e pertence por conseguinte a um grupo sócio-cultural que determina sua linguagem e sua maneira de viver as relações sociais".

Prosseguindo em suas observações, ele tenta relacionar as distâncias que o aluno toma com respeito ao seu enunciado com seu grau sócio-cultural, mas, observações tomadas como conjeturas, uma vez que as hipóteses não foram verificadas:

"Pode-se ir até supor que a distância ao enunciado e à situação tenha uma correspondência efetiva com o grau sócio-cultural do locutor? No momento nada permite nem afirmar nem negá-lo. O que se pode afirmar é que quanto mais o grau sócio-cultural é elevado, mais o domínio da língua é adquirido e mais, por conseguinte, é fácil para o locutor tomar suas distâncias com respeito ao enunciado e à situação. Se isto fosse verificado, poder-se-ia deduzir daí que a familiaridade no comportamento sociolinguístico é inversamente proporcional ao grau sócio-cultural". (24)

Essa citação poderia ser explicada da seguinte forma: a criança provinda de um meio social menos favorecido teria um comportamento mais espontâneo, uma vez que ela vive de uma maneira mais concreta sua relação com seus parceiros e sendo que a representação da vida social de seu meio funciona segundo ca-

tegorias pouco numerosas e pouco diversificadas. Isso consequentemente, refletiria em seu desempenho lingüístico, tornando - o mais familiar em relação ao seu enunciado e à situação.

Prosseguindo em sua comparação ele afirma:

"Ao contrário, parece verossímil que a criança de um meio sócio-cultural mais favorecido domina melhor a situação porque domina melhor sua língua, e se desprende dela da mesma maneira. Isso lhe permite optar por um comportamento mais à vontade e mais intelectualizado e por um comportamento verbal mais nuançado e mais rico. Mas se isso contribui para fazê-lo tomar suas distâncias, coloca-se por conseguinte menos em causa pessoalmente em seu enunciado ou de uma maneira muito mais fictícia. Ela se exprimirá num modo mais desprendido e mais impessoal, com um nível de generalidade e de abstração mais elevado. O que conduz a utilizar ao mínimo as marcas formais da enunciação". (25)

Coppalle chama atenção para o fato de que não devemos emitir julgamentos de valor, entretanto, pode-se estimar que há uma ligação entre o nível sócio-cultural e o comportamento verbal e que as variações sociolingüísticas nos modos do uso da palavra e de seu exercício se reencontram nos fatores sócio-culturais.

Resta-nos, finalmente, saber se as variáveis opção do aluno e discurso impessoal da escola exercem uma certa influência no índice de marcas enunciativas.

Coppalle (26) nos diz:

"O que importa, por conseguinte, é tentar encontrar uma explicação para o apagamento do sujeito no tipo de enunciados constituindo o corpus. - Porque nós sabemos bem que se o sujeito falante, por assim dizer, ja-

mais se manifestou explicitamente em seu enunciado como sujeito da enunciação, seu "retraimento" não é por isso mesmo uma manifestação negativa, sua ausência corresponde evidentemente a uma certa atitude e a uma escolha diante da situação. É aí que se poderia fazer intervir os conceitos de distância, de tensão, de adesão e de transparência pelos quais é deferida a atitude do locutor com respeito a seu próprio enunciado".

Entretanto, chama a atenção para o fato de que há tomadas de fala puramente impessoais como é frequentemente o caso nos exercícios escolares, e essa atitude de impessoalidade não tem significação propriamente individual, mas decorre do discurso impessoal da escola.

Diz Coppalle (27):

"Ela diz respeito a um fenômeno sócio-cultural muito geral: o conjunto dos modos de acesso ao saber segundo os quais funciona a instituição escolar. A fala mantida (ou emprestada) em classe se alinha sobre o discurso institucional da Escola. É aí que reside o nó da explicação do apagamento em classe do sujeito em seu enunciado. (...) O discurso na Escola é um discurso impessoal. (...) A relação ao saber que representa o fundamento da instituição escolar não é uma relação sobre o plano das relações humanas, se bem que seja obrigada a passar pela relação do aluno ao mestre. Pois a situação escolar é uma falsa situação de comunicação na qual o diálogo não pode, a maior parte do tempo, se estabelecer. A comunicação escolar não leva em conta os imperativos da comunicação: a importância da presença física, a reciprocidade de papéis dos parceiros para citar apenas duas das principais exigências relacionais da comunicação, a que se poderia acrescentar alias a prioridade do canal oral, prioridade cu-

jas razões profundas tocam a própria natureza do fenômeno de comunicação' que a língua constitui".

A tarefa que cabe à Escola é muito importante, portanto, na medida em que ela vê o aluno como um indivíduo que necessita desenvolver plenamente suas potencialidades e que provém de um determinado meio sócio-cultural. Ela deve procurar - buscar todos os subsídios necessários ao cumprimento das reais necessidades do aluno.

Voltando novamente às lições de Coppalle (28), em seu excelente artigo sobre "uso da palavra" em classe:

"Um estudo aprofundado da situação de comunicação deveria servir de operação de reestruturação das relações - escolares que são tanto mais inadequadas quanto não tomam em consideração nem a realidade viva do indivíduo nem a realidade sociológica de seu meio. É por isto que o discurso institucional da Escola sobre o saber que reflete uma certa cultura, uma certa mentalidade não constitui a via de acesso único ao saber. Aplicado a todos sem arranjo, sem diferenciação, segundo a concepção de um modelo único e universal, perfeito e acabado, intercâmbios puramente intelectuais e livrescos, os únicos autorizados, o método de acesso à cultura que a Escola preconiza pode se revelar mais nefasto que beneficente, por falta de consideração das realidades que a comunicação pressupõe".

De tudo que expusemos acima, inferimos que as variáveis que podem influenciar o comportamento verbal do aluno são muitas. Não foi nosso propósito fazer um exame profundo ou exaustivo dessas variáveis, mas sim, apenas, questionar o problema. Fica, então, nossa proposta de trabalho a quem estiver interessado em realizar análises mais exaustivas, esperando, entretanto, que sirva de ponto de partida e estímulo para futuras pesquisas e reflexões.

3.4.1. Para uma liberação da palavra.

Resta-nos, então, saber que direcionamento oferecer ao nosso professorado para que o mesmo possa encaminhar nossos alunos a uma madura e consciente "liberação da palavra".

Coppalle (29) entende por liberação da palavra duas coisas: que ela seja realizável e que ela seja seguida de efeitos proveitosos.

Quanto ao primeiro aspecto, mostra que a liberação da palavra não se consegue apenas com boas intenções e mediante qualquer receita. Para que a palavra seja liberada há necessidade de técnicas apropriadas, sendo que as técnicas da enunciação apresentam-se como as mais eficazes. (O grifo é nosso).

Faz-se necessário, também, o estabelecimento de uma situação de diálogo, e esta situação deve ser sempre mantida e alimentada. É nesse sentido que intervem a qualidade de relações mútuas que se estabelecem entre o professor e os alunos. Não é coagindo o aluno a falar que se obterá bons resultados, mas sim procurando estabelecer um clima de confiança entre eles.

Quando ao segundo aspecto, Coppalle (30) chama a atenção para o fato de que a liberação da palavra não deve ser tomada como um fim em si. A liberação da palavra requer um objetivo bem definido. Qual seria esse objetivo? Procurar obter através do exercício da fala o domínio dos meios de expressão - mais numerosos e variados que Coppalle designa sob o termo de "registros de língua", para indicar que um ato de fala é essencialmente pessoal na medida em que exprime a experiência individual de cada ser humano, ao mesmo tempo que enriquece essa experiência. Portanto, só há efeitos válidos se há proveito e se o exercício da fala trouxe alguma coisa a alguém.

Por último, queremos chamar a atenção para o comportamento verbal do aluno visto de um ponto de vista estritamente pedagógico. Voltemos as observações de Coppalle constantes de

seu já aludido artigo:

"(...) Se se apreende o ato de enunciação ao nível do enunciado, inversamente o enunciado deveria ser julgado unicamente em função dos criterios de funcionamento da língua. Tal maneira de agir modificaria profundamente os hábitos de correção. A quesção subjacente não seria mais: "ele escreveu bem ou falou bem?" mas "seu enunciado respeita as regras da enunciação?". Isto apresentaria entre outras vantagens aquela de uma maior objetividade na apreciação e aquela, não negligenciável também, de suprimir os pontos de comparação com os performances dos outros e de eliminar o caráter competitivo da produção dos enunciados, sejam escritos - ou orais". (31)

Esperamos que esses subsídios possam contribuir de alguma forma não só para que o nosso aluno se expresse com mais espontaneidade, mas também para que use produtivamente sua língua.

NOTAS DO CAPÍTULO 3

- (1) Rodrigues, Ada Natal - Comunicação e Expressão. In: Revista Escola, São Paulo, nº 5, julho 72, p. 31.
- (2) Martinet, André - Elementos de Linguística Geral. Lisboa, Sá da Costa, 1972, p. 6.
- (3) Bühler, Karl - Teoria del lenguaje. Madrid, Revista de Occidente, 1967, p. 69.
- (4) Jakobson, Roman - Linguística e Poética. In. Linguística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1974, p. 118.
- (5) Consulte o item 2.3.2: O aparelho formal da enunciação.
- (6) Consulte o quadro de avaliação por tipo de marca e série e o quadro de avaliação do total por tipo de marca e série.
- (7) Veja o item 2.4. intitulado "Os conceitos de base da enunciação".
- (8) Consulte o item 2.4. intitulado "Os conceitos de base da enunciação".
- (9) Consulte o item 2.3.2: O aparelho formal da enunciação.
- (10) Verifique quadro de avaliação por tipo de marca e série e quadro de avaliação do total por tipo de marca e série.
- (11) Veja o item 2.2.5: Os enunciados performativos e o item 2.3.2: O aparelho formal da enunciação.
- (12) Veja o item 2.4: Os conceitos de base da enunciação.
- (13) Consulte o item 2.3.2: O aparelho formal da enunciação.
- (14) Consulte o item 2.3.2: O aparelho formal da enunciação.
- (15) Veja o item 2.4: Os conceitos de base da enunciação.
- (16) Consulte o item 2.4: Os conceitos de base da enunciação.
- (17) Veja o item 2.3.2: O aparelho formal da enunciação.

- (18) Biderman, Maria Tereza Camargo - Teoria Lingüística: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 242.
- (19) Para Biderman (po.cit., p.252) além dos denotadores expressivos, pertencem ao universo indefinido do léxico: os dêicticos, outros pronomes, advérbios. São também chamados palavras semiplenas e instrumentais.
- (20) Marcuschi, Luís Antônio - Linguagem e Classes Sociais: introdução crítica à teoria dos códigos lingüísticos de Basil Bernstein. Porto Alegre, Movimento, 1975, p. 52.
- (21) Cf. Marcuschi, op. cit., p. 52.
- (22) "Ora, se existe uma não - pessoa lingüística a não - pessoa é também uma realidade social. Erving Gofman cita como exemplo o servidor, as pessoas muito jovens, muito velhas ou doentes. Este sociólogo funda sua análise sobre o comportamento geral de outrem em relação a essas pessoas que são freqüentemente tratadas como se não estivessem presentes. A análise do comportamento lingüístico confirma a análise sociológica". Perret, D. - "Les appellatifs". In: Langages, 17, Paris, Didier-Larousse, mars 1970, p. 114. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
- (23) Coppalle, X et alii - "La prise de parole en classe, l'acte de parole et la situation de communication. In: Langue Française, 32, Paris, Larousse, déc., 1976, p. 88. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
- (24) Cf. Coppalle, op. cit., p. 93.
- (25) Cf. Coppalle, op. cit., p. 94
- (26) Cf. Coppalle, op. cit., p. 84
- (27) Cf. Coppalle, op. cit., p. 85
- (28) Cf. Coppalle, op. cit., p. 86
- (29) Cf. Coppalle, op. cit., p. 90

(30) Cf. Coppalle, *op. cit.*, p. 91

(31) Cf. Coppalle, *op. cit.*, p. 91

C O N C L U S Ã O

De nosso estudo teórico sobre a enunciação chegamos às seguintes conclusões:

A noção de dêixis sofre a determinação do conjunto de questões e problemas nos quais está inserida. É uma noção semântica e a semântica interessa a lógicos, filósofos, psicólogos, linguístas, e cada qual visa ao seu ponto de vista particular.

O critério essencial para definir a significação de um embreador será a remissão obrigatória ao discurso, e nisso reside a diferença entre ele e os termos sincategoremáticos, ou, em sentido mais genérico, entre os embreadores e todos os outros constituintes do código linguístico.

A enunciação histórica é "o modo de enunciação que exclui toda forma linguística "autobiográfica", enquanto que a enunciação discursiva é "toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro".

Há uma nítida distinção entre a língua como sistema de signos e o sistema de suas combinações, e entre a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios.

O emprego das formas e o emprego da língua das nossas descrições linguísticas constituem dois aspectos nitidamente distintos.

A enunciação é a única responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência. Estes signos não têm emprego no uso cognitivo da língua. Eles são diferentes daquelas entidades que têm na língua seu status pleno e permanente.

A enunciação conduz à semantização da língua e também fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas.

O traço mais característico da enunciação é a acentuação da relação discursiva ao parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.

Quanto à parte prática de nosso trabalho, os resultados obtidos mostraram que é muito fraco o índice de marcas enunciativas no discurso do aluno, denunciando, dessa forma, a necessidade de se tomar algumas medidas, e de se levar à adoção de novas atitudes.

O magistério deverá ser valorizado, no sentido de que os cargos sejam, preferencialmente, preenchidos por pessoas preparadas para exercer tal tarefa.

Para que se processem as mais variadas experiências de ensino, faz-se necessária a criação de um Centro de Linguística Aplicada.

Um maior número de escolas para crianças em idade pré-escolar deveria ser criado por parte do Governo.

O professor deverá possuir um embasamento teórico - lingüístico que lhe proporcione os subsídios necessários para uma visão mais real da língua, notadamente, a da que ele ensina. Para isso, devem ser programados cursos de reciclagem para professores de Língua Portuguesa, de 1º e 2º graus, constando do currículo, noções de lingüística geral, aplicada, sociolingüística, psicolingüística, teoria da comunicação, teoria do discurso, etc.

Os objetivos de ensino, os conteúdos programáticos e as estratégias de ensino deverão ser redefinidos a partir das contribuições da sociolingüística, da teoria da comunicação, da psicolingüística.

O livro-texto deverá ser aquele que preencha todas as condições necessárias ao uso efetivo da língua, ou seja, pelo exercício da língua falada e escrita.

Nos critérios de avaliação da redação deverá ser incluída a presença de marcas enunciativas, pois, se se apreende'

o ato de enunciação no nível do enunciado, inversamente o enunciado deveria ser julgado unicamente em função dos critérios de funcionamento da língua, isto é, se o enunciado respeita as regras da enunciação.

A redação deverá ser elemento obrigatório em exames de terminalidade de curso de 1º e 2º graus, porque compete à Escola desse nível a atividade de ensinar redação, uma vez que a organização mental que estrutura o pensamento deve ser concomitante a época em que a criança aprende a desenvolver as aptidões e os mecanismos para aquisição das noções ministradas pelas disciplinas curriculares.

Os exercícios estruturais deverão ser considerados - como um meio e não como um fim. Eles deverão ser extrapolados - para outras situações que possam levar o aluno a agir criativamente.

A modalidade dominante praticada na escola é a língua escrita, em detrimento da língua falada que é a forma mais natural de expressão. Visto desse ângulo, o professor deve começar seu programa de ensino pela língua falada, percorrendo, dessa maneira, um caminho mais lógico. A língua escrita como um código substitutivo deve vir posteriormente.

É necessário que o professor esteja ciente, como recomenda Coppalle, de que o ato de enunciação é um ato pessoal. O aluno ocupa a posição de locutor privilegiado, exerce pessoalmente seu status de sujeito da enunciação, ou seja, do locutor em primeira pessoa, o "Eu" do discurso, na medida em que usa da palavra em classe.

Os pais dos alunos deverão ser conscientizados, através das Associações de Pais e Mestres, que lhes é reservada a tarefa de proporcionar aos seus filhos um bom ponto de partida na arte de expressar o pensamento. Quanto mais rica e variada - for a experiência de uma criança, tanto maior será o seu vocabulário e a sua aptidão para pôr em palavras o pensamento.

Os pais também deverão ser conscientizados de que

para haver um melhor desempenho verbal de seus filhos, faz-se - necessário que os membros da família estejam empenhados em tornar suas relações afetivas cada vez mais sólidas e harmoniosas.

Para finalizar, gostaríamos de registrar a afirmação de Gustave Guillaume de que a utilização que fazemos da linguagem é que é inteligente, não a linguagem em si mesma. Portanto, devemos estar empenhados em compreender as possibilidades latentes de nossa língua e em esgotar, inteligentemente, seu potencial.

BIBLIOGRAFIA INSTRUMENTAL

1. BALLY, Charles. - "Les notions grammaticales d'absolu et de relatif". In: Essais sur le langage. Paris, Minuit, 1969, p. 189 - 204.
2. BELTRÃO, Luiz - Teoria Geral da Comunicação. Brasília, The saurus, 1977.
3. BENVENISTE, Emile - Problemas de Lingüística Geral. São Paulo, Editora Nacional, 1976. Quinta parte: O homem na língua, p. 247 - 315.
4. _____: Problèmes de linguistique générale II, Paris, Gallimard, 1974. "L'appareil formel de l'énonciation", p. 79 - 88.
5. BERLO, David K - O processo da comunicação. São Paulo, Fundo de Cultura, 1968.
6. BÜHLER, Karl - Teoria del lenguaje. Madrid, Revista de Occidente, 1961, 2ª Edición.
7. COPPALLE, X. et alii - "La prise de parole em classe, l'acte de parole et la situation de communication". In: Langue Française, 32, Paris, Larousse, 1976. p. 79-95.
8. DUBOIS, Jean et alii - Dicionário de Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1978.
9. DUBOIS, Jean - Enunciado e Enunciação. In: Langages, 13, 1969, p. 100 - 10.
10. DUCROT, Oswald & Todorov, Tzvetan - Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa, Dom Quixote, 1973.
11. DUCROT, Oswaldo - Princípios de semântica lingüística. (dizer e não dizer). São Paulo, Cultrix, 1977.

12. DURO - COURDESSES, Lucile - "Le discours et son analyse" .
In: Manuel de linguistique appliquée, Tome 3. Paris, De
l'agrave, 1975, p. 115 - 157.
13. GENOUVRIER, Emile et Peytard, Jean. Linguística e ensino
do português. Coimbra, Almedina, 1974.
14. GONÇALVES, Angela Jungmann - Lexicologia e Ensino do Léxi-
co. Brasília, Thesaurus, 1977.
15. GUESPIN, L. - "Les embrayeurs en discours". In: Langages, 41,
Paris, Didier - Larousse, mars 1976, p. 47 - 78.
16. HOSS, Myriam da Costa - Prática de Ensino da Língua Portu-
guesa. São Paulo, McGraw - Hill do Brasil, 1977.
17. JAKOBSON, Roman - "Los conmutadores, las categorías verba-
les y el verbo ruso". In: Ensayos de lingüística gene-
ral. Barcelona, Seix Barral, 1975, p. 307 - 331.
18. _____ - Linguística e Comunicação. São Paulo, Cul-
trix, 1974.
19. Lahud, Michel - A Propósito da Noção de Dêixis. São Paulo,
Ática, 1979.
20. LIMA, Balina Bello - Linguagem e Pensamento em Piaget: con-
siderações metodológicas para o ensino de línguas. Pe-
trópolis, Vozes, 1976.
21. MARCUSCHI, Luiz Antônio - Linguagem e Classes Sociais: in-
trodução crítica à teoria dos códigos lingüísticos de
Basil Bernstein. Porto Alegre, Movimento, 1975.
22. MARCELLESI, J.B. & Gardin, B. - Introdução à sociolingüís-
tica. Lisboa, Aster, 1975.
23. MARTINET, André - Conceitos fundamentais em lingüística .
Lisboa-Brasil, Presença - Martins Fontes, 1976.

24. _____ - Elementos de lingüística geral. Lisboa, Sá da Costa, 1972.
25. MATTOSO Câmara Jr., J. - Dicionário de Lingüística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 1977.
26. MATOS, Geraldo et Back, Eurico - Prática de Ensino da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1974.
27. RODRIGUES, Ada Natal - Comunicação e Expressão. Revista Escola, São Paulo, n. 5, julho de 1972, p. 31.
28. ROULET, Eddy - Teorias Lingüísticas, Gramáticas e Ensino de Línguas. São Paulo, Pioneira, 1978.
29. SALGADO, Maria Umbelina Caiafa - Programa de Comunicação e Expressão. Belo Horizonte, Lemi, 1973.
30. SAUSSURE, Ferdinand de - Curso de Lingüística Geral. São Paulo, Cultrix, 1975.
31. TODOROV, Tzvetan org. - L'énonciation. Langages 17, Paris, Didier - Larousse, 1970.
32. TUTESCU, Mariana - Précis de sémantique française. Paris, Klincksieck, 1975.
33. VOGT, Carlos. O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa. São Paulo, Atica, 1977.
34. WEINRICH, Harold - Estructura Y Función de los tiempos en el Lenguaje. Madrid, Editorial Gredos, S.A., 1968.

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. ABBAGNANO, Nicola - Dicionário de Filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
2. ALSTON, William P. - Filosofia da Linguagem. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
3. AUSTIN, J.L. - Quand dire, c'est faire. Paris, Seuil, 1970.
4. BALLY, Charles. - "Les notions grammaticales d'absolu et de relatif". In: ESSAIS sur le langage. Paris, Minuit, 1969, p. 189-204. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
5. BAR-HILLEL, Yehoshua. - "Indexical Expressions". In: Aspects of Language. Jerusalem, The Magnes Press, 1970, p. 69-88.
6. BENVENISTE, Emile - Problemas de Linguística Geral. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
7. _____ . Problèmes de linguistique générale II. Paris, Gallimard, 1974. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
8. BERLO, David K. - O processo da comunicação. São Paulo, Fundo de Cultura, 1968.
9. BIDERMAN, Maria Tereza Camargo - Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
10. BÜHLER, Karl - Teoria del lenguaje. Madrid, Revista de Occidente, 1961, 2ª Edición.
11. CHOMSKY, Noam - Aspectos da teoria da sintaxe. Coimbra, Arnenio Amado, 1975.
12. CAPALBO, Creusa - "Linguagem e comunicação". In: Revista

- Tempo Brasileiro. Rio, Tempo Brasileiro, nº 29, 1972, p. 100 - 113.
13. CARVALHO, José G. Herculano de - Teoria da Linguagem, Tomo I. Coimbra, Atlântida, 1973.
14. _____ - Teoria da Linguagem, Tomo II. Coimbra, Atlântida, 1974.
15. _____ - "Systems of deixis in Portuguese". In: Readings in portuguese linguistics. (s.L.) J.Schmidt - Radefeldt, 1976, p. 245-266.
16. COHEN, Jean - Estrutura da linguagem poética. São Paulo, Cultrix, 1974.
17. COPPALE, X. et alii - "La prise de parole en classe, l'acte de parole et la situation de communication". In: Langue française, 32. Paris, Larousse, 1976, p. 79-95. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
18. DELAS, Daniel & Filliolet, Jacques - "A função poética" In: Linguística e Poética. São Paulo, Cultrix, 1975, p. 47-61.
19. DUBOIS, J. et alii - "Figuras dos Interlocutores". In: Retórica geral. São Paulo, Cultrix, 1974, p. 221-237.
20. DUBOIS, J. et alii - Dictionnaire de linguistique. Paris, Larousse, 1973.
21. DUBOIS, J. et alii - Dicionário de Linguística. São Paulo, Cultrix, 1978.
22. DUBOIS, J. - "Enunciado e Enunciação". In: Langages, 13, 1969, p. 100-10. Tradução resumida para uso em classe. Florianópolis, 1976.
23. DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan - Dicionário das ciências da linguagem. Lisboa, Dom Quixote, 1973.

24. DUCROT, Oswald - Princípios de semântica lingüística. (dizer e não dizer), São Paulo, Cultrix, 1977.
25. DURO-COURDESSES, Lucile - "Le discours et son analyse". In: Manuel de linguistique appliquée, Tome 3. Paris. De la grave, 1975, p. 115-157.
26. GUESPIN, L. - "Les embrayeurs en discours". In: Langages, 41. Paris, Didier - Larousse, mars 1976, p. 47-48.
27. HJELMSLEV, Louis - "La naturaleza del Pronombre". In: Ensayos Lingüísticos. Madrid, Gredos, 1972, p. 253-261.
28. HOLENSTEIN, Elmar - Introdução ao Pensamento de Roman Jakobson. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
29. HALLIDAY, M.A.K. - "Estrutura e função da linguagem". In: Lyons, John. org. - Novos horizontes em lingüística. São Paulo, Cultrix, 1976, p. 134 - 160.
30. JAKOBSON, Roman - "Los conmutadores, las categorías verbales y el verbo ruso". In: Ensayos de lingüística general. Barcelona, Seix Barral, 1975, p. 307-331.
31. _____ - "Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe. In: Essais de Linguistique Générale. Paris, Minuit, 1963.
32. _____. Lingüística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1974.
33. LAMIQUIZ, Vidal - El demonstrativo en español y en frances. Estudio Comparativo y Estructuración. Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1970.
34. LECOINTRE, Simone & GALLIOT, Jean le - "Le je(u) de l'énonciation. In: Langages, 31. Paris, Didier - Larousse, 1973, p. 64-79. Tradução de Maria Marta Furlanetto.

35. LYONS, John - "Catégories Déictiques". In: Linguistique Générale. Introduction à la linguistique théorique. Paris, Larousse. 1970, p. 212-217.
36. LAHUD, Michel - "Egocentric particulars": os dêiticos na concepção de Russel. In: Revista Latinoamericana de Filosofia, vol. II, nº 1, marzo, 1976.
37. _____ . A Propósito da Noção de Dêixis. São Paulo , Ática, 1979.
38. LIMA, Balina Bello - Linguagem e Pensamento em Piaget: conseqüências metodológicas para o ensino de línguas. Petrópolis, Vozes, 1976.
39. MARIAS, Julián - "Karl Bühler y la teoría del lenguaje" . In: Doce ensayos sobre el lenguaje. Madrid, Juan March, 1974, p. 97-115.
40. MARCELLESI, J.B. & GARDIN, B. - Introdução à sociolinguística. Lisboa, Aster, 1975.
41. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linguagem e Classes Sociais: introdução crítica à teoria dos códigos linguísticos de Basil Bernstein. Porto Alegre, Movimento, 1975.
42. MARTINET, André - Conceitos fundamentais em linguística . Lisboa - Brasil, Presença - Martins Fontes, 1976.
43. _____ . Elementos de linguística geral. Lisboa, Sá da Costa, 1972.
44. MATTOSO CÂMARA Jr., J. - Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 1977.
45. MORRIS, Charles W. - Fundamentos da teoria dos signos. Rio de Janeiro - São Paulo, Eldorado - EDUSP, 1976.

46. PERRET, D. - "Les appellatifs". In: Langages, 17. Paris, Didier - Larousse, mars 1970, p. 114. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
47. PIGNATARI, Décio - Informação, Linguagem, Comunicação. São Paulo, Perspectiva, 1976.
48. POTTIER, Bernard et alii - Estruturas lingüísticas do português. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.
49. PRIETO, Luis J. - Mensagens e sinais. São Paulo, Cultrix, 1973.
50. PEIRCE, Charles Sanders - Semiótica e filosofia. São Paulo. Cultrix, 1972.
51. PAULUS, Jean - A função simbólica e a linguagem. São Paulo, Eldorado, 1975.
52. ROBIN, Régine - História e Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1977.
53. ROCA - PONS, J. - Introducción a la gramática. Barcelona, Teide, 1974.
54. _____ . - El lenguaje. Barcelona, Teide, 1973.
55. RODRIGUES, Ada Natal - Comunicação e Expressão. In: Revista Escola, São Paulo nº 5, julho 72, p. 31.
56. ROULET, Eddy - Teorias Lingüísticas, Gramáticas e Ensino de Línguas. São Paulo, Pioneira, 1978.
57. RUWET, Nicolas - Introdução à Gramática Gerativa. São Paulo, Perspectiva, 1975.
58. ROSSI - LANDI, Ferruccio - Ideologias de la relatividad lingüística. Buenos Aires, Nueva Visión, 1974.

59. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo, Cultrix, 1975.
60. SEARLE, John R. - "La référence comme acte de langage". In: Les actes de langage. Essai de philosophie du langage, Collection Savoir, Hermann. Paris, 1972, p. 130-142.
61. TESNIÈRE, Lucien - Eléments de syntaxe structurale. Paris. Klincksieck, 1969.
62. TODOROV, Tzvetan org. - L'énonciation, Langages, 17. Paris, Didier - Larousse, 1970. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
63. TUTESCU, Mariana - Précis de sémantique française. Paris, Klincksieck, 1975.
64. VOGT, Carlos - A palavra envolvente. Campinas, UNICAMP, cadernos de I.F.C.H., nº 2, 1974.
65. _____. O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa. São Paulo, Ática, 1977.
66. WANDRUSZKA, Mario - "El sistema de coordenadas EGO-HIC - NUNC". In: Nuestros idiomas comparables e incomparables, Tomo II. Madrid, Gredos, 1976, p. 425-455.
67. WUNDERLICH, Dieter - "Pragmatique, situation d'énonciation et deixis". In: Langages, 26. Paris, Didier - Larousse, 1972, p. 34-58. Tradução de Maria Marta Furlanetto.
68. WEINRICH, Harold - Estructura Y Función de los Tiempos En El Lenguaje. Madrid, Editorial Gredos, S.A. 1968.

ANEXOS (REDAÇÕES)

5^ª S É R I E

0: Atividade 5E

✓ OK!

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* Desfile de carnaval.

✓

Os desfiles de carnaval são muito interessantes. Muita alegria muitas diversões com o carnaval.

Neste carnaval ~~eu~~ ~~quero~~ ~~que~~ ~~os~~ ~~meninos~~ ~~dancem~~ ~~bravemente~~ e ~~se~~ ~~for~~ possível fazer uma linda fantasia.

Quero ver muita alegria! → modo optativo

Insistir pela televisão as rodas de samba, a mangueira e a portela ~~são~~ a preferidas com muitos enfeites muitas pessoas a dançar e a cantar.

1) Gostaria de ir ao Rio de Janeiro ver o carnaval

porque lá é muito mais animado,

2) muito mais alegrado.

3) carnaval ~~é~~ muito legal.

5ª D nº 19

Oba, 31/6/78

OK!

Aluna Regina Cronica

Fevereiro, Carnaval

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

Escola Estadual do 1º e 2º graus
José de Mesquita

O Carnaval

Eu fui na época de carnaval ao Rio,
e chegando lá a minha mãe me levou
para ir olhar o desfile das escolas de samba
e lá tinha muitas escolas bonitas.

Tinha a máquina, portela, beija-flor etc.
As ~~mas~~ estavam todas enfeitadas de
serpentina etc.

Nas arquibancadas estavam o prefeito
e o governador da cidade de Rio de Janeiro.
Desputaram as outras, e mais um ano
ele é o vencedor de todos os anos.

Eu gosto muito do carnaval.

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* Matinê dançante. ✓

No dia 24 de junho de 1977

OK! ✓

No matinê dançante uma festinha sobre caipira
muita beguina muita fúria muita bebida
muitos bolos doces etc:

E muita dança também; muito divertimento
e palhaçadas e isso começou às 8h.

e foi até às 3h da madrugada como, foi
barana. Lá pelas 10h fomos à academia
votamos e fomos todos nós dançar ~~mas~~

E todos animados pois que esse
dia foi tão feliz para mim como
para todos eles que frequentam a festinha

Terminando a festa todos
muito de cansados foram para
suas casas.

Mas esse dia foi maravilhoso.

Fim

5^a - 10 Feminino Turma matutino

Fevereiro: Carnaval

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.) 5^a - 10

Dê um título.

Matinê

OK!

Eu fui no matinê de carnaval estava muito bonito eu gostei pude bastante divertir bastante gente.

O carnaval é muito bom pude os três dias de carnaval também fui olhar o desfile que estava muito beleza.

Da minha casa foi todo mês até meu pai e minha mãe que eles tiveram muita fantasia linda.

Minha irmã foi fantasiada de índio. também foi na batalha, batata, etc.

Nos três dias no Operário de vez grande foram bastante das minhas amigas mas pouco se eu compare com meus lá.

Carnaval de 1970 para mim foi ótimo carnaval que pude fazer lá.

Fui a noite com meus pais e minha irmã.

Fin.

OK!

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* Escola Estadual de 1ª e 2ª. grau José de Mesquita
Cuiabá, 8 de junho de 1978.

Aluna: Katia Gonçalves Bol 5ª C Vespertino sexo fe

Batalha de Confete

Eu fui a uma batalha de confete realiza-
da no dia 9 de fevereiro, onde conheci Eucis,
um rapaz lindo. A batalha de confete esta-
va super legal e o carnaval em Cuiabá esta-
va como um dos anos mais populares do
carnaval Cuiabano.

Havia muita alegria, quando a banda da
polícia estava tocando, muito festa, muita ale-
gria, muita música enfim muito amor.

Havia também muito confete, muitos riu-
rados e muitos jogos. Conheci também mu-
tos rapazes bonitos, eu ia também no nautico
em matins que de nautico foi o clube me-
lhor em 78. No ultimo dia de carnaval foi
muito feliz e reencontrei Eucis e foi a
noite mais feliz do minha vida. Bol
vez para outros foi a mais feliz das noites
fim

Fevereiro, Carnaval etc.

Escolha um assunto sobre o carnaval. (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

Desfile Curitiba.

- no desfile curitibano foi muito bonito. nele desfilaram muitas escolas de samba e todas elas bonitas muitas apresentações boas todo mundo dançando alegre sorrindo, sambando, para valer.

Jeaneval foi ótimo, foram três dias felizes, que só acontece em fevereiro.

No último foi muito lindo.

Todo mundo fantasiado.

a escola de Samba pega no meu coração foi uma das mais bonitas suas fantasias eram lindas as roupas dos sambistas eram muito bonitas.

Jeaneval aqui em Curitiba foi muito bonito.

fin

X
ok!

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título. desfile.

X

No desfile muito gente ~~que~~ deste fim, mais muitas não
agrada as pessoas muito feita. E também muit
desfile e uma coisa muito feita. E também muit
fem a gente verga gente se elogia aos outros e
também sendo elogiado, porque sem a massa presente
não faziam desfile.
no desfile, a gente ter modelo, de roupa, de penteados,

As Rua ficam toda infitado cheio de alegria, onde
para se fazer o desfile e muito difícil, porque tem que
comprar muita coisas quando eles compra e recebem
nas quando o público não gosta de nós e não nada
para fazer tudo isso público não gosta quase não fala a
para poder fazer as roupas de carnaval tem que ter

um Contureiro proprio mais que seja fim profissional
Todo Ano tem desfile todos quer dizer todo ano
em essa maravilhas a, receitas que todo mundo
gosta de ver. desfile e uma coisa que todo mundo gosta
orque quando a pessoa está da esquece dos problema da fami
o trabalho de ~~de~~ 1

OK!

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

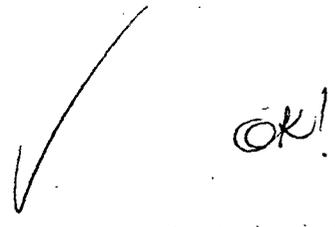
Desfile de carnaval

Em fevereiro, chegou o carnaval e meu fomos participar do desfile de carnaval. eu e meus amigos fomos e gostamos muito estava muito divertido e também encontrei uma colega do meu colégio desfilando e para mim foi a coisa mas agradável da minha vida e talvez ela do nosso colégio e estava representando nos e eu fiquei muito emocionado a fantasia dela parecia muito linda este para mim foi um carnaval muito elegante aquelas pessoas com aquelas fantasias e também acho que todos nos gostamos muito do carnaval deste ano eu acho e é pois é um país que vai para frente com todo

S F Q U I S O M A S C U L I N O

5º B

5ª SÉRIE



Fevereiro, Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título, ~~masculino~~ desfile de carnaval

* fevereiro - O mes em que comencei
 a fazer o carnaval
 carnaval é uma festa simples mas
 muito alegre
 nos clubes é feito até domingos o
 matine que é para todas as crianças
 que elas sentem alegre e livre dos problemas
 e pode ser causado em um outro lugar
 como o desfile nas ruas que fica um
 raça outra pra lá e causa um grande
 problemas para os pais
 então é que o matine é para as
 crianças porque o matine só se faz
 as 2 a 5 hora da Tarde para que as
 crianças voltem para casa cedo sem
 causa problemas para a familia
 assim o matine é sempre frequentado
 das crianças =

OK!

Fevereiro, Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval. (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* A batalha de carnaval

A batalha de carnaval é todos anos é mais linda. Quando chega o mês de fevereiro todos os cordão e bloco inventa cada fantasia para dançarina baiana princesa aranha negra borboleta. A roupa da rainha e do rei são lindo todos as pessoas se fantasia e vão para a praça. As pessoas vão cedo para ficar na tribune mas o coração da cidade em 1977 tirou em primeiro lugar.

As baianas se rebolam muito mais que há de outro ~~do~~ cordão.

As dançarina se cantam tão bonitas

os índios se dança na frente das baianas

As ciganas se fantasiaram mais que as outras

SEQUISSO MASCULINO

6^a S É R I E



Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

O carnaval para mim é uma das melhores coisas.

O matinê é muito alegre para aqueles - pulam, é uma descontração.

Há muitas fantasias maravilhosas que gente fica emocionada.

Todos se fantasiam como querem, eu por exemplo nem sei qual fantasia que vou fazer.

Sempre nos anos de carnaval é muito divertido para as crianças e para os adultos também.

Eu acho que vou pular os quatro dias de carnaval. Vai ser muito divertido, sabe?

Aproveite ^{papel} voce, também!

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Visto

O carnaval é uma dança folclórica.

Este ano o carnaval começará dia 16 e terminará dia 19.

O matinê é muito animado, o clube fica cheio de gente alegre dançando.

No ano passado quem ganhou a coroa de rainha do carnaval foi Lindemilha, ela estava fantasiada de Juana.

Havia muitas fantasias bonitas como as de índio de zorro, piratas etc.

O conjunto de dança no matinê é às vezes no carnaval um conjunto de outras cidades.

À noite o carnaval é dos adultos eles fazem bloquinhos para dançarem.

No ano passado teve um grupo que se fantasiou com dois personagens do sítio do picapau amarelo o Visconde e a Brilhantina.

Este ano ainda não sei do que será a fantasia, porque há muitas fantasias bonitas e um pouco confusa.

Sim, acho que vai durar os quatro dias ou ser abreviado.



Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

O carnaval chegou.

As pessoas daqui e dali num rebulicão dan

No matinê vão tantas pessoas que nem

da gente pular de São Inês.

É aquela descontração, ninguém liga para

quem, só em se divertir.

Óculos se fantasiaram, pois querem parecer mais
tos que os outros.

Este ano espero que seja lindo o carnaval
brigas, só alegria, descontração e folia.

Folia minha gente.

Nome: Lúcia Ribeiro da Costa idade: 15 Série: 6º

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

O carnaval é uma dança folclórica muito bonita.

As pessoas dança, desfila na rua pública.

O carnaval é uma alegria que o mundo inteiro gosta de ver, outras pessoas vai ~~se~~ ver o desfile, outras já gosta de participar.

Eu sempre em todo ano que vai só para ver, mais eu me sinto tão emocionado que me dá vontade de entrar no desfile e pular e cantar.

As vezes eu sinto que no mês de fevereiro não existe tristeza, só alegria.

As pessoas já fica pensando será que ele vai pular ou algum clube ou será que eu vou participar do desfile que vai ter, eles falam, que roupa que eu vou vestir, quero uma roupa bem bonita bem enfeitada. A cidade inteira fica comemorando o carnaval, ela fica enfeitada, com música de todo os lados.

Algumas pessoas vão em clubes pula e só voltar no amanhecer.

Fin

6 - SÉRIE

Faílton Ferreira da Silva nº 12 Turma: 6.3 + D.R.D.E. = 14 anos. OK!

CUIABÁ

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Desfile

Quando eu fui ao desfile carnavalesco via muito diferente do dia de hoje.

O desfile era em ruas e saíam tocando sambando e pulando e dançando muito.

O desfile de hoje é nas avenidas coloridas ^{tudo} muito bem organizado.

Os cordões de fantasia proprio e bonito.

As escolas de samba com os sambista. Muita gente vai ao clube, matinê ou até mesmo batalha.

Os matinê é sempre no domingo as 4.00 horas e sempre as crianças vão para o Náutico, Grêmio, balneario.

Mas a noite é para os mais mangões, que passam a noite todo pulando Mas sempre o que é bom acaba logo. O carnaval é um folclore folclore brasileiro.

Quando chega o último dia do carnaval é que a tristeza, mas nos não de nos ficam tristes, dizem a aproveitar esse último dia de folia, alegria.

Todos passam o resto do ano esperando para que o fevereiro chegue logo.

Mas como todo sabem o natal é a festa mais bonita do mundo, então dizem respeitar os costumes de Cristo.

Quando fevereiro chegar nós brincaremos, mas é esperar que todo ~~ano~~ nos não pode pensar que o carnaval nunca irá morrer.

carnaval, desfile, matinê, batalha é coisa do Brasileiro

CUIABÁ

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

a = Lândida Escolástica R. S.

ma 63.

mero 6.

Eu já vi vários desfiles pela televisão e olhar
 salmente, tem meninas que desfilam mais umas quize
 da e outras não, o desfile deve ser bem vestido,
 e rodada, No outros Países são bem vestidos e fantasiada com a

Carnaval para mim eu acho um barato porque agenti
 te bastante, dança e refreia e melhe etc. Eu já danlei
 de o Carnaval a várias vezes em Cuiabá, mas em Cuiabá
 vale apenas dançar por que é muito ruim, fica todo
 imido, sai bem de casa e chega com alguma coisa que não
 é bom. Neste ano eu fui achei que melhora bastante eu
 na escola de samba eu achei um barato.

É também espero que o outro ano seja igual a
 eu fui de saia e uma bruzinha de Carnaval e toda
 itada, eu quando não morava aqui eu dançava numa
 la de samba de Campo-grande, eu sempre achei melhor
 se não acontese desastre, não é uma moagem.

Eu acho Carnaval uma boa.

Elmo da Silva Fernandes nº8 Turma 6-3 Idade 13

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

O matinê



1º dia Fu Dancei os três dias de matinê no Espetáculo Antonio João

Foi legal sobre a coreografia e as novas

as mãos das músicas alegres e as laterias

fazendo aquele som de arrebentar os ouvidos.

Eu dancei no baticas foi pior que no gremio

mas e mais brigas garrafadas e mais garrafadas saiu

das de cabeça quebradas. Eu mais as crianças

elas se machucaram. Escusate eu vim para a minha

e sem a minha unha do meu dedo do pé.

3º dia no Saimara foi ótimo não teve briga

foi a portaria era 50,00 homens 30,00 mulheres.

mas mais valeu apenas pagar os 15,00

Aluno: Carlos de Souza Anual nº 7 Turma 6.3 Série
idade 14.

Fevereiro, Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matine, batalha, etc.)

O Carnaval

O Carnaval em Mato Grosso foi muito mais que o carnaval foi ruim porque ficou muito desgrenhado para ver, os outros de traz não viu. (na) porque da frente não deixava.

na (eu) fiquei na esquibacada em frente palácio dos governadores e prefeito e muito outros jornalistas e televisores.

Ser que o ultimo desfile passava muito mais (eu) ver tudo foi lindo a diversidade era mais lindo de todos (eu) acho que foi de que tirou em 1 lugar.

porque o mais lindo de todos e mais ordenado desfile. Bem mais de que os outros.

O desfile dia sete de setembro eu também achei Bom porque tinha demais soldado de todo tipo de: vestimenta e uma.

Obs. matiné para ela e avanças.

6ª SÉRIE

Visto

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matiné, batalha, etc.)

O matiné sempre começa antes que o carnaval.

Matiné as pessoas não vão ainda de fantasia, não ver roupa, ex. Shorts, saia, calças, camisas etc.

O matiné começa e logo vem o carnaval. Só que o é em fevereiro, e o matiné começa em janeiro.

O matiné sempre começa dia 25 de dezembro, carnaval começa 16 a 19.

O matiné é muito divertido. As pessoas dançam as...

O carnaval do ano passado foi muito divertido.

No ano passado teve o rainha contra rainha as m: Indimila e Lucrécia. Mas quem ganhou foi Indimila teve mais votos.

No carnaval tem muitos fantasias umas mais itos que as outras: Ex.: baiana, piratas, zoro etc.

O carnaval para as crianças é de uma ato para o adulto é mais.

Bem vou terminando as minha redação Eu sei que este ano vou falar os 4 dias.

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

OK! ✓

Desfile

Desfile do Carnaval foi muito Bomto Eu vi os estavam dançando no Bloco.

Desfilaram a rua getulio Vargas inteira foram para o lado da Igreja da Catedral. Quando terminou tudo a gente vai a Igreja que fica perto e quando termina a ~~gente~~ missa gente vai embora para a casa. Bomto

Desfile do Carnaval e muito Bom para quem ~~desfila~~ desfila mais com muita animação e andando na internet até o fim da rua onde eles foram. O desfile e muito animado e Bomto muito até vai ver o desfile de perto.

Quando o Bloco Bomto a gente pode falar aplaudir muito quando o Bloco e meio feio a gente aplaudir nos não e muito só por causa o Bloco ser feio que a gente não vai aplaudir.

eu não vou assistir no desfile eu sei que não vou assistir. Quando eu vou acompanhados de minha irmã de do meus colegas que mora do de minha casa ai nos vamos eu sei que quando lá o desfile já começou

Ai com muita gente ai nos não pega lugar ai para ficar ai a gente nos olha direito desfile nos do de olhar um para

o desfile. Primeira foi desfile no Bloco que ficou perto do

Quando do desfile ela fala para mim e olha ela

7^a S É R I E

Nome: ~~Sto Antonio do Leque~~ idade: 13 anos

7ª SÉRIE

OK!

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matine, batalha, etc.)

~~matine~~
Carnaval

O carnaval é uma das festas mais bonitas do ano. São alegrias, muitas amizades surgem etc...
No entanto, para muitas pessoas como as alifadas, mudas, surdos, não costumam dançar (brincar o carnaval) outras fazem mais espetos dançam, cantam e brincam, enquanto outras não podem f- lo.

O desfile de praça também foi muito bom, cada escola de samba saiu no seu afi predileto, tivemos até fantasias do tio do pica-pau amarelo na qual a universidade Federal de U.F. desfilou.

No Rio de Janeiro também houve um dos mais bonitos carnavais brasileiros, encio como vencedora o grêmio recreativo escola de samba Mocidade independente de padre Miguel.

O carnaval é um bato, para quem usa-lo bem.

Nome: Guiabá

Rua Srta. Teresinha n.º 325

- femininidade 13 - nascida em Curitiba

7ª SÉRIE @!

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Desfile.

Eu achei o carnaval daqui de Curitiba muito bonito. Porque aqueles fantasias todas lindas, muito bem feitas, brilhavam nos olhos das pessoas que aplaudia o bloco.

Os blocos que iam desfilando pela praça, cada um era mais bonito que o outro, e a música que tocava era tão boa, que ficava com vontade de dançar, pular, correr, eu estava muito feliz no carnaval cada um bloco ou uma escola de samba tinha a sua música que tocava.

As escolas de samba tinham umas moças e rebolavam muito saíam de biquine,

As rainhas e as princesas e que saíam vestidas bonitas, de vestidos compridos brilhantes e muito bonitas. Eu achei o carnaval daqui de Curitiba muito bonito e divertido.

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, patinê, batalha, etc.)

nome: Regina Lucia Nunes Turma 7.ª
idade = 15 nascida em: Quabá: M.T
endereço: Rua Sta. Teresinha - Bairro Areal nº 536
(Redação.)

- Este ano o Carnaval foi muito bom eu e meus pais e irmãos. Nos fomos ao desfile e ali eu encontrei muitas amigas velhas. Este ano o Carnaval foi muito bom também assistimos o desfile da Estrela do Oriente e foi muito bonito os vestuários foram bem organizados eu também gostei do desfile. Este ano a escola que ganhou foi a moçada de independente, eu estava ali assistindo e achei logo e ela estava a mais linda que as outras, ali nós estávamos com toda a nossa alegria porque não era uma coisa qualquer mais sim um simples festa de Carnaval.

Alceni V. Silva - Série - 7ª Série - idade - 13 an
Natural de: Corumbá - M.T. - Sexo: Feminino.

Fevereiro. Carnaval....

7ª SÉRIE

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

O carnaval é uma festa popular, comemorada
nos os anos.

O desfile deste ano foi muito bom, as escolas
ambas se apresentaram muito bem. Os blocos
navaltescos, também estavam ótimos, foi
do boa a festa.

Os matinês, e os bailes noturnos realizados
clubes, estavam animadíssimas. Os foliões
separaram a valer, se divertiram muito, as
meas principalmente. O que atrapalhou
pouco foi a chuva, que caiu torrencialmente
na cidade, durante os dias de festa, e de
dia. O carnaval daqui de Curitiba, apesar
não ser dos melhores, dá para a gente se
entir.

Os batalhas de confetes, que este ano
separaram cedo, não estavam muito bem
organizadas e então não deu pra gente se
entir muito, tinha muita bagunça.
Mas, o carnaval deste ano deu para a
gente se divertir um pouco.



Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

nome: Edmil Aline Castro de Sá idade: 15 anos.

co: feminino

Nascida: Mimoso. Turma: 7.2
Moro: Buíabá.

O carnaval eu adoro. Eu acho maravilhoso. faz os ensaios como o próprio carnaval mesmo. Eu no desfile o último adorei, achei maravilhosa as escolas. Mas de tudo que fiquei muito triste foi que a escola que eu queria e ganhasse não foi nem se quer a vencedora, mas de todo jeito foi lindo o carnaval para mim. sabe eu fui no matinê no segundo dia ah! mas eu fui, adorei, estava animadíssima. Bonheir coisas que nunca tinha de ver, encantei com muitas fantasias e outras coisas mais. Voltando ao assunto do desfile que eu achei um encanto, não sei se é porque eu estava muito feliz, que eu tanto encanto mas foi lindo o carnaval esse ano.

Fevereiro. Carnaval....

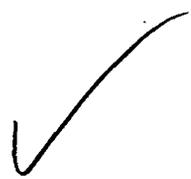
Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Nome - Mirley Brito de Almeida

Idade - 72

idade - 13 anos.

Natalidade - Cuiabá MT - São - fevereiro



O carnaval para mim este ano, não foi assim tão bom como o ano passado. Porque eu quase não dancei, e eu quase não fui dançar.

O desfile foi muito bom, mas o ano passado foi melhor, que o ano passado não teve muito atrapalho, este ano teve chuva etc.

Eu quase não vou ao matinê, vou mais ao ginásio. Todos os anos eu vou brincar lá no ginásio, porque lá o ginásio sempre tem mais liberdade para brincar. E lá tem por exemplo, lá tem um forno de queimada, em hora também tem um bom clube para os bailes, promoções e também para os bailes. Mas lá é bom também.

Quanto a batalha de cofete eu não costumo ir ver, não muito.

A pesar de eu não ir este ano mas eu soube que eu vou ir a Universidade.

No passado eu fui dois dias no ginásio e brinquei, e foi o mais foi o ano que brinquei mais.

Mas deste ano foi uma chatice, certo porque eu não de brincar, mas para os outros foram ótimos.

Só isso que eu me lembro do carnaval.

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Goiatuba 07/03/79.

Escola Estadual 1.º grau "Santos Dumont".

Aluno: MAURICIO DOS SANTOS TEIXEIRA. SÉRIE 7.º
Nascido em 9 de julho de 1963 em "Goiatuba"
(2 anos 16)Carnaval.

Festa do povo Brasileiro onde o povo se agiganta para lutar não só para vencer e sim para se divertir nos clubes nas avenidas.

Em Goiatuba é dito por goiatubanos que é o terceiro do Brasil em animação.

- Já que tem umas das melhores fondes de dança que este ano se chamou "Ray da Noite".

Élogio prestado aos pertos matogrossense.

- Batalha é uma iniciativa festiva onde se encontram Escolas de Jambas para interagir os seus componentes.

há alguns dias chegam o desfile cada qual com suas imaginações competindo por um sucesso e a fim de ganhar simplesmente uma taça.

Eu como um bom Brasileiro gosto do carnaval e pulo muito pois a coisa quando forem de aproveitar as boas coisas na vida do jovem.

Para que não fosse adulta na se queira. Minha família mas eu passamos os 4 últimos dias no Dom Bosco que foi um beleza.

Mais de Todos os Carnavais a um que lidra, é o do Rio de Janeiro que é o melhor indiscutivelmente.

A festa que anima o carnaval se sente animado.

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Nome: Nivalda Rodrigues de Albuquerque Turma 7.2
Idade: 16 anos. Nasci em Cuiabá Mt.

Bom, eu vou falar sobre o matinê, porque apesar de eu ainda ser de menor e minha mãe não deixou ir no clube à noite.

A primeira vez que eu fui ao matinê, puxa vida, eu nem sabia como dançar no meio de tanto varalho, tanta gargaria, mas depois que eu fui me enturmando com outras moças e garotas que se encontravam ali, eu fiquei gostando e aí não ninguém mais me seguiu, puli, iniquei até não querer mais, e só depois que terminava que eu voltava pra casa. Isso foi antes do início do carnaval, Bom mesmo foi nos 4 dias de carnaval, aí que eu aproveitei bastante, não perdi um dia sequer, todas as 4 dias eu ia em companhia de algumas amigas ao matinê, lá nós brincávamos até cansar.

Bom deixando de lado o matinê, vou falar do desfile, que por sinal foi uma maravilha e desfile aqui de Cuiabá. Todas as escolas e cordões, tiveram uma participação esplêndida, com muita alegria e entusiasmo, desfilaram a avenida com verdadeira alegria. Eu também acho que o carnaval deste ano estava muito mais animado do que os outros anos em que tive oportunidade de assistir, este ano as escolas de samba estavam bem melhores do que os anos anteriores, estavam enfeitadas, com um colorido todo especial que fez com que os cuiabanos vibrassem de euforia, pulando os quatro dias seguidos. Bom pra terminar, eu acho o carnaval deste ano ótimo, maravilhoso, diverti-me bastante.

Turma 7.º

7ª SÉRIE

OK!

Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

NOME = JONAS GONCALVES DA SILVA CUASC. ;
NASCIDO EM 09-11-62 CHIABO. U.T.

O CARNAVAL É UMAS DAS GRANDES FESTAS QUE SE REALIZA NO PAÍS. (É COMEÇADO NO MÊS DE FEVEREIRO DE TODOS OS ANOS. O CARNAVAL CARIOCA É CONSIDERADO COMO O MELHOR CARNAVAL DO BRASIL.

EXISTEM GRANDES ESCOLAS DE SAMBA COMO: A PORTELA, JANGUEIRA, BEIJA-FLORES E A ESCOLA CAURÊ CRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA PADRE MIGUEL.

O CARNAVAL MATO-GROSENSE TAMBÉM É LEGAL PARA OS CHIABANOS QUE FESTEJAM TANTO NAS AVENIDAS COMO NOS INDOES. A ESCOLA DE SAMBA CAURÊ DO CARNAVAL CHIABANO

É A CRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA NO CIDADÃO INDEPENDENTE UNIVERSITÁRIA.

TAMBÉM TEMOS A ESCOLA DE SAMBA DO PACHECO QUE

FAZADA DE: CRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA PEGA O MEU CORAÇÃO QUEJA CONQUISTOU VÁRIOS TÍTULOS CHIABANOS.

UMA ESCOLA DE SAMBA DEVE TER ENTENDIMENTOS PARA QUE SEJA BEM ORGANIZADA.

PORTA BANDEIRA É UMAS DAS PRINCIPAIS PEÇAS NUMA ESCOLA DE SAMBA.

FIM

MILOTO NA CAPITAL POR 10 ANOS.
ESCOLA SANTOS DIXON T.
POLIVALENTE MODELO DE CHIABO.

Luiza Ribeiro nº 23 Turma 7.2
Assista em bucha idade 15 anos

7ª SÉRIE

OK!

~~Série 7ª~~
Fevereiro. Carnaval....

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Carnaval

O Carnaval é uma das festas mais bonitas que eu já vi em toda a minha vida. Eu gostei muito mais do desfile que tinha uma Escola de Samba que estava muito bonita e a escola que eu esperava tirar em primeiro lugar essa escola chama-se Marinheiro do Samba. Esta muito animada tinha muita gente que sabe dançar muito bem as roupas dos dançarinos eram brancas. Outras Escola de Samba também estava muito bonito. O desfile deste ano foi maravilhoso toda as pessoas da minha família gostaram muito comentaram a outras pessoas que ficaram em casa que não pode assistir pela televisão também não só olhei o desfile como dancei muito no clube da Qui de Luíza foi um carnaval muito alegre pulando com meus amigos e cantando intas o nosso divertimento é uma coisa incrível eu gostei muito do carnaval deste ano espero que esteja o outro no melhor ainda.

8ª SÉRIE

Simone Maria Barros

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

*

<p>O carnaval é muito bom e divertido.</p>	<p>Todos os anos de carnaval, <u>vou</u> ao</p>
<p>Quando o carnaval a gente se <u>diverte</u></p>	<p><u>nático</u> para me divertir. Gostei</p>
<p>muito, e pensando bem, se considera</p>	<p>muito do carnaval como de todos os</p>
<p>um dos mais divertidos no mês de fevereiro.</p>	<p>anos retirados. <u>possivelmente</u> tem</p>
<p>Com o desfile nas ruas, sempre tem</p>	<p>muitas pessoas que não gostam de carnaval, e</p>
<p>alguns corações que <u>participam</u> no desfile.</p>	<p>outras pessoas gostam. Gostei muito de</p>
<p>comecei muito, e <u>me</u> diverti bastante.</p>	<p>Carnaval; para sempre.</p>

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- erro de grafia
- erro relativo

OK!

Fevereiro, Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batáha, etc.)

Dê um título.

Matinê e batáha.

* Eu Tudei Matinê também fui no clube náutico na batáha esta foi muito bom. Um pouco bom mesmo. Fiquei batáha, porque estava fiz muitas amizades com as pessoas novas, fiz blocos de fantocheiras com as minhas colegas e também tiremos em primeiro lugar desta vez. Mas fiquei um pouquinho triste porque não fui passar carnaval juntos dos meus tios e minhas primas. E também meus pais não deixaram porque estava perto de entrar as aulas. Olha eu

Um pouco bom mesmo. Fiquei batáha, porque estava um pouco de grande e não sabia quase nenhum estruendo que podia organizar. Olha disse foi o assunto que eu lhe contei, a verdade e não mentiras.

- x -

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- erro grave em ortografia
- ilegibilidade em grafia
- assunto pobre.

Fevereiro, Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)
Dê um título.

* desfile e matinê

mais uma vez o carnaval
passou e eu continuo a
a não gostar dessa
brincadeira ou essa parada.
Não gosto de carnaval
nem de rua e nem de clube
por serem imorais.

Nos clubes os rapazes aproveitam
para fazer o que
não deve por exemplo
beber e muitas outras

coisas feias, alguns
moças vom com a intenção
de brincar e outras vom
com a intenção de brigar
e fazer escândalos.

E nas ruas a coisa é
pior ainda porque
os policiais ficam
empurrando daqui e dali,
as pessoas mais altas ficam
na frente e a mais baixa
fica em baixo ouvindo
a música.

que é o meu caso.
É os rapazes que ficam
saltando piastinhas as
moças que passam pelos
mesas quase despidas.
É a minha opinião
sobre o carnaval

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- erros gramaticais.
- erros de concordância.

OK!

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* matinê

Carnaval é uma festa do povo, gostei muito da maneira como é realizado o carnaval cuiabano nos clubes.

Brinquei os três dias. Não pude ter uma visão muito ampla sobre o carnaval de meu país. Algumas escolas de samba dizem que as escolas de samba desfilaram muito bem.

Achei que o carnaval de meu país obteve grande êxito. Evidentemente que os clubes também tiveram o seu sucesso como também as batalhas de confetes realizadas.

No carnaval como já disse antes que tempo de muito carnaval e

tempo de alegria onde todos podem pular bônus e fazer tudo o que deseja fazer.

No carnaval de meu país algumas escolas poderiam fazer mostrar tudo de si para o seu país. Algumas escolas de samba neste ano foram muito prejudicadas mas gostei muito do carnaval de 78.

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- assunto bastante longe do texto
- erro pequeno em concordância.

OK!

Fevereiro, Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* DESFILE MARAVILHOSO

Todos os anos o Carnaval Brasileiro, é bem lembrado por todos, crianças e até mesmo os velhinhos. A alegria nas cidades, nas ruas.

São verdadeiras e maravilhosas as fantasias, as fantasias, a música e a dança, lembram nossos costumes e tradições.

A cada ano o Brasil conserva com originalidade o carnaval e o desfile de todos.

O Rei e a Rainha, é lembrado por ser uma figura contente e vibrante.

O desfile é maravilhoso termina um e o pessoal, já está pensando num próximo desfile de carnaval, apesar que este ano,

Vamos ter penas, penas, e plumas nas ruas. Para evitar matança, de muitas aves, que eu acho que seja a coisa mais certa que já fizeram.

Vamos brincar o carnaval, o desfile com muito samba, confete e serpentina. Que o desfile do próximo ano, seja melhor que o deste ano.

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- concordância
- assunto pobre
- falta de verbos novos

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

Carnaval, um grito de alegria

O carnaval é uma festa pública realizada em fevereiro. É como um grito de alegria, originado de vários povos, sofrendo a maior influência dos africanos. É famoso como: Alain Delon, Raquel Welch, Jacqueline Bisset e outros visitantes. Foi ser o melhor carnaval brasileiro, o Rio de Janeiro tem o seu desfile transmitido para as telas da Televisão.

Embora haja muita samba no carnaval, há também muita bebida alcoólica, o que é um fator visível e conside- rável nas brigas e desentendi- mentos, já citados, há uma certa contrate- nização de pessoas que

O desfile que tem festa a fim de ser de grande popularidade, pelo menos por no Brasil é o do Rio de Janeiro, o que é essa felicidade. É em- bem comum a vez em quando ver esse com- nome internacional, essa alegria mistu- rado com passos bonitos

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- assunto bom
- riqueza intepretativa
- ótima.

Fevereiro, Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* Carnaval Alegre

Este carnaval foi ótimo porque os desfiles, os batalhões e o matinê foram bem organizados. Se bem que 100% de pessoas, 50% gostam de carnaval, mas contudo isso para aqueles que gostam os quatro dias foram poucos. O carnaval de Luanda não é tão famoso como é carnaval carioca. Os desfiles são bonitos, a vestimenta delas são lindas e cores.

As batalhas também foram ótimas porque nós também participamos da alegria dos blocos.

Veru também as batalhas infantis, que também foi muito mais alegre porque só tinham

crianças. Elas levavam confetes e jogavam em outros pessoas. É para completar a alegria das crianças comparecem o palhaço pitusa.

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- assunto regular
- pouca capacidade interpretativa.
- uso de concordância.

Fevereiro. Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

O carnaval Brasileiro

* O carnaval Brasileiro já é uma tradição, de seja uma manifestação folclórica inesquecível para todos os brasileiros. Porque ele é um grande divertimento. A muita samba... muitas fantasias... e muita folia.

Neste ano o nosso carnaval estava muito animado! Para iniciá-lo foram promovidas ~~foram promovidas~~ batalhas de confetes, matinês dançantes, arances, pêsames carnavalescos etc. Os clubes promoveram bailes de carnaval nas escolas desfilando nas avenidas enfeitadas e repletas de admiradores e turistas.

Algumas cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba prepararam com muito trabalho e

dedicação o seu carnaval! Trabalharam fantasias luminosas e brilhantes desfilavam nas ruas, e salões, carros alegóricos enfeitados e alegres.

Nos clubes uma alegria total, todo mundo pulando, cantando, sorrindo e enfim aproveitando o Reinado de Momo.

Tudo isso fez parte do carnaval Brasileiro, apesar de eu não gostar muito de carnaval achei que este ano ele estava muito bom.

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

- assunto bom

- caligrafia ótima.

Fevereiro, Carnaval ...

Escolha um assunto sobre o carnaval (desfile, matinê, batalha, etc.)

Dê um título.

* CARNAVAL CUIABANO: Foi o melhor do Centro-Oeste.

Este ano na minha opinião o carnaval cuiabano foi considerado o melhor do Centro-Oeste, pois nele houve maior brilhantismo que no ano passado.

O colorido era geral, tanto nas avenidas como nos clubes. Todos brincaram com grande euforia e satisfação, parecendo ser o dia da nossa independência.

Nas avenidas as escolas de samba e os cordões dançavam com grande samba no pé, mostrando a originalidade e a capacidade do povo cuiabano. Tudo era colorido, belo e fascinante,

a decoração era de primeira, mostrando toda a fantasia do dom. criativo do povo desta terra.

As serpentinas e os confetes entrelaçavam o céu azul da nossa capital dando um colorido todo especial.

* espaço reservado para comentário e nota do professor.

OS MARCADORES DA ENUNCIACÃO: SUA
REALIZACÃO NO DISCURSO ESCOLAR

S I N O P S E

A partir da observacão de que as pesquisas sobre o ensino da Língua Portuguesa, estão, geralmente, voltadas para o aspecto da correçãõ gramatical, procurou-se, neste trabalho, focalizar os aspectos relativos à comunicacão e expressãõ no meio escolar, com fundamentos na teoria da enun -
ciacão.

ANTONINA COELHO PINTO